



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TIAGO SOUZA DE JESUS

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: EDUCAÇÃO E VIDA URBANA NEGRA NA
COMUNIDADE ROSALINA, FORTALEZA/CE.**

FORTALEZA

2023

TIAGO SOUZA DE JESUS

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: EDUCAÇÃO E VIDA URBANA NEGRA NA
COMUNIDADE ROSALINA, FORTALEZA/CE.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Cunha Junior.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- J56m Jesus, Tiago Souza de.
Memórias e Histórias : Educação e vida urbana negra na Comunidade Rosalina, Fortaleza/CE / Tiago Souza de Jesus. – 2023.
131 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Henrique Cunha Junior.
1. Afrodescendência. 2. População negra. 3. Patrimônio Material e Imaterial. 4. Comunidade Rosalina. 5. Autobiografia. I. Título.

CDD 370

TIAGO SOUZA DE JESUS

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: EDUCAÇÃO E VIDA URBANA NEGRA NA
COMUNIDADE ROSALINA, FORTALEZA/CE.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Data da aprovação: 25/04/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Cunha Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Sandra Haydeé Petit
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Cícera Nunes
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Aos moradores da Comunidade Rosalina que lutam até os dias de hoje e aos que lutaram por condições básicas de vida, reafirmando sua dignidade enquanto afrodescendentes. Aos meus avós, que partiram durante o meu processo de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer ao meu orientador, Henrique Cunha Junior, por toda confiança depositada em mim e por em muitos momentos acreditar no meu potencial de forma que eu consegui continuar caminhando, mesmo eu crendo que não ser capaz de concluir tal objetivo. Considero que se cobrar muito e acreditar que sou menos capaz é uma das formas que o racismo se reveste na vida dos afrodescendentes. Em todos os momentos que eu tanto acreditei que não seria capaz, o prof. Henrique me deu a mão e me acalmou, seja compartilhando suas experiências, seja com acupuntura na sala de sua residência, mostrando que eu seria capaz de chegar até aqui. Preciso de alguns milhares de anos para retribuir todo o carinho, orientações, acolhimento e afeto que o senhor meu deu até agora.

À minha mãe que tanto me mostrou na prática como lidar com as dificuldades. Se alguém me elogia, deveria primeiro elogiar a senhora, pois hoje sou o que a senhora me ensinou a ser. Ao meu filho Bento, que me ensinou a ser pai. Todo meu amor por ti é imensurável. À Luana, minha companheira, carinhosa, minha melhor amiga, minha esposa. Tenho sorte de ter você na minha vida. Obrigado por todo apoio e sobretudo pela paciência nas ausências. Ao meu pai, que não sei onde está neste momento, mas que desejo do fundo do meu coração que esteja bem, apesar de tudo!

Agradeço também a FUNCAP pelos primeiros meses de financiamento da minha pesquisa e agradeço também a CAPES pelo subsídio financeiro na reta final da minha pesquisa. Esse financiamento contribuiu efetivamente para a minha organização para alcançar os objetivos traçados. Agradeço também ao PPGE-UFC e a biblioteca da UFC, sem a estrutura e o corpo docente, certamente eu teria mais dificuldade em desenvolver minha pesquisa. Agradeço também a SEINF pela disposição em fornecer estudos sobre a comunidade Rosalina.

Agradeço ao prof. Cleber, que durante a minha formação me mostrou um caminho e hoje estou aqui! Sua história de vida me inspira a seguir sendo teimoso estudando e trabalhando num país racista. À professora Cícera, que tive o prazer de conhecer em momentos ricos de partilha de conhecimentos. Sinto que a conexão há décadas. Obrigado pelo carinho, atenção e ensinamentos. Sua história de vida me inspira. À professora Sandra Petit, que quando cheguei de São Paulo me acolheu no NACE e partilhou momentos ricos. À professora Clarice Zientarski que, em tão pouco tempo, me deu gigantescas contribuições para avançar no trabalho de pesquisa. Ao professor João Figueiredo e Luís Távora pelo carinho e pelos momentos maravilhosos às quartas-feiras.

Agradeço à Rosângela, minha diretora, mulher negra, forte e de um coração imenso. Seu carinho por mim é um débito infinito que tenho com você. À minha coordenadora maravilhosa Walnyse, mulher da cultura, dos batuques e maracatu. O débito de carinho que tenho com você é idêntico ao que tenho com a nossa diretora. Ao Jarles, que sempre foi sincero comigo.

Agradeço ao Victor, grande amigo que tive o prazer de conhecer no dia a dia de ser professor. Ao grupo ÉtnicoLeituras (uma das várias parcerias com o Victor), em especial à Ana Ruth, Celina, Silmara e Layce. O letramento racial crítico é potente! À Samia pela força que tem, pela amizade, pela sinceridade no olhar e pela lealdade na luta antirracista. Ao Léo, meu primo, irmão que tanto me ensinou os “macetes” do dia a dia na Rosalina. Ao Leonardo e ao Márcio (Manin) pela amizade desde a infância. Merielly, Márcia e Samuel, pelas parcerias e conexões Fortaleza-Crato. Agradeço ao Elisberto, que foi meu orientador da CEDEA, por me mostrar a importância de um trabalho comprometido com a educação pública e a concepção avançada de educação. Aos superintendentes da CREDE 01, por me mostrar a importância de se trabalhar com leveza. À Socorrinha, Bruno e Evaldo, os articuladores mais articulados que já vi. À Ticiania, pela amizade. Aos amigos Leonardo (Jotão) e Filipe Romano (Katatau) pela amizade e pelas sinceridades.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os moradores da comunidade Rosalina. Na gênese da comunidade está a luta por dignidade e o direito à moradia conquistado por alguns e ainda em pauta na vida de muitos outros. Me mostraram na prática que se não nos associarmos, se não for todos juntos, se não for em comunidade, não avançamos. Eu sou porque somos!

"Quando os missionários chegaram, os africanos tinham a terra e os missionários tinham a Bíblia. Eles nos ensinaram a rezar de olhos fechados. Quando nós os abrimos, eles tinham a terra e nós tínhamos a Bíblia."

(Jomo Kenyatta)

“A blockbuster não aluga dvd pra você
O Mcdonald's não faz big mac pra você
O designer da Ford não desenha pra você
O Hopi Hari não quer brincar com você
Pro seu endereço as lojas, Copagaz não entrega
As cartas não chegam, o patrão não emprega”
(Facção Central - O Sonho que eu não quero ter, 2006)

““Eu ligo o som lá em casa, é inevitável,
A molecada vem de todos os lados,
E já, na porta, altos cumprimentos,
Comentários sobre o dia no Plano.
E, nesse entra e sai, vai e vem,
Todos se divertem
E alguns até esquecem que, às quatro e meia da matina,
A rotina se inicia: Arroz, feijão na marmita fria.
Mas fazer o quê?! Se a lei aqui é sobreviver.
Todo dia é mais um dia D.
Será que um dia isso vai se inverter?
Só se você se envolver – Deus nos ajude!”
(GOG - Dia a dia da Periferia, 1994)

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa envereda pelos caminhos da autobiografia, do patrimônio cultural negro e da vida urbana afrodescendente na Comunidade Rosalina, um bairro negro localizado na Secretaria Executiva Regional VIII (SER VIII) da cidade de Fortaleza-CE. A Comunidade tem seu surgimento, segundo relatos de moradores mais antigos, em 1992. Caminhando pelos meandros das narrativas em relação à fundação da Rosalina, observamos dois marcos históricos: o primeiro refere-se ao ano de 1992, um período embrionário do bairro. Já o segundo, o ano de 1996, período em que houve significativo movimento de ocupação em massa do território que conhecemos hoje como Comunidade Rosalina. Entre os anos de 1992 e 2016, houve uma expansão territorial da comunidade, que tomou proporções de um bairro. Abordamos a questão da espacialidade negra, forma urbana negra, identidade e segregação espacial. Em perspectiva, o bairro negro é uma metamorfose das experiências afrodescendentes em um território. A especificidade das experiências formam estruturas e criam bairros distintos dos demais bairros onde a presença afrodescendente é inferior em relação aos eurodescendentes. Por patrimônio cultural negro entendemos tudo que é material e imaterial, carregado de valores dado pela sua própria população, à memória, história e cultura afrodescendente. Toda essa trajetória de pesquisa me coloca em uma posição de questionar a própria identidade, uma vez que a memória delinea a identidade étnica. A pesquisa buscou evidenciar as memórias territorializadas na Comunidade Rosalina. É evidenciado múltiplas experiências cotidianas vividas em um contexto marcado pelo racismo antinegro e pela segregação espacial e social. Todo esse percurso delineou as formas urbanas de vida afrodescendente e como a educação territorializada está presente e forma as estratégias de vida, as redes e sociabilidades dos moradores da comunidade Rosalina.

Palavras-chave: afrodescendência; população Negra; patrimônio material e imaterial; comunidade rosalina; autobiografia.

RÉSUMÉ

Ce travail de recherche prend le chemin de l'autobiographie, du patrimoine culturel noir et de la vie urbaine afro-descendante dans la Comunidade Rosalina, un quartier noir situé dans le Secrétariat Exécutif Régional VIII de la ville de Fortaleza-CE. La Communauté a son émergence, selon les rapports des résidents plus âgés, en 1992. En parcourant les subtilités des récits en relation avec la fondation de Rosalina, nous observons deux jalons historiques: le premier fait référence à l'année 1992, une période embryonnaire du quartier. La seconde, l'année 1996, une période au cours de laquelle il y a eu un important mouvement d'occupation massive du territoire que nous connaissons aujourd'hui sous le nom de Communauté Rosalina. Entre 1992 et 2016, il y a eu une expansion territoriale de la communauté, qui a pris les proportions d'un quartier. Nous abordons la question de la spatialité noire, de la forme urbaine noire, de l'identité et de la ségrégation spatiale. En perspective, le quartier noir est une métamorphose des expériences afro-descendantes dans un territoire. La spécificité des expériences structure et crée des quartiers différents des autres quartiers où la présence afro-descendante est inférieure à celle des euro-descendants. Par héritage culturel noir, nous entendons tout ce qui est matériel et immatériel, chargé de valeurs données par sa propre population, à la mémoire, à l'histoire et à la culture afro-descendante. Tout ce parcours de recherche me met en position de questionner ma propre identité, puisque la mémoire délimite l'identité ethnique. La recherche visait à mettre en évidence les mémoires territorialisées dans la Communauté Rosalina. De multiples expériences quotidiennes vécues dans un contexte marqué par le racisme anti-noir et la ségrégation spatiale et sociale sont mises en évidence. Tout ce parcours décrit les formes urbaines de la vie afro-descendante et comment l'éducation territorialisée est présente et forme les stratégies de vie, les réseaux et la sociabilité des résidents de la communauté Rosalina.

Les Mots Clés: afrodescendance; black neighborhoods; african cultural heritage; communauté rosalina; autobiographie.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Meu avô e eu em sua casa na cidade de Parnaíba-PI.....	33
Figura 2 -	Registro de um dia comum, no quintal da casa dos meus avós paternos.....	36
Figura 3 -	Registro de um domingo no quintal da casa dos meus avós paternos.....	37
Figura 4 -	Tias, primos, primas e eu em um dia comum no Jardim da casa dos meus avós maternos, em 1997, em Parnaíba-PI.....	39
Figura 5 -	Imagem da minha avó materna em sua casa.....	40
Figura 6 -	Localização geográfica das duas primeiras moradias em Fortaleza-CE.....	42
Figura 7 -	Imagem da minha antiga casa, na rua Amorim Paiva.....	44
Figura 8 -	Imagem da rua Edson Alves.....	46
Figura 9 -	Vista da rua Hildebrando Pereira.....	48
Figura 10 -	Localização da Comunidade Rosalina e distância até o centro comercial de Fortaleza.....	57
Figura 11 -	Desenho esquemático da área que compreende a comunidade Rosalina dentro da divisão administrativo do bairro Parque Dois Irmãos.....	58
Figura 12 -	Vista de cima da comunidade Rosalina.....	60
Figura 13 -	Vista do terreno já ocupado.....	61
Figura 14 -	Tenda montada pela associação para atendimento de serviço social.....	62
Figura 15 -	Moradores construindo suas moradias coletivamente.....	62
Figura 16 -	Morador da comunidade realizando reparo de um cano exposto em frente a sua residência.....	65
Figura 17 -	Planta baixa da comunidade Rosalina.....	67
Figura 18 -	Visão aproximada da Planta baixa da comunidade Rosalina.....	68
Figura 19 -	Vista da comunidade Rosalina e do local de intervenção.....	69
Figura 20 -	Vista das habitações abandonadas pela prefeitura e ocupadas em 2012 por moradores da Rosalina.....	70
Figura 21 -	Vista do espaço ocupado entre o Conjunto Habitacional e a Comunidade Rosalina em 2016.....	71
Figura 22 -	Criança brincando no pula-pula, na esquina da rua Hildebrando Pereira, no entorno da Areninha do campo do Palito.....	76
Figura 23 -	Vista do entorno da areninha em dia de jogo de futebol.....	77
Figura 24 -	Partida de futebol ocorrido no dia 24/12/2017, no campo do Palito, entre torcedores do Ceará e torcedores do Fortaleza.....	80
Figura 25 -	Vista de cima da rua Edson Alves.....	83

Figura 26 -	Comércio de Zimbabwe localizado na Rua do Matadouro. Data: jan/2023....	87
Figura 27 -	Vista da rua Edson Brasil, na comunidade Rosalina.....	89
Figura 28 -	Vista da rua Thomaz Coelho, trecho em construção, habitado em 2016.....	90
Figura 29 -	Clube da leitura com crianças da Comunidade, iniciativa da Associação Comunitária Rosalina.....	91
Figura 30 -	Amigos e colegas de infância em um dia comum na Comunidade Rosalina. Data: c. 2005.....	94

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ACRAAT	Associação Cultural Capoeira Raízes Da Terra
CAPES	Coordenação De Aperfeioamento De Pessoal De Ensino Superior
CEASA	Centro Estadual De Abastecimento
CEDEA	Célula De Desenvolvimento Da Escola E Da Aprendizagem
COELCE	Companhia Energética Do Ceará
COVID	Corona Vírus Disease
CREDE	Coordenadoria Regional De Desenvolvimento Da Educação
EMEIF	Escola Municipal De Ensino Infantil E Fundamental
ENEL	Entidade Nacional De Eletricidade
ENEM	Exame Nacional Do Ensino Médio
FNB	Frente Negra Brasileira
FUNCAP	Fundação Cearense De Apoio Ao Desenvolvimento Científico E Tecnológico
GOG	Genival Oliveira Gonalves
HABITAFOR	Secretaria Municipal De Desenvolvimento Habitacional De Fortaleza
HAOC	Hospital Alemão Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística
IPLANFOR	Instituto De Planejamento De Fortaleza
MC's	Mestres De Cerimnia
MNU	Movimento Negro Unificado
NACE	Núcleo De Africanidades Cearenses
NEABI	Núcleo De Estudos Afro-brasileiros
PMF	Prefeitura Municipal De Fortaleza
PPGE	Programa De Pós-graduação Em Educação Brasileira
SEINF	Secretaria Municipal De Infraestrutura
SER	Secretaria Executiva Regional
UFC	Universidade Federal Do Ceará
UFG	Universidade Federal De Goiás
UNIFESP	Universidade Federal De São Paulo
USP	Universidade De São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	MEMÓRIAS URBANAS NEGRAS.....	28
2.1	O poder científico das histórias de vida afrodescendentes.....	28
2.2	Minha autobiografia.....	29
2.2.1	<i>1º fase: o primeiro ciclo da vida: Parnaíba-PI.....</i>	<i>33</i>
2.2.2	<i>2º fase: o segundo ciclo da vida: Fortaleza-CE.....</i>	<i>39</i>
2.2.3	<i>3º fase: fim e início de mais um ciclo e o retorno ao início de tudo.....</i>	<i>47</i>
2.2.4	<i>4º fase: uma nova busca por oportunidades em São Paulo-SP.....</i>	<i>48</i>
3	PEÇA DE UM MOSAICO: O LOCAL HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA COMUNIDADE ROSALINA.....	52
3.1	Formação histórica da cidade de Fortaleza.....	52
3.2	O processo de ocupação do território: luta pela garantia fundamental do direito à moradia.....	56
3.2.1	<i>A questão da moradia: como se ocupa.....</i>	<i>57</i>
3.2.2	<i>A questão da moradia: como se aluga.....</i>	<i>61</i>
3.2.3	<i>As políticas habitacionais e a “Rosalina Nova” (2005-2016).....</i>	<i>64</i>
4	VIVER EM COMUNIDADE: ESTRATÉGIAS DE VIDA, SOCIABILIDADES E EDUCAÇÃO.....	71
4.1	Forma negra urbana afrodescendente.....	72
4.2	Sociabilidades, redes e estratégias de vida.....	79
4.3	Topografia do patrimônio cultural negro.....	86
4.4	A espacialidade negra da educação.....	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
	REFERÊNCIAS.....	105
	ANEXO – ESTUDOS DO SOLO REALIZADO PELA SEINF NA COMUNIDADE ROSALINA, 2003.....	110

1 INTRODUÇÃO

Lembro-me de um dos aprendizados enquanto criança morador da comunidade Rosalina, na cidade de Fortaleza, Ceará. Éramos um grupo de crianças que sentia necessidade de brincar, e não tínhamos brinquedos, pois não ganhávamos presentes de brinquedos. Diante dessa necessidade, começamos a inventar e criar as mais diversas formas de brincar que pudessem trazer alegria aos meus amigos e a mim. A partilha dos brinquedos entre meus amigos e eu eram simulacros da própria realidade da vida adulta na comunidade.

Essas experiências e trajetórias produzem minha identidade étnica enquanto negro, isto é, uma “identidade [que] traduz o sentimento de fazer parte de um lugar, de uma memória lembrada, reavivada, de uma população e de um povo” (CUNHA JR., 2019a, p. 70 grifo meu, inclusão minha). Em uma perspectiva mais individual, Philippe Artières coloca que “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1998, p. 11)

Num sistema hegemônico e eurocêntrico a memória coletiva e individual dos afrodescendentes são apagadas. A cultura e tradições que são de origem africanas são diluídas e chamadas de cultura popular, distanciando o povo da sua ligação ancestral africana. Esse apagamento e distanciamento das culturas dos povos africanos nos bairros de maioria negra, leva as populações a vivenciarem situações de racismo, por falta de conhecimento da população sobre a origem das tradições vivenciadas na comunidade como: as rezadeiras, as religiões de matriz africanas (Candomblé, Umbanda e outras.), a cura com as plantas medicinais, danças, modo de vida e comportamento, modelos de construção de casas, alimentação. “Os estereótipos geram os preconceitos, que se constituem em um juízo prévio a uma ausência de real conhecimento do outro”. (MUNANGA; SILVA, 2005 p. 24).

Aliás, lembro-me quando criança, estudante de uma instituição de ensino formal do bairro Itaperi, não me chamavam de Tiago, chamavam-me de “sem-terra”¹. À época, 2001, a comunidade chamava-se Rosalina², porém, externamente, ainda carregava o primeiro nome:

¹ Ao dizer que morava no sem terra, meus colegas da escola me perguntavam: “lá não tem terra?” ou “por que você não pega terra lá do meu bairro?”. O fato de eu morar no sem terra não foi explicado pelas professoras do fundamental I em uma escola do bairro Parque Dois Irmãos. Aliás, eu evitava falar do meu bairro, uma vez que as professoras sentiam-se um tanto constrangidas com a conversa.

² Nome dado em homenagem à filha de Carlão, liderança na ocupação ocorrida em 1996. Sua filha, Rosalina Rodrigues, veio a falecer em 1997 devido a complicação de uma doença que contraiu. A Comunidade então resolveu batizar o nome da ocupação em homenagem à sua filha que havia falecido com 7 anos de idade.

sem-terra. Os meus colegas e professores não conseguiam situar geograficamente a Rosalina, por desconhecer o novo nome da comunidade. Então, para evitar explicações, à medida que era perguntado, eu respondia: “eu moro no sem-terra”. Esse apagamento de nome, contribui, ainda que de forma dolorosa para uma criança, na produção de sua identidade, ao mesmo tempo produz estereótipos e expõe a dificuldade em que a educação formal tem de lidar com estudantes de realidades específicas.

A minha trajetória enquanto sujeito foi marcada pela sociabilidade das experiências vivenciadas, da educação não escolarizada, dos saberes dos mais velhos. As memórias de infância (1999 - 2003) e o retorno como morador do bairro em 2017, com olhar de acadêmico, trouxe algumas inquietações que tomaram forma de pesquisa científica no mesmo ano, quando tive o primeiro contato com o livro *Espaço urbano e afrodescendência: Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas* publicado em 2007 por Maria Estela Rocha Ramos e Henrique Cunha Junior.

Na ocasião do contato com a obra, cursava Graduação em Pedagogia na UFC, especificamente na disciplina Educação e Afrodescendência, ministrada pelo Dr. Henrique Cunha. O período coincidiu com o início da fase de elaboração do projeto de pesquisa a ser apresentado ao curso de especialização em História e cultura Afro-brasileira e Africana, do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás, no qual ingressei no ano de 2016.

O estudo realizado na monografia da pós-graduação *lato sensu* enveredou pelos caminhos de fazer um resgate histórico da comunidade Rosalina, demarcando-a como um território de maioria afrodescendente na cidade de Fortaleza, evidenciando elementos presentes no processo histórico de construção do bairro da capital cearense, trazendo as resistências do cotidiano que perspectiva de maneira positiva o orgulho de pertencer ao bairro negro. Trabalhando a noção de lugar, do ponto de vista afetivo, presente entre os moradores da comunidade.

Após o fim da pesquisa, senti a necessidade de aprofundar os estudos, a partir de outras perspectivas. Em seu texto *Bairros negros: a forma urbana das populações negras*, Henrique Cunha Junior afirma que as formas urbanas negras encapsulam as afro-inscrições negras urbanas e que estas evidenciam "a existência e autoexpressão, os reconhecimentos e os direitos aos patrimônios culturais produzidos" (CUNHA JR., 2019a, p. 82). É a partir dessa perspectiva que a presente pesquisa nasce para averiguar e compreender a forma urbana negra da comunidade Rosalina a partir dos elementos históricos identitários da cultura negra numa

perspectiva da educação e afrodescendência como lugar de pertencimento. Essa perspectiva, portanto, encontra-se no escopo da investigação que aqui foi construída.

Compreender a educação na comunidade Rosalina, implica compreendermos as formas negras urbanas, uma vez que, segundo Maria Estela Rocha Ramos, “é no bairro que as pessoas vivem, produzem sua vivência concreta e suas subjetividades, este espaço urbano também tem a função de reproduzir conhecimento” (RAMOS, 2013, p. 197). Essa compreensão se dá pelo conhecimento da dinâmica dos elementos espaciais que formam o bairro negro, inscrito na concepção de Ramos: “os quintais, nos espaços coletivos, espaços sagrados, mercados e áreas vegetais” (RAMOS, 2013, p. 198).

Da dinâmica social, Muniz Sodré, em seu livro *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*, aponta que o sistema escravagista desfez parte significativa das organizações feitas pelos negros no Brasil, o que enseja a criação do que ele chama de "grupo patrimonial", que permita relações de solidariedade dentro do próprio espaço (Sodré, 2002). Seguindo nesta linha de raciocínio, Sodré ao falar dos terreiros, evidencia o território como possibilidade de "reconstituir as linhagens [...] [como] um ato político de repatrimonialização" (Sodré, 2002, p. 75 grifo meu). Patrimônio é, portanto, aquilo que "remete à coletividade, ao anti-individualismo" (*Idem*, 2002, p. 74).

Dos objetivos

Diante desse panorama, da vida das pessoas nos bairros, dos processos educativos, da dinâmica social negro-brasileira, da necessidade de se conhecer a especificidade das formas urbanas negras, buscaremos compreender a educação na comunidade Rosalina de uma forma territorializada e entrelaçada com a situação de vida da população afrodescendente. A minha preocupação é com a situação de vida dos moradores da comunidade, em todas as dimensões já apresentadas.

Para isso, a investigação apresenta os seguintes questionamentos: Qual a relação dos moradores com o bairro a partir dos elementos históricos da cultura negra? Quais as formas e como se dão as redes de organização dos afrodescendentes da comunidade Rosalina? Por fim, e não menos importante: Como a educação está presente na vida e no cotidiano afrodescendente da comunidade Rosalina? Partindo dessas perguntas, a seguir elaboramos os seguintes objetivos como ponto fulcral para desdobramento desta pesquisa.

Como objetivo geral, busco compreender a forma urbana negra da comunidade Rosalina a partir dos elementos históricos da cultura negra, e examinar como eles influenciam e marcam a identidade, o pertencimento e a educação afrodescendente com o lugar. E, delimitando como objetivos específicos, os seguintes pontos: 1. Entender a especificidade da construção do bairro como patrimônio cultural afrodescendente e as relações afetivas dos moradores com este. 2. Compreender os lugares, as redes e sociabilidades presentes na comunidade Rosalina como formas de vida Afrodescendente no bairro, analisando os processos educativos existentes nesses lugares, redes e formas urbanas de vida afrodescendente. 3. Analisar a trajetória de vida afrodescendente como forma de compreender as contradições cotidianas, os desafios impostos pelo racismo antinegro e como esse processo forma a identidade étnica negra, a partir das experiências em múltiplos territórios.

Referencial do pensamento de base africana

Para tal, foi necessário caminhar junto com intelectuais e obras fundamentais ancoradas no pensamento de base africana movimentando conceitos como Ancestralidade (CUNHA JR., 2001; OLIVEIRA, 2012), Comunidade (CUNHA JR., 2019a; RAMOS, 2013), Território e espaço (ANJOS, 2009, 2014; SANTOS, 1999, 2006, 1988; ROLNIK, 1989), Identidade (GLISSANT, 2005; CUNHA JR., 2019b; SODRÉ, 2002; DIOP, 1982), Africanidades e Afrodescendência (SILVA, 2003; MUNANGA, 2012; CUNHA JR., 2001) e Educação (CUNHA JR., 2017, 2019a, 2001; VIDEIRA, 2010).

Durante o colonialismo, o Brasil detinha significativo número de africanos desterritorializados (ALENCASTRO, 2000; ROLNIK, 1989). Fato ocorrido da perda do território físico no longo processo do escravismo criminoso que durou quase quatro séculos. Dessa perda, aponta Kabengele Munanga, “os africanos e sua descendência se lançaram na busca de territórios próprios” (MUNANGA, 2012, p. 17). Essa busca se dá pela necessidade de um espaço físico para cultivar sua fé e expressar sua cultura. Esse lugar é o que chamamos de “territórios étnicos no contexto urbano brasileiro” (MUNANGA, *Op., cit.*, p. 18). Os lugares de expressão dos cultos aos orixás, deuses e *inkisi*, bem como da cultura de base africana delineia o que Anjos chama de “identidades territorializadas resistentes-sobreviventes” (ANJOS, 2014, p. 333).

Por território, tomamos como base o pensamento de Milton Santos em seu artigo O dinheiro e o Território, o qual compreende o território como “lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a

história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS, 1999, p. 7). Nessa mesma compreensão, o geógrafo negro Rafael Sanzio, conceitua que “o território étnico ou de população negra é o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial, e, geralmente, a sua população tem um traço de origem comum” (ANJOS, 2009, p. 149). Essa afirmação vai ao encontro do pensamento de Cheikh Anta Diop, o qual afirma que a identidade cultural de um povo está necessariamente ligada a três grandes fatores: a cultura, o psicológico e o histórico (DIOP, 1982).

Glissant, por sua vez, ao movimentar conceitos como rastro-resíduo e totalidade-mundo, vê uma identidade que faz oposição à hegemonia da história única. É nesse limite que entendo sua ideia de identidade que de certa forma me ajuda a entender a *processualidade* da identidade na Rosalina, aquela forjada na diferença (GLISSANT, 2005), no limite da fronteira que estabelece relações que se seguem em processo neste instante da história.

É importante que conceituemos o que chamamos de bairro negro. Para isso, é necessário compreendermos sua formação histórica. Especificamente, “a formação de um bairro negro é marcada por um processo histórico das várias expressões de culturas negras que configuram diferentes sociabilidades e espacialidades” (RAMOS, 2013, p. 195), entre as quais, a solidariedade é um dado qualitativo fortemente presente nos afrodescendentes que vivem nos bairros. Essa é a marca profunda que encontramos quando remontamos a história de um bairro negro. A ocupação do espaço pela população negra, em uma análise sócio-histórica do processo, resulta nessas dimensões sociais e afetivas citadas.

O intelectual negro Milton Santos (1997) trás a concepção de que o espaço geográfico “é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá” (SANTOS, 1997, p. 51). A cultura negra imprime nos bairros sua marca e dinamiza o espaço. Seguindo nessa linha, este, considerando seu *continuum* cultural, decorre de uma “história coletiva que explora possibilidades de uma criação autônoma pela forte expressão cultural afro-brasileira” (RAMOS, 2013, p. 228). O bairro negro é, portanto, “aquele onde predomina a cultura negra” (RAMOS, *Op., cit., idem*). No entanto, há, porém, forças políticas e econômicas que determinam a ocupação e apropriação de territórios. Isso implica dizer que a ocupação e transformação do território em um bairro negro é precedida de decisões externas à própria população que a ocupa.

A comunidade Rosalina é produto das forças econômicas e políticas que independem dos interesses da população local. A parcela da cidade em que ela se encontra, ao contrário de

outras parcelas do território da cidade de Fortaleza, no qual a maioria dos moradores são de maioria eurodescendente, não decorre de planejamento urbano, não detém espaços tecnológicos e investimentos públicos. O processo de desqualificação da população afrodescendente, que os afasta dos centros de investimento público, é conceituado por Milton Santos em sua obra *O espaço do cidadão de localizações forçadas*.

“A localização das pessoas, é na maioria das vezes, produto de uma combinação entre as forças de mercado e decisões de governo. Como o resultado é independente da vontade dos indivíduos atingidos, frequentemente se fala de migrações forçadas pelas circunstâncias [...] Isso equivale também a falar de localizações forçadas. Muitas destas contribuem para aumentar a pobreza e não para suprimir ou atenuar.” (SANTOS, 1993, p. 112-113)

Essas localizações forçadas causam desníveis econômicos territoriais e contribuem para o aumento da pobreza urbana. Com isso, a população afrodescendente localizada nos bairros negros são empobrecidas por uma política equacionada à este fim. O processo de desqualificação social da população afrodescendente no Brasil é um projeto em vigor há mais de cem anos. Um dos resultados é a ideologia da mestiçagem. A política do período Republicano pode ser considerada "eurocêntrica e segregacionista" (CUNHA JR., 2016, p. 10). A reorganização das cidades, nos termos do pensamento de Néstor Garcia Canclini, em sua obra *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, aponta uma contradição em que se busca de um modernismo sem modernização (CANCLINI, 2008), aconteceu em cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza, um projeto baseado na ideia de modernização a ser seguido por todos.

“Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço) independente de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a acessibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está Enquanto um lugar vem a ser a condição de sua pobreza, um outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhes faltam.” (SANTOS, 1993, p. 81)

Os moradores dos bairros negros são empobrecidos. Para que possam usufruir dos equipamentos públicos de saúde, lazer e cultura, nós necessitamos de tempo e dinheiro. Diante dessa condição imposta é que surgem estratégias de sobrevivência. Guiné-Bissau, morador da comunidade Rosalina há mais de 20 anos tem um carro que é emprestado a vários moradores para ir trabalhar, passear, realizar procedimentos de saúde e etc.

Algo semelhante ao exemplo anterior acontece com a moto do Gâmbia, o carro do Egito, o carro do pai do Níger e tantos outros moradores que têm veículo próprio. O requisito para uso é o abastecimento do veículo com gasolina. Isso demonstra que “[...] a vida só tem sentido dentro de um trabalho na comunidade. A participação de cada um é condição para dizermos que vivemos como negros, ou seja, que vivemos.” (CUNHA JR., 1978, p. 4 *apud* ANTONIO, 2005, p. 36)

A solidariedade como componente de sociabilidade cotidiana na comunidade Rosalina, constitui em sua gênese o bairro. Os sistemas de ajuda mútua, o fato de um comprador de reciclados arredondar para cima o valor a ser pago pela mercadoria, pagando um pouco mais do que os papelões e os alumínio custam. Os trabalhos das igrejas, o compartilhar xícaras de açúcar, café e meio quilo de arroz entre os vizinhos são empatias, solidariedades e amor (JESUS, 2014) que encontramos presente nas redes e sociabilidades da Rosalina. Tudo isso delinea a concepção da educação na perspectiva territorializada, que considera todos os elementos do bairro negro, da forma urbana negra e sua situação de vida.

Pesquisar a educação de forma territorializada a partir do conceito de forma urbana negra me coloca na luta do combate do que é estrutural: o racismo antinegro. Uma vez que "A educação precisa ser pensada tendo como base a realidade de base africana destes bairros negros e das suas relações sociais com o conjunto da sociedade" (CUNHA JR., 2017, p. 9). Para isso, necessitamos de um esforço para compreender as condições de vida da população negra, relacionando a sociedade brasileira atual com os problemas urbanos e esses com a situação de vida da população negra que vive nos bairros (CUNHA JR., 2019a).

Entendemos que a cultura de um bairro constitui como "reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem" (CUNHA JR., 2001, p. 12). Assim, a comunidade Rosalina refere-se às Africanidades, isto é, a “cultura brasileira de origem africana” (SILVA, 2003, p. 26). Por Africanidades entendemos como "reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana [*tendo como base*] [...] o desenvolvimento histórico destas nos limites condicionantes dos sistemas predominantes de escravismo criminoso e capitalista racista." (CUNHA JR., 2001, p. 11, grifo meu, inclusão minha).

A noção de lugar comunga com a ideia de Milton Santos que, sob o prisma da Globalização considera que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (SANTOS, 2006, p. 213). Essa relevância do lugar, adquire um significado simbólico e essa simbologia está no campo

afetivo - o orgulho por ter uma casa naquele lugar transita entre o campo afetivo e a conquista de um lugar para morar, uma condição real de vida.

Ancestralidade e comunidade são os dois valores sociais herdados pelos ancestrais africanos os quais me guiaram neste percurso. A definição desses conceitos está ancorada no pensamento de Henrique Cunha Júnior ao afirmar que ancestralidade e comunidade “nos coloca diante de um fazer da construção do lugar do território dado pelo acúmulo repetitivo da experiência humana” (CUNHA JR., 2007, p. 76). Ou seja, viver no bairro negro significa nutrir uma relação afetiva com o lugar. O sentimento que me faz sentir pertencente ao espaço onde vivi na infância é um indício da ancestralidade.

A Ancestralidade inscrita sob o pensamento de Eduardo Oliveira traduz-se numa “experiência de forma cultural que, por ser experiência, é já uma ética, uma vez que confere sentido às atitudes que se desdobram de seu útero cósmico até tornarem-se criaturas nascidas no ventre-terra” (OLIVEIRA, 2012, p. 39). O ventre-terra aqui é a comunidade da Rosalina.

Falando da porteira de dentro: percurso metodológico

O percurso trilhado na construção da presente pesquisa está ancorado na afrodescendência. Rechaçando o brancocêntrismo epistemológico e ocidental, realizamos o que Piedade Videira Lino chama de “abordagem sócio-histórica desse *continuum cultural*” (VIDEIRA, 2010, p. 51). Circunscrito sob a realidade brasileira, considera-se que os bairros negros são marcas profundas das civilizações africanas presentes em um processo longo de construção do território nacional. Processo este no qual tem em seu bojo a ancestralidade, a oralidade e a comunidade, materializados “dentro da sociedade brasileira nos valores socioculturais afrodescendentes que podem ser encontrados nas sociedades tradicionais africanas que se mantiveram nos grupos étnicos de maioria afrodescendente na diáspora” (VIDEIRA, *Op., cit.*, p. 53).

O propósito político-ideológico da Afrodescendência escancara uma forma de ser e estar na “academia”, sendo ela uma proposta feita por afrodescendentes para afrodescendentes, não referendando o etnocentrismo-eurocêntrico, nem conceituando as pesquisas a partir do pensamento greco-romano/judaico-cristão. A metodologia me coloca diante do que me constitui enquanto afrodescendente. A respeito da Metodologia Afrodescendente de Pesquisa, Henrique Cunha coloca que

Todas as pessoas, todas as coisas e todos os lugares têm a sua parte de NTU (Força Vital-Axé), na concepção Bantu do mundo. Tomando esta ideia do pensamento africano inferimos que: todas as

peças, todas as coisas e todos os lugares possuem uma parcela de conhecimento. Assim, a nossa postura de investigação científica é a troca de conhecimento com estas pessoas e com estes lugares que são ambientes da nossa pesquisa participante. (CUNHA JR., 2006, p.1)

Ao afirmar que a Rosalina faz parte de mim, me coloco diante dela para, assim, produzir conhecimentos sobre quem sou/é eu/ela. Neste sentido, não pesquisei a partir da cultura do “outro”, mas sim a partir *de* e *com* o que já conheço e que me conecta com a história e a cultura em um espaço urbano específico: a comunidade Rosalina. Seguindo nessa linha, “o pesquisador que desenvolve sua pesquisa pautado na afrodescendência está de forma física, mental, emocional e espiritual como parte do ambiente da cultura afrodescendente onde se instala a investigação desejada” (VIDEIRA, 2010, p. 86).

As civilizações africanas promoveram reelaborações da cultura, formas de vida próprias, traços religiosos e costumes cotidianos. Os habitantes dos bicos da nossa modernidade, descritos na trama *Bicos da Memória* de Conceição Evaristo (EVARISTO, 2013), são os descendentes dos africanos e sua ancestralidade nos bicos da Rosalina, que marcam a construção de uma identidade brasileira. A Afrodescendência como metodologia de pesquisa me fez trabalhar de “dentro da própria cultura e com dificuldades que afetam a própria existência” (CUNHA JR., 2008, p. 75).

Outra dimensão é a oralidade, entendida como “referência civilizatória africana, é apreendida como metodologia de pesquisa, através da história oral” (RAMOS, 2013, p. 74). Ao reconhecermos o pensamento de base africano, entendemos que a ancestralidade e a comunidade são pilares conceituais desse processo. “A ancestralidade nos coloca diante de um fazer da construção do lugar do território dado pelo acúmulo repetitivo da experiência humana” (CUNHA JR., *Op., cit.*, p. 76), enquanto que a “comunidade é vista como a força da identidade pela via da ancestralidade” (CUNHA JR., *Idem, ibidem*).

Como estratégia, utilizei a pesquisa-investigação, estabelecendo diálogos com grupos e redes presentes no bairro (RAMOS, *Op., cit.*, p. 74). Foram selecionados moradores antigos, tais como Zimbabwe, Songhai, Mali e ex-lideranças da Associação de Moradores presentes na ocupação de 07 de Julho de 1996. Além de um grupo de pessoas indicadas que também detém parcela da história da comunidade em suas memórias. Esses, no geral, já não residem mais na comunidade por algum motivo. Pessoas do grupo familiar de laços consanguíneos como tias, primos e primas também estavam dentro do grupo de entrevistados. Além dos citados, estão também as redes formais: 1 membro da Associação de Moradores atual e 1 mestre do grupo

de capoeira A.C.C.R.A.T. Além desses, as redes informais, tais como: redes de vizinhanças e parentescos e 3 comerciantes. Todos os entrevistados durante os percursos urbanos terão seus nomes referenciados como nomes de Impérios, reinos e países africanos.

Os percursos urbanos com utilização de diário de campo para registro do bairro e do cotidiano dos moradores perfaz uma estratégia da técnica de pesquisa. Registros fotográficos antigos, busca documental em acervos públicos e particulares da cidade de Fortaleza, bem como consulta aos arquivos históricos da Associação Comunitária Rosalina e aos arquivos pessoais das famílias aliadas aos testemunhos orais da pesquisa-investigação compõem o escopo documental consultado. Esse conjunto de documentos e registros vêm sendo analisados e contribuindo para a reconstrução histórica da comunidade.

Entendo os percursos urbanos como metodologia de pesquisa que permite ter a “experiência de caminhar e olhar na qual o pesquisador procura não apenas descrever, mas interpretar a realidade [e com isso,] podemos alcançar a consciência espacial das experiências sociais materializadas” (SILVA, CUNHA JR., 2019, p. 213). Dessa consciência espacial e seguindo nessa linha, Videira coloca que a educação assume papel central para “o coletivo se *autorrepresentar* e reinserir com autonomia na sociedade local e nacional” (VIDEIRA, 2010, p. 242). A consciência espacial, portanto, incide diretamente na autonomia de se *autorrepresentar* geograficamente nos espaços. Quando um morador diz: “eu *que* sou a Rosalina” (*sic*), significa sua *autoprojeção* espacial na própria comunidade, em que um é o outro ao mesmo tempo. Aqui se explica parte do sentimento de pertencimento afrodescendente.

A realização de entrevista semiestruturada com os moradores buscou compreender as formas de vida afrodescendente no bairro. Os testemunhos são fotografias da realidade que, seguindo o pensamento de Amandou Hampaté Bâ, “é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte” (BÂ, 1982, p. 168). Os valores da tradição oral de matriz africana segundo Sandra Pettit, estão presentes “na família, nas práticas religiosas, nas práticas de solidariedade, entre grupos comunitários, em práticas de artes artesanais (diversas artesanias), nas festas populares e em toda a sorte de brincadeiras que envolvem o coletivo” (PETIT, 2015, p. 110-111).

A entrevista em uma perspectiva da pesquisa da afrodescendência acontece de forma distinta do que se convencionou a estruturar pelos intelectuais das metodologias de pesquisas. A entrevista que acontece da porteira de dentro para fora estrutura-se em conversas que

acontecem no dia a dia, em que nos reunimos para dialogar sobre a vida na comunidade. E desta forma, aconteceram pelo menos 3 formas de abordagens de entrevistas.

A primeira delas consiste nos percursos urbanos³, onde se buscou mensurar as dinâmicas da vida cotidiana na comunidade por meio da vivência no bairro. A ideia de vivência pode acarretar uma compreensão de que esta pesquisa se trata de um trabalho etnográfico. O trabalho etnográfico pressupõe a inserção de alguém externo à realidade daquele local, que passa a inserir-se naquela realidade, com intuito de reunir um conjunto de registros que possam justificar suas hipóteses. O trabalho etnográfico pressupõe o olhar externo do pesquisador. É nesse ponto que diferencio o trabalho etnográfico do meu trabalho, pois parto da perspectiva da afrodescendência.

Na metodologia afrodescendente de pesquisa, o pesquisador é parte da realidade estudada. Mensurar o natural é talvez um dos maiores desafios. Vivo na comunidade desde minha infância e hoje ponho-me na condição de pesquisador-pesquisado, ao passo que traduzo códigos do dia-a-dia vivencio ou já tenho vivenciado o que estudo. Nessa perspectiva, “consideramos que todos os seres e todos os ambientes contém conhecimento” (CUNHA JR., 2008, p. 78). Esse é um detalhe do “[...] reconhecimento e conhecimento de um pensamento de base africana” (CUNHA JR., *Op., cit.*, p. 75).

Nos diálogos com Songhai, Zimbabwe e Axum, todos me fizeram a mesma pergunta: “tu não veio aqui só saber da gente igual esses meninos da [universidade] Federal e ir embora não né?!”⁴ Eu respondi: Não! Eu moro aqui e meu interesse é interferir positivamente na vida da população da comunidade. E esse de fato é o sentimento. O pesquisador da afrodescendência carrega consigo ao longo de toda a pesquisa o sentimento de interferir positivamente na vida da comunidade a qual pertence. O pesquisador da afrodescendência pertence! Essa é uma das dimensões dessa metodologia que percebi durante o período de pesquisa.

A transcrição das falas preservou o modo que os entrevistados se comunicam dentro da comunidade. Portanto, foi transcrito exatamente o que foi ouvido naquele momento do

³ É importante frisar que os percursos urbanos não tem momento para começar e acabar. Residente da comunidade na qual pesquiso, o percurso urbano acontece sempre que estou na comunidade. O olhar do morador-pesquisador não se desliga, pois cada experiência vivenciada na comunidade é uma evidência a ser estudada.

⁴ Eu perguntei onde fica a “Federal” e ele todos eles me falaram que fica na Av. Silas Monguba. Então, eles se referiam, na verdade, à UECE, universidade Estadual do Ceará, campus Itaperi, que está localizada a 4 km de distância da comunidade Rosalina.

percurso urbano, de forma que preservei as marcas da cultura linguística de parte da população afrodescendente da comunidade.

Os diálogos estabelecidos ao longo da pesquisa tiveram como objetivo compreender os múltiplos códigos e parte significativa das formas de vida da comunidade que acontecem na socialização cotidiana do bairro. O conhecimento dos moradores presente na tradição oral é, portanto, "herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente" (BOKAR *apud* BÂ, 1982, p. 167).

Organização estrutural do texto dissertativo

A escrita do texto dissertativo seguiu uma metodologia de escrita da história. Existem muitas formas de escrever um texto. E, no campo da história, a micro-história é, talvez, a mais adequada metodologia de escrita de texto dissertativo que me permita dimensionar o resultado desta pesquisa. A micro-história é uma forma de escrever a história em uma escala mais reduzida de análise. Para isso, é necessário a movimentação de uma série de documentos, fontes e análises para que se possa conseguir traduzir a especificidade daquele instante da história.

Meu objetivo é compreender as formas de vida da população da comunidade Rosalina. Porém, não posso deixar de levar em consideração as escalas macro de análise. Quando Carlo Ginzburg escreveu *O queijo e os vermes* (GINZBURG, 2008), ele falou da vida e das ideias de um moleiro do século XVI perseguido pela inquisição, mas não se furtou em falar da Inquisição, do longo processo histórico que resultou aquele instante da história que se tornou a tônica de sua obra: a vida do moleiro perseguido.

No mesmo movimento, no livro *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*, Boris Fausto reconstrói o cotidiano da capital paulista ao passo em que aborda “o funcionamento do aparelho policial e judiciário, o racismo, a discussão da natureza da criminalidade, do perfil dos infratores etc” (FAUSTO, 2009, p. 11). Dito isso, o texto dissertativo foi estruturado da seguinte forma:

Na **Introdução** busquei apresentar, em linhas gerais, elementos fundantes da ideia que me fez desenvolver esta pesquisa. A seção **Objetivos** apresenta a que me propus alcançar ao final da pesquisa, de forma que a metodologia buscou explicar os caminhos que trilhei até alcançar os objetivos traçados. A justificativa teórica é o alicerce que sustenta todo o

pensamento que permeia a pesquisa, desde a sua concepção até os momentos de análise e finalização.

No **Primeiro Capítulo** é que entra em cena as minhas memórias. A trajetória de vida afrodescendente como objeto de pesquisa científica capaz de explicar parte do desenvolvimento histórico do racismo brasileiro em cidades como Fortaleza, como ele se reproduz e marca os territórios. A autobiografia afrodescendente presente nesta pesquisa científica evidencia os lugares de memória, o patrimônio afrodescendente, as afroinscrições no território, as sociabilidades presentes nas estratégias ao longo de minha vida.

Já o **Segundo Capítulo** faço uma apresentação da formação histórica da cidade de Fortaleza, para que possamos compreender o movimento de surgimento da Comunidade Rosalina, local da pesquisa. Busco dar conta da localização histórica e geográfica da Comunidade Rosalina. Neste capítulo, busquei traçar inicialmente a luta pela ocupação do território empenhada por lideranças e uma população afrodescendente prejudicada pelo *déficit* habitacional, relacionando com a importância da garantia fundamental de moradia. A nossa luta hoje é por melhorias nas condições de vida da população afrodescendente da Comunidade Rosalina. Para evidenciar tal fato, foi necessário traçar no capítulo um panorama histórico-geográfico do desenvolvimento histórico da Comunidade, desde seu surgimento, passando pelas ocupações e interferências externas de políticas habitacionais locais, até os dias de hoje. Neste capítulo também delinhei as formas de morar e de ocupar na comunidade.

O **Terceiro Capítulo** levanta as questões relacionadas às estratégias de vida da população afrodescendente da Comunidade. Foram realizadas entrevistas com líderes comunitários, pessoas presentes na ocupação de 1996, bem como moradores mais velhos da comunidade. Foram realizados percursos urbanos em que foi possível mensurar o cotidiano da vida dos sujeitos. Neste capítulo também procuro definir minha perspectiva de bairros negros, forma urbana negra e patrimônio cultural negro.

Nas **Conclusões** apresentei algumas ponderações como forma de fechamento do texto dissertativo. Nela, busquei apresentar alguns elementos que não estavam presentes ao longo do texto e que de certa forma complementam a compreensão do texto. Além disso, procuro apresentar alguns resultados compreendidos relacionados a autobiografias, lazer, sociabilidades, luta por direitos fundamentais, memórias e educação.

2 MEMÓRIAS URBANAS NEGRAS

2.1 O poder científico das histórias de vida afrodescendentes

O fato materializado e gerador da memória negra urbana é o bairro negro. “Os fatos materiais e imateriais do cotidiano são importantes e guardam uma relação íntima com a cultura” (CUNHA JR. 2011, p. 122) No bairro negro, reside as experiências e a cultura que dão forma à memória. A memória negra, demarca socialmente o espaço que o negro que a detém ocupa. O bairro negro é um elemento que compõe o conjunto patrimonial dos afrodescendentes e as memórias que residem nele são específicas de um determinado lugar, que impede de ser generalizada para um conjunto maior da sociedade brasileira (CUNHA JR., *Op., cit.*, p. 125).

Seguindo nessa linha e se partirmos do pressuposto de que a memória é produto da cultura, nela residem artefatos materiais e imateriais que fazem parte do cotidiano de um afrodescendente. Neste sentido, Cunha Junior vai dizer que “a memória é em parte resultado do patrimônio cultural e histórico de uma localidade.” (CUNHA JR., 2017, p. 3) Portanto, falar de memória, afrodescendente, coletiva ou individual, é falar também da constituição de patrimônio cultural da etnia negra.

Utilizo o conceito de etnia em oposição ao conceito de raça biológica ou social. O conceito de raça biológica historicamente falando, o termo surge de um precedente motivado pela biologia no século XIX conhecido como eugenia. Joseph-Arthur de Gobineau é considerado o principal pseudocientista a introduzir o pensamento racista antes do racismo e desbastando-se do darwinismo e apoiando-se na história utilizava-se de características físicas dos seres humanos, a biologia, apoiando-se na história (ARENDRT, 2012, p. 233) para dividi-las em pelo menos três raças: branca (ariana) negra e amarela e que o "declínio das civilizações são motivados pela cruzamento entre raças" (GOBINEAU, 1853).

Para Arendt, "ninguém antes de Gobineau cuidou de encontrar uma única razão, uma única força que rege as civilizações em sua ascensão e declínio" (2012, p. 244). Tal ação era causada pela tentativa de mostrar a superioridade entre brancos e negros no contexto da partilha do continente Africano. Neste sentido, Antônio Alfredo Sérgio Guimarães diz que "abstraía-se da história e das formas sociais, econômicas e culturais para reduzir a desigualdades de situação entre os povos a caracteres físicos e biológicos." (GUIMARÃES, 2011).

Em *A tradição viva*, Amandou Hampaté Bâ coloca que ao falar de tradição do povo africano, referimo-nos à tradição oral e que qualquer tentativa de “penetrar a história e o espírito dos povos africanos” não será possível a menos que venha a partir da tradição oral. (BÂ, 2010, p. 167) Acerca disso, Hampaté Bâ afirma que “a tradição oral baseia-se em uma certa concepção de homem do seu lugar e do seu papel no universo”. (BÂ, 2010, p. 169).

Para que eu possa trabalhar no campo da autobiografia é necessário trabalharmos no campo da memória, do testemunho, das narrativas das experiências afrodescendentes de vida. “São ficções da memória” disse Conceição Evaristo (2017) de forma que devo dizer que “nada é verdade, nada é mentira, nada se passou do jeito que está, mas tudo que eu escrevo se passou” (EVARISTO, 2017). A memória tem esse poder de nos ligar aos nossos ancestrais e ao *continuum* familiar. Esse *continuum* é expresso na prática cotidiana de repassar de boca a ouvido os conhecimentos mais antigos, dos mais velhos aos mais novos, mantendo viva a memória coletiva, do lugar e do grupo específico.

Do ponto de vista da história, os documentos foram queimados, parte significativa dos registros e dos papéis que continham parte significativa da história de nosso povo foram apagados. Mas não por acaso, essas são marcas do esquecimento, que na concepção de Gilmara Santos Mariosa (2016), dificulta nosso trabalho de reconstrução da memória negra quando tratamos das religiões de matriz africana, por exemplo (MARIOSA, 2016). A estratégia de apagamento dos arquivos e registros são estratégias que trabalham no campo do esquecimento, para destruição da memória e conseqüentemente enfraquecimento da identidade. Daí surge a necessidade do arquivamento que Philippe Artières vai tratar em seu texto *Arquivar a própria vida*: “Mas essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida” (ARTIÈRES, 1998, p. 14) (grifo meu).

2.2 Minha autobiografia

Vem se tornando cada vez mais um desafio escrever sobre minha própria história, na medida em que o encontrar-se com minhas memórias de infância significa sentir dor, devido ao peso de ter que saber lidar com minha própria trajetória, ao passo que compreendo as adversidades de ser afrodescendente em um país racista. Neste sentido, ao passo que avanço nos estudos autobiográficos, compreendo situações da minha trajetória de vida e faço o exercício de nomear cada uma dessas situações: violência, racismo, exclusão, etc. Certo dia,

em um exercício de lembrar minhas memórias, um amigo branco me falou que o problema não é minha trajetória de vida e sim o fato de eu “racializar” todas as situações cotidianas.

Sou afrodescendente, piauiense neto e bisneto de indígenas e quilombolas maranhenses. Após saber que estava grávida aos 18 anos de idade, minha mãe precisou esconder a novidade e para isso contou com a ajuda de sua mãe, mulher branca, Eloneide Araujo de Souza, pois seu pai, homem negro, Amâncio Cardoso de Souza, policial e neto de quilombolas, não permitia que suas filhas mais jovens pudessem engravidar. Ao dar a luz aos 19 anos de idade e cursando o quinto ano do ensino fundamental, minha mãe foi expulsa de casa e sendo obrigada a ir morar com meu pai, homem negro, analfabeto, filho caçula de dona Maria do Carmo de Jesus e seu Francisco Gregório da Costa, que tiveram mais 4 filhos.

Minha avó materna, é filha de um casal de letrados de origem portuguesa. Seu pai, meu bisavô, homem branco, tinha muitos livros. Era veterinário. Meu avô materno, homem negro, filho de quilombolas e indígenas da etnia tremembé, de uma cidade chamada Tutoia, no Maranhão. Conviveu sua infância com seu avô e seu pai. Seu avô, Antônio Manoel, era um quilombola, que nos relatos de meu avô, foi escravizado e não falava português. Era alto, “preto de verdade” como falava meu avô, não tinha medo de nada e o ensinou a tirar mel do cacho de abelhas. Eu gostava de conversar com meu avô.

Hoje não faço tanto isso, ele não tem paciência para ouvir minhas inúmeras perguntas. Porém em uma das conversas descobri que Antônio Manoel tinha uma função, ele era “amansador”. Inicialmente pensei que era amansador de cavalos indomáveis. Porém, meu avô seguiu relatando que seu Antônio era responsável por deixar “dócil”, “amansado” os escravizados que de alguma forma tentavam se rebelar contra as condições impostas. Talvez aí resida a origem do nome de meu avô: Amâncio.



Figura 01: Meu avô e eu em sua casa na cidade de Parnaíba-PI, 2015. Fonte: arquivo pessoal.

Meu avô materno contava que seu avô “não tinha medo de nada”. Quando foi dispensado da fazenda, já não “servia” mais para o trabalho braçal e então, junto com mais dois ex-escravizados, foram morar na casa de seu pai, meu bisavô. Na família, é de conhecimento de todos que meu avô materno pertence a uma família de tios e irmãos que “morrem de velhice”. Minha mãe conta que todos os irmãos e tios do meu avô morreram muito velhos. Meu avô materno relata que seu avô, Antonio Manoel, morreu muito velho, por volta de 1942. Meu avô tinha 7 anos. Pelos relatos sobre a genética da família, meu trisavô talvez possa ter sido submetido forçadamente ao regime escravista no período pós-abolição. Nessa época, meu avô vivia em um lugar chamado Mata das Caruaras⁵, localizado entre Brejo e Santa Quitéria, cidades do Maranhão.

A Mata das Caruaras foi tomada por ruínas. Era uma fazenda. Antes disso, meu avô foi de barco pelo rio Parnaíba até Tutóia. Meu avô, na sua juventude, era um exímio pescador e

⁵ Caruara é um termo para se referir a um duende que tem formato de inseto que pertence ao imaginário da população amazônica. Uma das boas lembranças que tenho do meu avô são dos momentos em que ele nos contava histórias de criaturas presentes do imaginário da população do entorno do extremo norte do Rio Parnaíba. Uma delas foi os momentos em que ele cruzou os caminhos da caipora apresentado na página 32.

caçador. Quando eu era criança, ele me contava que em uma de suas caçadas, encontrou algo, que pela sua descrição era bípede, cerca de 1 metro de altura e valente com as unhas afiadas. Ele brigou com o animal algumas vezes, porém, até hoje não sabe o que exatamente era. Seu maior medo na mata era da caipora, segundo ele, a caipora sempre foi muito violenta. Fumava seu cigarro e não permitia ninguém atravessar seu território. Quando ele via muita fumaça, na mata fechada e de madrugada, corria com seu pai para bem longe. Ele conta que nunca teve coragem de enfrentar a Caipora.

Até que um dia, um homem branco o levou para Parnaíba-PI. Ele era criança, seus pais permitiram, pois segundo meu avô, era algo comum pessoas com maior poder aquisitivo levar crianças embora para trabalhar em outra cidade. Meu avô morou no centro de Parnaíba por muito tempo. Até que foi convidado para trabalhar na Polícia. O convite surgiu após um chefe de polícia tomar conhecimento de um homem que não tinha medo de nada. Foi nesse período que meu avô conheceu minha avó materna, de trajetória de vida, etnia e de família distinta em relação ao seu Amâncio. Quando a família da minha avó tomou conhecimento do relacionamento, expulsou minha avó de casa sob a justificativa de que não permitiria uma filha letrada casar-se com um negro. Minha avó foi deserdada e então foi morar na cidade de Piri-piri com meu avô. Foi nessa cidade que minha avó concebeu dona Raimunda, minha mãe.

Nasci às 17 horas do dia 9 de fevereiro de 1993, em um hospital público da cidade de Parnaíba, no litoral do Piauí, cidade onde vivi até meus cinco anos de idade. Minha luta pela sobrevivência iniciou durante a gestação. A insegurança financeira e a rejeição da família materna mexiam com o sistema nervoso da minha mãe e conseqüentemente comigo. Conviver com incertezas foi o primeiro desafio. Após nascer, nos primeiros meses de vida, contraí uma infecção. Por trabalhar muito, minha mãe me deixava com outras pessoas, que me alimentava com feijão e fubá, antes mesmo de completar seis meses de vida. Pouco tempo depois eu estava aparentemente saudável, com peso incomum para um recém-nascido que quebrou o ciclo da amamentação nos primeiros seis meses. Minha mãe me levou ao médico e descobriram que eu estava com uma infecção.

Essa infecção me deixou por muito tempo entre a vida e a morte. Emagreci muito, a ponto de criar um sinal de alerta, pois estava prestes a morrer por inanição. Os médicos já haviam tentado confortar o coração de minha mãe com a minha quase inevitável partida que já era iminente. Passavam-se os dias e o caso tornava-se cada vez mais irreversível. Eu fui entubado e ainda hoje as pessoas que estiveram de perto acompanhando esse momento não

acreditam como pude ter apresentado reações positivas, diante do conformismo médico com minha situação.

Já tinham passados 15 meses do meu nascimento e um sopro de vida surgiu. Retomei o meu peso, ainda que a alimentação fosse quase a mesma dos primeiros meses de vida. Minha mãe conta que os médicos não acreditaram quando me recuperei. No ano de 2021, eu estava andando pelas ruas de Parnaíba com minha mãe e encontramos uma amiga dela que esteve presente naqueles momentos do meu primeiro ano de vida. Quando ela me viu disse: “é uma benção você está vivo!”. Minha mãe compartilhou essa memória quando soube que eu estava estudando a história da família em um trabalho durante o curso de graduação.

Eu aprendi a falar com 4 anos de idade, após várias sessões de fonoaudiologia no centro da cidade de Parnaíba-PI. Ainda me lembro das sessões, a doutora me pedindo para repetir devagar a palavra “bola”. Eu colocava muita força, ficava vermelho e de tanta força tentando falar, sentia enxaqueca. Mas no fim de todas as sessões, consegui! Hoje em dia dizem que falo muito bem em público. Sempre fico feliz, pois lembro do quanto foi difícil aprender a falar.

Quando tomei conhecimento dessa fase da minha infância em relação a luta pela própria vida, alguns fatos hoje eu associo como sequelas. Por exemplo, a minha preocupação perturbadora até os dias de hoje com a próxima refeição, mesmo tendo uma profissão e estar em condições financeiras superiores às condições financeiras de meus pais quando tinham minha idade atual. Tenho medo de esse momento voltar e ter que escolher entre almoçar ou jantar.

2.2.1 1º fase: o primeiro ciclo da vida: Parnaíba-PI

Costumo dizer a pessoas próximas que não costumo demorar mais que 7 anos em uma mesma cidade. Assim foram as várias fases da minha vida. A primeira delas durou até os 5 anos de idade, na cidade de Parnaíba. Nessa fase dos primeiros cinco anos, minhas experiências de vida estão divididas entre os quintais das minhas avós. O primeiro deles é o quintal da minha avó paterna, dona Maria, localizado no bairro Alto Santa Maria. Um bairro recém-ocupado e que hoje tomou proporções inimagináveis dentro da cidade. Grande parte do bairro ainda não tinha nome e então, chamavam de sem terra. Não demorava muito para os sem terra serem incorporados ao Alto Santa Maria.



Figura 02: Registro de um dia comum, no quintal da casa dos meus avós paternos. Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse quintal, tive contato com muitas plantas, aprendi a colher milho e também a plantar. Era imenso! O número de plantas de frutas eram incontáveis. Boa parte da alimentação estava no quintal da dona Maria: do milho ao coentro, cebolinha a manga, a goiaba, a ata⁶ a banana, laranja e limão. Galinha, galo e porco. Meu irmão, dois anos mais novo e eu usávamos o quintal para quase tudo, do banho à alimentação, o descanso na rede, o campo de futebol improvisado com a bola de meia.

⁶ conhecida também como fruta-do-conde ou ata, pinha, araticum ou fruta-pinha.



Figura 03: Registro de um domingo no quintal da casa dos meus avós paternos. Fonte: Arquivo pessoal. Data: 1998, meses antes de irmos para Fortaleza-CE.

Foi nesse quintal da fotografia acima que vi várias vezes meu pai, entre 1997 e 1998, malhar seu corpo atlético. Um dia, presenciei ele cortando o pé de limão. Ao golpear um galho, o facão escorregou na madeira e voltou em seu ombro. Ele ficou muito machucado. Essa foi a primeira cena que presenciei e que envolvia sangue na minha vida. Eu pensei que meu pai iria morrer. Eu não soube o que fazer.

Ele era jogador de futebol e dos bons! Muito baixo e ágil, corria muito rápido, associavam ele ao Romário, jogador da seleção brasileira, que vivia àquela época seu auge na carreira. Então, um dia ele me levou no campo da Cobrasil⁷ em Parnaíba. Após a segunda vez, eu ia eu pedia para ele chutar a bola o mais alto possível, pois eu gostava de ver ela subindo e sumindo no céu, depois aparecendo feito um meteoro. Um dia ele fez. Fiquei satisfeito. Meu pai tinha feito aquilo para me deixar feliz.

Para eu conseguir ver meu pai jogar, tive que pedir ao meu primo mais velho para pedir a ele para me levar. Na sua bicicleta sempre cabia, além do piloto, apenas 1 pessoa e hoje, revivendo minhas memórias, concluo que sua ordem de preferências era: 1°. ir sozinho; 2°.

⁷ Cobrasil é uma empresa de curtimento de couros, localizada na cidade de Parnaíba. Ao lado da empresa, ainda em seu terreno, havia um campo de areia batida, chamado de campo da Cobrasil.

levar meu irmão; 3º me levar. Eu não entendia exatamente essa ordem, eu apenas sentia. Meu irmão nunca gostou de futebol, enquanto eu sonhava em ser igual a ele em campo.

Ainda sobre essa mesma época. Tenho poucas lembranças da minha mãe dentro da casa da minha avó paterna e do meu avô paterno. Tempos depois descobri que minha mãe trabalhava muito em casa de família como empregada doméstica, enquanto que meu pai não tinha emprego. Não tem até os dias de hoje! Ele era chamado de *vaporzinho*. Minha mãe e os outros adultos me contavam que o chamavam assim pois ele corria muito rápido. De fato, meu pai corria muito rápido em campo. Mas esse não era o motivo do apelido. Dos momentos que lembro de minha mãe nessa casa são cinco.

O primeiro deles é na porta da casa. Tinha uma área na frente, antes de chegar na rua. Ali joguei bola sozinho. Lembro de minha mãe ali em pé com uma camisa branca conversando com minha prima, a sua sobrinha mais velha. O segundo momento foi minha mãe de braços cruzados na porta de casa, aparentemente com raiva. O terceiro momento foi ela indo na porta da casa da vizinha da frente perguntar pelo meu pai. O quarto momento foi ela jogando um balde d'água no colchão da cama onde dormíamos e depois molhando o chão da casa, que não tinha piso. Em seguida, falou para o meu pai: se quiser dormir, durma na casa dela! Nesse dia lembro que dormi em uma rede com meu irmão e minha mãe. Ainda tem a quinta lembrança: minha avó Maria colhendo goiaba em seu quintal e guardando para minha mãe.

Minha avó paterna partiu cedo. Eu tinha 4 anos quando a vi dando seu último suspiro, tentando abraçar meu irmão Igor, que tinha 2 anos. Todas essas cinco memórias sobre minha mãe são referentes a dias separados, porém, juntas, formam um mosaico que talvez explique parte da relação entre ela e meu pai, que durou 11 anos.

A verdade é que pouco lembro da minha mãe durante todo esse período da primeira infância até os 7 anos de idade. Ela sempre trabalhou muito. Trabalha muito até hoje! Quando nos mudamos para casa da minha avó materna, as lembranças da minha mãe no cotidiano comigo não existem. Certamente pelo fato de ela trabalhar o dia todo em casa de família. Nesse período vivendo na casa da minha avó materna, convivi com meus primos e primas, eram muitos!



Figura 04: Tias, primos, primas e eu em um dia comum no jardim da casa dos meus avós maternos, em 1997, em Parnaíba-PI. Fonte: Arquivo pessoal.

Éramos muitos. Todos na mesma casa. Se por um lado na casa dos meus avós paternos convivi com meu pai e meu irmão cotidianamente, na casa dos meus avós maternos eu nunca estive sozinho. Essa casa foi um lugar em que pouco vivi mas que considero central para o início de toda a minha trajetória. Pois ao fracassar em cada um dos projetos de busca de melhorias de vida iniciados pela minha mãe, o retorno à casa de minha avó era imediato.

Foi assim Quando nos mudamos para Fortaleza e voltamos após a separação dos meus pais. Por vezes minha mãe falava: *“se não der certo, eu volto para casa da mamãe”*. Aliás, minha mãe falava muito sozinha dentro de casa, contava seus problemas para ela mesma, eu ficava observando, não entendia muito, mas sentia tudo. A casa da minha avó Eloneide é até hoje o porto seguro de quem a vida toda se reinventou nas moradias de aluguel ou nas ocupações em Fortaleza. Ter uma casa própria na família foi central nesse processo de inúmeras tentativas de avançar na vida. Meus avós compraram sua moradia no início da década de 1970. A casa existe até hoje.



Figura 05: imagem da minha avó materna em sua casa. Data: 2019. Fonte: arquivo pessoal.

A casa da minha avó Eloneide também tem uma extensão incomum em relação às novas residências de hoje em dia. É uma casa independente dentro do seu terreno. Meus avós são alguns dos mais antigos moradores da Avenida Deputado Pinheiro Machado, na altura do bairro Piauí. A avenida é a porta de entrada e saída da cidade e também a mais importante avenida de toda a cidade. O quintal também tem de tudo: porco, galinha, manga até os dias de hoje. Porém, na minha infância havia uma imensidão de coisas: Além das criações e frutas já citadas, tinha azeitona nordestina (conhecida como Jamelão), ata (conhecida como pinha ou

fruta-do-conde), coentro, cebolinha, limão, laranja, caju, coco e cajá. Nos fins de semana, meus primos e eu éramos destinados a correr atrás de uma das galinhas, escolhida para o almoço. Era uma aventura, pois a galinha é um animal ágil e nós, crianças, persistentes. No final, vencida a astúcia do adulto. Nunca consegui pegar uma galinha no quintal da minha avó. Quem conseguia, era visto como esperto, astuto e recebia um elogio da minha avó.

Nesse mesmo quintal vi meu avô atirando com sua velha espingarda. Era um evento! Em alguns domingos ele se exibia atirando nas laranjas da laranjeira. Nós aplaudimos ele quando acertou. Nessa época, com 5 anos, eu já não gostava de armas e nem de policial, associava-os à violência, um comportamento desprezível. Meus avós compraram o terreno por volta de 1978 e o chão da atual avenida era de areia da praia. Minha avó, após ser deserdada e ir morar em Piripiri, retornou à Parnaíba com meu avô e alguns filhos, para conseguir alguns cachos de banana e vender na feira. Meu avô era policial e usava sua bicicleta para levar os cachos pesados de banana para a feira da Caramuru, hoje ponto central da cidade de Parnaíba. Essa rotina da minha avó e meu avô durou até quando sua saúde não permitiu mais e a aposentadoria era possível.

2.2.2 2º fase: o segundo ciclo da vida: Fortaleza-CE

O desemprego em Parnaíba, assim como hoje, é uma realidade que assola grande parte da população. Após 5 anos trabalhando como empregada doméstica, minha mãe vê seu companheiro tomar o rumo de Fortaleza, para buscar emprego em 1998. Maria Gorete e Maria de Jesus, irmãs do meu pai, resolveram em 1997 migrar para a cidade de Fortaleza, uma capital que poderia oferecer uma condições de vida com mais qualidade em relação a Parnaíba. Meu pai mudou-se também no início do ano de 1998 para conseguir um emprego e uma casa para sua família morar.

Então, em Setembro de 1998, alguns meses depois da partida de meu pai, minha mãe, meu irmão e eu tomamos o mesmo rumo. Sem dinheiro, viajamos apenas com as roupas que tínhamos. Após algumas horas de viagem, com fome, pedi comida para minha mãe. Ela então disse que não tinha e me falou para eu pedir para algum dos passageiros no ônibus. Então, saí com meu irmão pedindo de cadeira em cadeira aos passageiros do ônibus. Por sorte, consegui um biscoito e uma banana. Nós tínhamos água. Esse foi o alimento de uma viagem de 9 horas, do Piauí para o Ceará. Meu irmão e eu dividimos o biscoito e a banana. Minha mãe disse que estava sem fome!

Estando em Fortaleza, moramos em muitos lugares. O primeiro deles foi a vila do Davi, no bairro Serrinha (Região número 1 destacada na imagem abaixo). Um lugar de ocupação ao lado de um afluente da Lagoa do Itaperi. Mesmo sendo região de ocupação, pagamos aluguel, pois eram residências construídas por um homem de nome Davi, que tinha um curral ali do lado com muitos gados e cavalos. Meses depois atravessamos o córrego e fomos morar em uma extensão da Vila do Davi, na rua Travessa Pedro Aguiar. (Região número 2 destacada na imagem abaixo)



Figura 06: Localização geográfica das duas primeiras moradias em Fortaleza-CE. Fonte: Google *street view*, 2021.

Dali fomos para outro local no bairro Serrinha, de nome Vila das Dores. A vila das Dores ficava próxima ao Supermercado Cometa da antiga Avenida Dedé Brasil, atual Avenida Dr. Silas Munguba. Ali vivi pouco tempo da minha vida e a experiência de viver naquela vila é algo que gostaria de ter esquecido ou talvez seja importante lembrar, pois é um retrato fiel da realidade de muitas mulheres negras que sofrem com violência doméstica. Aos fundos da Vila tinha um terreno desocupado com muitas árvores. Os meninos mais velhos sempre pulavam o muro para soltar arraia⁸. Os meninos mais novos, como eu e meus amigos, não tinham muitas chances ao disputar com os meninos mais velhos, que tinham dinheiro para comprar cerol de cola em barra⁹ e misturar com resina. Em um certo dia, houve um problema com o muro, e parte dele havia caído, segundo ouvi dos mais velhos, foi de uma fuga policial, de um dos moradores da vila, que pulou o muro e acabou derrubando parte dele. Com isso, a chance de conseguir pular o muro aos 6 anos de idade aumentou.

⁸ Em alguns lugares do Brasil é chamada de pipa ou papagaio.

⁹ Na época, a televisão fazia propagandas do cerol “cola em barra”. Hoje em dia a prática de soltar arraia com cerol é proibida. Não cheguei a comprar cola em barra, mas sabia como era, por causa das propagandas na TV. Contudo, até aquele momento não sabia o que era resina.

Após conseguir pular o muro, conheci todo o terreno e nele descobri uma secreção no tronco das árvores, chamada resina. A resina era um dos principais produtos do cerol usado pelos meninos mais velhos. Desde então, aprendi a manuseá-la e utilizá-la nos fins de tarde e início das manhãs nas esquinas do bairro Serrinha, quando ia soltar arraia. Todos os lugares que moramos na Serrinha, nós precisamos pagar aluguel.

Em 1999 resolvemos nos mudar para a comunidade Rosalina, local onde duas das minhas três tias já estavam vivendo. Àquela época, a comunidade Rosalina ainda chamava-se Sem Terra e tinham-se passado 3 anos da grande ocupação de 7 de julho de 1996, que havia se expandido e dado forma ao que conhecemos hoje como comunidade Rosalina. Minha mãe e meu pai havia comprado um terreno de 16m² e tivemos que fazer muitos reparos no barraco¹⁰ já construído, além das constantes reconstruções todo inverno. A estrutura era de taipa. Dias depois nos deparamos com o que enfrentamos dali para frente: em dias de chuva, a parede caía e meu pai tinha que reerguê-la. Parte do teto de lona nos primeiros meses, que depois foi substituído por telhado, após meu pai conseguir emprego com carteira assinada em uma serralheria no bairro Serrinha.

¹⁰ Barraco é a forma que minha mãe utilizava para se referir a moradia com estrutura de taipa.



Figura 07: Imagem da minha antiga casa, na Rua Amorim Paiva. Data: c2004.
Fonte: Arquivo pessoal.

Ao lado esquerdo na fotografia é possível observar a moradia da minha família em estrutura de alvenaria feita com tijolos. O registro tem data de 2005, pouco tempo depois de eu ter saído da comunidade. Os presentes na fotografia são vizinhos do bairro. Alguns deles já não estão mais em vida.

Na Rosalina aprendi uma série de coisas e constitui amizades que permanecem até hoje. Aprendi cedo a lidar com as perdas de pessoas que eu convivia. Era comum presenciar as violências entre nós. Me acostumei cedo a perder amigos para o crime ou amigos que foram levados pela polícia e nunca mais voltaram. O último que me lembro, tinha 10 anos de idade. Ele quase sempre brincava comigo e com meus amigos na esquina de minha casa. Um dia ele apareceu com uma bicicleta nova. Minutos depois a polícia apareceu, como se tivesse seguindo ele, e nós paramos de brincar. Então os policiais começaram a interrogar o meu amigo sobre a sua bicicleta nova, perguntando se era roubada e onde ele tinha conseguido. Nós começamos a chorar, pois o policial parecia estar com raiva. Então, meu amigo não

respondeu e, quando começou a chorar, começou a ser agredido violentamente pelos policiais. Um deles ria do seu choro, enquanto pisava no braço dele, e falava: “isso aqui é para vocês aprenderem”. Em seguida, os policiais pegaram ele e a bicicleta e levaram até a viatura, que estava fora da comunidade. Eles vieram caminhando, pois as ruas estreitas não permitiam a entrada de carros. E então, nunca mais o vi.

A Rosalina não é somente violência urbana. Aprendi a solidariedade, antes mesmo de aprender o significado e a pronúncia. A grande maioria das casas da Rosalina naquela época eram de taipa, pouquíssimas eram de tijolo. As ruas estreitas, de forma que só era possível entrar a pé. Descobri que por esse motivo a polícia militar dificilmente estava lá. Aliás, eu tinha medo da polícia, pois todas as vezes que eles apareciam na comunidade tinha tiroteio, brigas ou morte. As estruturas da minha casa não suportavam tiroteios. As balas atravessaram as paredes como se fosse papel. A gente tinha que ficar deitado no chão sempre que isso acontecia.

Aguçar a criatividade era preciso naquele contexto. Eu precisava dessa criatividade para uma série de situações, desde arrumar formas de conseguir comida, até brincar. Meus brinquedos nunca foram comprados, sempre recriados por mim mesmo, que observava bem os detalhes e procurava os materiais em casa ou na rua. Certo dia, um rapaz apareceu na escola onde eu estudava, vendendo brinquedos de modelar. eram coloridos e cabiam na palma da minha mão. Eu estava na terceira série do Fundamental I. O brinquedo custava caro, meus amigos compraram.

O rapaz nos deixou ver o brinquedo para comprar. Então, levantei a mão e pedi para ver. Ele me entregou e naquele momento observei como era feito o brinquedo que eu tanto queria e percebi que parecia uma espécie de massa de modelar dentro de algo de plástico. Então, chegando em casa, fui atrás de balão de aniversário e goma de tapioca, mas só achei o balão. No mercado da esquina eu encontrei amido de milho vencido. Então, montei o brinquedo, que ficou muito parecido com o original. O mesmo aconteceu com a pista de corrida da *hotwheels*, que fiz com tampa de garrafa pet, palito de fósforo, sacolas e areia molhada do córrego que tinha em frente a minha casa. Aliás, os córregos hoje em dia estão asfaltados em quase toda a comunidade, como podemos ver na imagem abaixo.



Figura 08: Imagem da rua Edson Alves, em 01/2023.
Fonte: Acervo do autor.

Além do córrego, a imagem acima revela um dos costumes presentes no cotidiano da comunidade Rosalina, o de sentar-se na porta de casa. A prática de *ir no vizinho* pedir uma xícara de sal, açúcar, óleo, arroz era comum. Observar e vivenciar tudo isso me trouxe um sentimento de pertencimento àquele lugar. Marcas profundas do que sou hoje foram constituídas naquele lugar. Essa realidade ainda hoje é comum. Eu ainda considero que vivi bem na Rosalina durante minha infância, porque minha mãe tinha um emprego no bairro dos ricos, o Parque Dois Irmãos.

Em um dos percursos urbanos relembrei muitas coisas que haviam se perdido na minha memória. Houve um dia em que eu tinha desaparecido com um amigo meu. Eu tinha ido com o meu amigo reciclar. Nós saímos às 5:30 da manhã e como sempre, tomamos café na sucata que fica até os dias de hoje no bairro parque dois irmãos. Chegamos cedo para conseguir pegar um carrinho.

Eu sempre pensava que se eu conseguisse muito papelão, alumínio e tivesse um pouco mais de sorte e encontrasse cobre, conseguiria proporcionar minha mãe a comer algum tipo de comida mais sofisticada e ainda sobraria dinheiro para comprar um tamanco. Tamanco é um tipo de calçado feminino com sola de madeira que sempre aparecia nas propagandas da TV e minha mãe falava que se sobrasse dinheiro no final do mês compraria um para ela. Para mim, carne, arroz, feijão e farofa era uma comida sofisticada.

Durante o jantar, eu sempre perguntava se tinha mais e minha mãe quase sempre dizia que não tinha. Hoje em dia, ao escrever minha biografia fico pensando o quanto devia doer ter que dizer não ao filho que ainda tinha fome. Carolina de Jesus me trouxe à tona essa lembrança, em um dos trechos de seu livro *Quarto de Despejo*, ela afirma: "Como é horrível ver um filho comer e perguntar: 'Tem mais? Essa palavra tem mais fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais'". (JESUS, 2014, p. 38)

Então, saímos atrás para conseguir o máximo possível para voltar para casa com muito dinheiro. No meio do caminho de volta para a sucata, o pneu do carro furou e nós não conseguimos resolver aquele problema. Demoramos muito tempo para chegar na sucata. Meu amigo tinha 11 anos e eu tinha 07 anos, duas crianças que não conseguiam carregar um carrinho com muito material reciclado. Já era noite e nós dois não tínhamos outra opção a não ser pedir comida aos outros na rua. Nos deram almoço, merenda e jantar na rua naquele dia, como conta meu amigo. Sua mãe estava do lado no diálogo, aqui na entrevista, trato-a como Império Mali e seu filho como Angola.¹¹

A mãe dele conta que minha mãe e ela já não sabiam mais o que fazer. Seus filhos tinham saído às 5:30 da manhã e já eram quase 22 horas da noite e não tinham voltado. Andamos por quase todo o bairro do Montese. As exaustivas horas de trabalho tinha um único propósito: garantir o dinheiro que iria subsidiar o fim momentâneo da fome. Essa atividade tinha uma relação direta com a comida. O objetivo era garantir o que comer, somente. "Eu saí. Levei a Vera. Catei papéis, achei um par de sapatos no lixo. Vendi por 20 cruzeiros. Voltei para a favela. Comprei meio quilo de carne. Fiz bife. Almocei." (JESUS, 2014, p. 187)

Nessa época, minha mãe havia me ensinado que todo lugar que eu andasse eu deveria prestar atenção em alguma placa, estabelecimento ou casa, para guardar na memória essas imagens, pois se caso mais na frente eu me perdesse, poderia recorrer à memória para saber qual caminho de volta para casa e assim não se perder na cidade. Até hoje tenho esse costume de observar tudo ao meu redor em todos os lugares que eu ando.

Hoje adulto, já me falaram que eu ando como se estivesse desconfiado ou procurando alguém. Esse comportamento é reflexo do medo de se perder na cidade grande quando criança. Minha mãe trabalhava o dia todo, quando ela saía para trabalhar, eu estava dormindo, tinha que acordar e ir para a escola com meu irmão sozinhos, depois ir para a creche sozinhos,

¹¹ Nos próximos capítulos toco nesse ponto relacionado ao nome das pessoas envolvidas no processo de pesquisa.

voltar para casa sozinhos e, no final do dia, tinha que estar vivo, banhado e com as louças lavadas esperando minha mãe voltar do trabalho às 18 horas.

A Rosalina guarda muitos sonhos. O sonho de comprar um tamanco, oferecer minha mãe alimento de qualidade e comprar uma moradia são exemplos de sonhos que tive durante minha infância. Sonhos e encantamentos estão presentes na minha memória afetiva e talvez isso explique parte do meu retorno à comunidade. Foi na Rosalina que ouvi pela primeira vez aos sete anos de idade o som do berimbau. Alguém apareceu com um berimbau no campo do palito e convidou as crianças para jogar. Meu primo, quatro anos mais velho que eu, iniciou na capoeira, mas, minha mãe me proibiu devido às rodas de capoeira acontecer no bairro da Serrinha, um tanto longe para uma criança de 8 anos se deslocar sozinha.

Levei comigo a sensação de ouvir esse toque do berimbau em todos os lugares que passei, bem como o desejo de jogar capoeira. Ainda tento traduzir o que senti. Foi a primeira vez que ouvi aquele som metalizado, mas o ouvi com a sensação de quem tivesse nascido com ele, como se convivesse com esse som diariamente. Senti como se o som metalizado da corda única do berimbau fizesse parte de mim e, de alguma forma, explicasse quem sou eu.



Figura 09: Vista da rua Hildebrando Pereira. Fonte: Acervo particular da Associação Comunitária Rosalina. Data: c. 2001.

A imagem acima é da rua Hildebrando Pereira, local onde eu estava quando ouvi o som do berimbau pela primeira vez. Ao fundo, é possível observar o campo do palito. O registro abaixo foi cedido pela Associação Comunitária Rosalina e está sem data. Porém, ao longo dos meus percursos urbanos, mostrei aos moradores mais antigos com quem tive a oportunidade de conversar, a grande maioria deles chegaram a falar que a data é de 2001 e a justificativa é

de que na imagem, é possível ver a esquina da rua mas não é possível ver o salão cabeleireiro que foi inaugurado em 2002. O dono do salão e o irmão do dono do salão são pessoas muito antigas que ainda residem na comunidade e ambos acompanharam a opinião da maioria sobre a data da fotografia.

2.2.3 3º fase: fim e início de mais um ciclo e o retorno ao início de tudo

Em Dezembro de 2003 retornei ao Piauí, após a separação dos meus pais. Parnaíba foi o lugar onde voltei a viver até Janeiro de 2010. Nessa fase da minha adolescência tive contato com Rap, apostei na vontade de ser jogador de futebol. Esse período também foi marcado pelos eventos em família. As festas nos quintais da casa da minha tia ou da minha avó foram momentos que me marcaram profundamente. Até esse momento, eu ainda não me reconhecia como negro. Me nomeavam moreninho, quando criança o apelido na escolinha de futebol na Rosalina era Pelé, eu imaginava que era pela habilidade com o futebol, jamais cheguei a associar à cor da pele, com sete anos de idade eu não entendia as associações fenotípicas como causa principal do apelido.

O papel do *rap* na formação da minha compreensão étnica, ou seja, do meu autorreconhecimento enquanto afrodescendente, foi fundamental. A poesia narrada nas músicas expressam meus sentimentos, é como se a música tivesse sido feita para mim e sobre mim. Eu copiava frases de músicas de rap na minha farda escolar durante o ensino fundamental. Frases que me impactavam como

“Lave o rosto nas águas sagradas da pia
Nada como um dia após o outro dia!”¹²

do grupo de rap Racionais MCs. Todas as manhãs quando eu acordava para me arrumar e ir para a escola, ao escovar os dentes e lavar o rosto vinha à tona todas as dificuldades diárias familiares e individuais. Eu lembrava da frase da música e entendia que quando o dia amanhece inicia-se não somente um novo dia, mas também novas oportunidades de mudar e fazer diferente.

Entre os anos 2007, 2008 e 2009 minha família e eu enfrentamos muitas dificuldades financeiras. Então, em 2009, um tio que reside em São Paulo fez a proposta de me levar para sua casa para estudar e trabalhar. Então, 3 anos depois descobri que minha mãe aceitou a

¹² Trecho da música Jesus Chorou, lançada em 2002, que compõe o álbum intitulado Nada como um dia após o outro dia.

proposta por já ter sido comunicada que seria demitida do emprego dela em 2010 e não tinha certeza de como iria sustentar os dois filhos. A minha ida a São Paulo, de certa forma, diminuiria as despesas familiares.

2.2.4 4º fase: uma nova busca por oportunidades em São Paulo-SP

Então, sem saber, fui para São Paulo por dificuldades financeiras familiares e com a missão de retornar com condições de ajudar minha mãe. Em São Paulo, senti um choque cultural, que positivamente me fez avançar em uma série de questões internas, sobretudo no que se refere às minhas origens e minha etnia. O racismo na cidade de São Paulo não faz cerimônia. Eu tinha acabado de fazer 17 anos de idade e 2010 foi ano de eleições presidenciais e para mim, ano de alistamento no Exército. Foi a primeira vez que participei de um processo eleitoral. Meu tio e eu morávamos na Vila Buarque, um bairro conhecido por ter a Rua Maria Antônia (antigo local da faculdade de Direito da USP) e, ao lado, a faculdade Mackenzie e a Santa Casa de Misericórdia.

Eu precisava ir até o local de alistamento, então, peguei minha mochila e fui. Chegando na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, ao descer do ônibus, percebi que não sabia para onde ir. Então, resolvi pedir informações. Quando, há 2 metros de distância de uma senhora muito elegante, pedi para tirar uma dúvida a ela, que imediatamente me olhou de cima a baixo e correu segurando sua bolsa. Eu fiquei desesperado, sem saber o que fazer. Então, imaginei que perguntar a um homem pudesse ser melhor. Assim o fiz e recebi quase a mesma reação. O rapaz prontamente me disse que não podia me ajudar e saiu caminhando rapidamente.

Naquele mesmo ano, consegui meu primeiro emprego formal em uma loja de *fast food* chamada Bobs Burger, trabalhei por 5 meses como atendente, até ir trabalhar em uma padaria na região da Avenida Paulista. Lá, conheci outros nordestinos que, assim como eu, tinha ido à São Paulo para conseguir condições melhores de vida. No ano seguinte, ao ser despedido da Padaria, consegui um estágio como Jovem Aprendiz em um Hospital na Avenida Paulista chamado Hospital Alemão Oswaldo Cruz (HAOC). Nordestino e negro, fui acusado de tomar as vagas dos paulistas: “porque tu num ficou lá na Paraíba?”; “Aqui para vencer na vida tem que saber ler. Você sabe ler?!”. Essas frases foram ditas no primeiro ano de trabalho neste hospital, por colegas de trabalho. Quando fui aprovado na UNIFESP, naquele mesmo ano, também ouvi frases como: “vocês vem pra cá só para roubar as nossas vagas”. Neste mesmo ano, cursando a terceira série do ensino médio, também ouvi de alunos

da escola onde estudava no bairro Bexiga: “é por causa de gente como vocês que a cidade não se desenvolve!”.

Com meu tio, mudei minha perspectiva de vida. Ele era professor e a primeira vez que vi um livro dentro de casa, foi na casa dele. Morar próximo a uma faculdade e ver estudantes do ensino superior cotidianamente passando pela porta do prédio onde eu morava me fazia refletir sobre esse outro mundo que existia. Nesse momento foi que decidi cursar o ensino superior. Passei a gostar de ler e comecei a ir para a Praça Buenos Aires, que fica no bairro Higienópolis. Uma das ruas que dá acesso a praça, tem uma sinagoga. Até então eu não sabia exatamente quem eram aquelas pessoas vestidas de preto com um objeto na cabeça. Então, olhando para eles saindo em seus carros luxuosos, um deles baixou o vidro, apontou para mim e me chamou de “neguinho”. Tinham aproximadamente 3 meninos, aparentemente da mesma idade que eu, no banco de trás do carro.

Todas essas situações me fazia ter vergonha de ser negro e nordestino. Àquela altura, eu imaginava que se eu estudasse até ganhar muito dinheiro, talvez pudesse ter o respeito de todos naquela cidade. Eu observava o jeito do meu tio. Seus amigos mais próximos eram todos paulistas, brancos que viviam em bairros de maioria branca. Todos os seus amigos tinham sobrenomes incomuns ou difíceis de pronunciar. Então, assim o fiz, estudei até passar em uma universidade pública e viver uma vida semelhante a do meu tio.

Na faculdade que eu estudei tinham pessoas de todos os lugares do mundo. Tanto discente quanto docente. O primeiro ano da faculdade foi uma decepção para mim, que naquele momento queria seguir o objetivo de estudar até ser aceito por todos naquela cidade. Na segunda semana de aulas, a universidade entrou em greve, que durou 8 meses. Em 2012, mais de 50 universidades públicas do país entraram em greve reivindicando melhorias na infraestrutura e na valorização do profissional do magistério. A UNIFESP foi a última a sair da greve. Àquela altura, eu achava perda de tempo tudo aquilo que acontecia. Eu não conseguia me encaixar no movimento estudantil. De alguma forma, achava todos eles diferentes de mim. Eram jovens paulistas e brancos. Eu sentia que todos eles estavam ali apenas por pura diversão. Eu acreditava que eles eram apenas rebeldes, que não sabiam o que era dificuldade na vida, como passar fome ou ser mandado para uma “cidade grande” por que sua mãe não tem condições de te sustentar.

Então, certo dia durante a greve, fui convidado por uma garota negra que tinha os cabelos trançados, chamada Djamilá¹³ e por um rapaz branco chamado Rafael, para participar de uma reunião do grupo que eles haviam criado. Resolvi ir e ali, fui apresentado ao grupo MAPÔ, um grupo feito de estudantes que não se encaixavam no movimento estudantil: gays, lésbicas, mães, negras e negros, transexuais. Eram essas as palavras da Djamilá. Me senti acolhido, as reuniões tinham uma discussão que de alguma forma para mim faziam sentido.

Após esse período, no ano seguinte, resolvi fazer o ENEM novamente, para tentar me transferir para a USP, mas sem sucesso. Resolvi, então, que meu lugar é naquela faculdade. Em 2014, fui acolhido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), que me proporcionou diálogos enriquecedores com docentes afrodescendentes do campus Guarulhos que estão no NEAB. Participar do Núcleo me fez perceber que a Unifesp tinham outros negros, inclusive professores doutores negros. Foi nesse espaço que passei a me questionar e me formar enquanto jovem estudante negro. Me matriculei nas disciplinas desses professores negros e em uma delas realizei uma pesquisa sobre a história da minha família. Nesta pesquisa de conclusão da disciplina descobri que meu avô materno conviveu com o seu avô, que era um escravizado, não falava português e viviam próximos a uma cidade chamada Santa Quitéria, no Maranhão. Descobri também que minha avó materna foi deserdada da família de origem portuguesa por desobedecer seu pai e casar com um homem negro. Minha avó é branca e letrada. Meu avô é negro e nunca foi a escola.¹⁴

Na faculdade, frequentando o NEAB, destaco aqui as conversas com os professores negros e as Unidades Curriculares como História e Educação Patrimonial dos Povos Indígenas e Afrodescendentes e o curso de Cultura Afro-brasileira, do departamento de Ciências Sociais. Todas elas contribuíram para que eu pudesse aprofundar o conhecimento sobre a minha ancestralidade.

Essas disciplinas me levou a realizar com meu amigo Sudão, cursos junto ao Movimento Negro de Diadema atuante no Fórum Benedita da Silva em 2016 e o curso de Cultura Afro-brasileira e Africana, que até os dias de hoje acontece no primeiro semestre de cada ano. O Fórum não somente me alimentou intelectualmente, mas também com o café da

¹³ Trata-se de Djamilá Ribeiro, intelectual negra organizadora da série de livros chamada Feminismos Plurais.

¹⁴ Quando escrevi a primeira versão deste texto, meus avós maternos eram vivos. Infelizmente, no momento em que escrevo essa nota de rodapé, meus avós não estão mais em vida. Partiram durante meu processo de pesquisa. Eu não quis e nem quero mudar o tempo verbal das frases nas quais me refiro a eles ao longo da pesquisa. Prefiro preservar a memória do momento em que escrevi sobre eles em vida. Só assim para diminuir o vazio que os dois deixaram na minha vida.

manhã comunitário. Eu tinha que levar algo para o café coletivo, mas na maioria das vezes eu não tinha dinheiro para comprar, então, contava com a sorte da solidariedade, que nunca faltou. Por vezes fui ao curso sem ter feito a primeira refeição do dia. O curso oferecia café da manhã e por meses essa refeição nas manhãs de sábado foi um alento.

Foram muitas as experiências e contatos com pessoas distintas, de diferentes origens. Contudo, toda essa trajetória, ainda que contada de forma sintética aqui, me faz refletir a trajetória afrodescendente em bairros. As festas em família, os costumes e as experiências nos territórios, sejam eles de maioria afrodescendente, sejam eles de maioria eurodescendente, contribuíram de alguma forma para o fortalecimento da minha ancestralidade, ao passo que revivo minhas memórias em comunidade.

3 PEÇA DE UM MOSAICO: O LOCAL HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA COMUNIDADE ROSALINA.

Para entendermos como a história da Comunidade Rosalina se interliga com a história de muitas outras comunidades da cidade de Fortaleza surgidas no processo de expansão urbana e higienização social acontecido a partir da década de 1970, com a desapropriação dos povos existentes nas orlas marítimas e dos centros urbanos da cidade de Fortaleza desde a primeira metade do século XX, buscamos realizar um resgate histórico do processo de expansão da cidade de Fortaleza. Inicialmente irei fazer esse resgate histórico para que, no segundo capítulo, possa se deter especificamente à formação histórica da Comunidade Rosalina.

3.1 Formação histórica da cidade de Fortaleza

O modelo de desenvolvimento econômico incidiu diretamente sobre a reorganização espacial da cidade de Fortaleza no século XIX. Marca profunda da economia cearense foi a comercialização do algodão e da pecuária. As relações comerciais dos produtos exportados estreitaram as relações entre Fortaleza e a elite das cidades interioranas. Segundo José Hilário Sobrinho (2011) os pretos e pardos eram superiores aos brancos no Ceará no início do século XIX (SOBRINHO, 2011, p. 55). Tal dado histórico ofusca a ideia de que no Ceará não haviam negros.

A necessidade de se realizar o escoamento da produção via rotas fluviais impulsiona a construção de um porto na Praia do Peixe¹⁵ em Fortaleza no início do século XX. Esse movimento interior-capital feito pela elite marca o início da segregação espacial na cidade de Fortaleza, que agora conta com dois espaços: enquanto um é bem estruturado o outro é marcadamente empobrecido.

Nesse contexto histórico, Fortaleza era a cidade economicamente mais importante do Ceará e estava entre as cidades mais importantes do país. A elite cearense inicia seu projeto de impulsionar a cidade de Fortaleza na construção de seus jardins e praças públicas, uma reformulação do espaço urbano excluía das ideias urbanísticas a presença dos afrodescendentes e demais grupos economicamente desfavorecidos, que ocuparam grande parte dos postos de trabalho das esparsas fábricas e equipamentos urbanos (JUCÁ, 2002, p. 76), concentrados nos bairros industriais.

¹⁵ Hoje é conhecida como Praia de Iracema.

Até 1940, o bairro Jacarecanga e o Benfica concentravam a elite econômica cearense que habitava um espaço notadamente marcado por construções inspiradas na arquitetura europeia (PARENTE, 2012, p. 98). “Jacarecanga surgiu como bairro industrial na expansão das indústrias na cidade de Fortaleza. Logo em seguida, a elite econômica muda-se para o bairro, habitando-o e passando a ver o bairro Barra do Ceará com área de lazer” (MATIAS, 2019, p. 43). À essa altura, o bairro Aldeota já demonstrava seu interesse em avançar e se tornar o bairro das elites. Sua arquitetura luxuosa chama atenção da elite que muda-se para o bairro, provocando um deslocamento do fluxo urbano criando mini centros comerciais distante do tradicional centro urbano. O objetivo era manter o mais distante possível dos luxuosos bairros de elite as populações afrodescendentes e os mais pobres.

Com isso, as populações mais pobres já se encontravam à margem dos investimentos públicos, que atendia as áreas de interesse do capital “e, na medida em que aumentava o número de casebres em áreas denominadas marginais, mais crescia a preocupação em afastar a pobreza dos espaços valorizados na cidade.” (JUCÁ, 2002, p. 78)

É no final da década de 1960 que surgem os primeiros bairros planejados com intenções de dinamizar o espaço. Como solução, as avenidas Leste e Oeste e ampliação da Avenida Francisco Sá dão vazão para o surgimento de, na década de 1970, os bairros Conjunto Palmeiras e José Walter (MATIAS, 2019, p. 44-45), com diferenças estruturais entre ambos. Enquanto no primeiro inexistia saneamento básico, fornecimento de água, luz e equipamentos de saúde, o segundo já contava, quando concebido, com toda essa estrutura e abrigava uma população com maior poder aquisitivo, em relação aos novos moradores do Conjunto Palmeiras.

Da década de 1970 em diante, a lógica do capital e dos investimentos públicos produziu outros bairros mais distantes das zonas de interesse do capital financeiro, com o mesmo fim de abrigar as populações afrodescendentes e os mais pobres. Uma solução para o crescimento desenfreado, investimento do capital nas zonas de interesse e de grandes grupos econômicos que, por decisão unilateral, desapropriaram os moradores da orla, empurrando-os para locais mais distantes do centro urbano. Este último, à medida que surgiam novos bairros, esvaziou sua população em 35%. (UEMURA, M. M.; KOHARA, L. ; FERRO, M. C. T., 2012, p. 06)

Em um contexto mundial, as políticas neoliberais já se delineavam como fórmula para saída da crise econômica. Como salvação, o neoliberalismo soterrou nos anos 1980 o nacional-desenvolvimentismo e o “milagre econômico” dos anos 1970. O poder público já atendia aos estímulos do capital financeiro norteamericano. Na prática, a desigualdade social

aumentava, os conjuntos habitacionais mais distantes do centro comercial da cidade de Fortaleza recebem continuamente novos moradores que, sem condições financeiras para pagar aluguel, buscam locais onde pudessem ter um abrigo.

A Comunidade Rosalina é um território de maioria afrodescendente da cidade de Fortaleza (JESUS, CUNHA JR., 2019), no que diz respeito à sua construção histórica e social. Chamamos território de maioria afrodescendente “espaços urbanos em que encontramos outros grupos sociais de origens históricas e culturais diversas, mas que encontra-se a população afrodescendente como maioria, sendo esta a que determina a dinâmica cultural e social desses territórios” (CUNHA JR., 2007, p. 71).

Entendemos que a cultura de um território de maioria afrodescendente constitui-se como "reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem" (CUNHA JR., 2001, p. 12). A comunidade Rosalina, um território de maioria afrodescendente, detém parcela da história no que diz respeito ao processo de desenvolvimento da vida dos afrodescendentes nas cidades urbanas brasileiras. Estudar os processos de ocupação e as moradias de aluguel da comunidade Rosalina é, portanto, estudar o longo processo de lutas por condições dignas de moradia da população afrodescendente neste país. A moradia é mais que um espaço físico, ela é a possibilidade de o afrodescendente da Rosalina acessar os “meios de vida, à água, a toda infraestrutura, à educação, à saúde.”. (ROLNIK, 2011, p. 38)

Em 1992 inicia-se a ocupação de uma comunidade chamada “sem terra”, no bairro parque Dois Irmãos. A comunidade Rosalina é uma consequência histórica de todos os processos arbitrários acontecidos no desenvolver da cidade de Fortaleza, sobretudo na segunda década do século XX. Os interesses econômicos das elites cearenses atrelado às políticas públicas de higienização e segregação sociais produziram o bairro negro.

A comunidade Rosalina surge do déficit habitacional dos anos 1990 na cidade de Fortaleza. Segundo dados do Instituto Pólis (2009), ao passo que os bairros mais próximos do centro comercial perderam cerca de 5,9 mil moradores entre 1991 e 2000, o bairro Passaré faz parte da realidade dos bairros que cresceram¹⁶ 10% no mesmo período. Os números contrastam com o déficit habitacional apresentado no ano 2000, que era de 77,6 mil moradias. (POLIS, 2009, p. 11)

¹⁶ Além do Passaré, Canindezinho, Jangurussu, Passaré, Coaçu, Sabiaguaba e Siqueira, Lagoa Redonda, e Lagoa da Sapiranga tiveram um crescimento populacional de 10% neste período.

DIVISÃO DAS REGIONAIS DE FORTALEZA

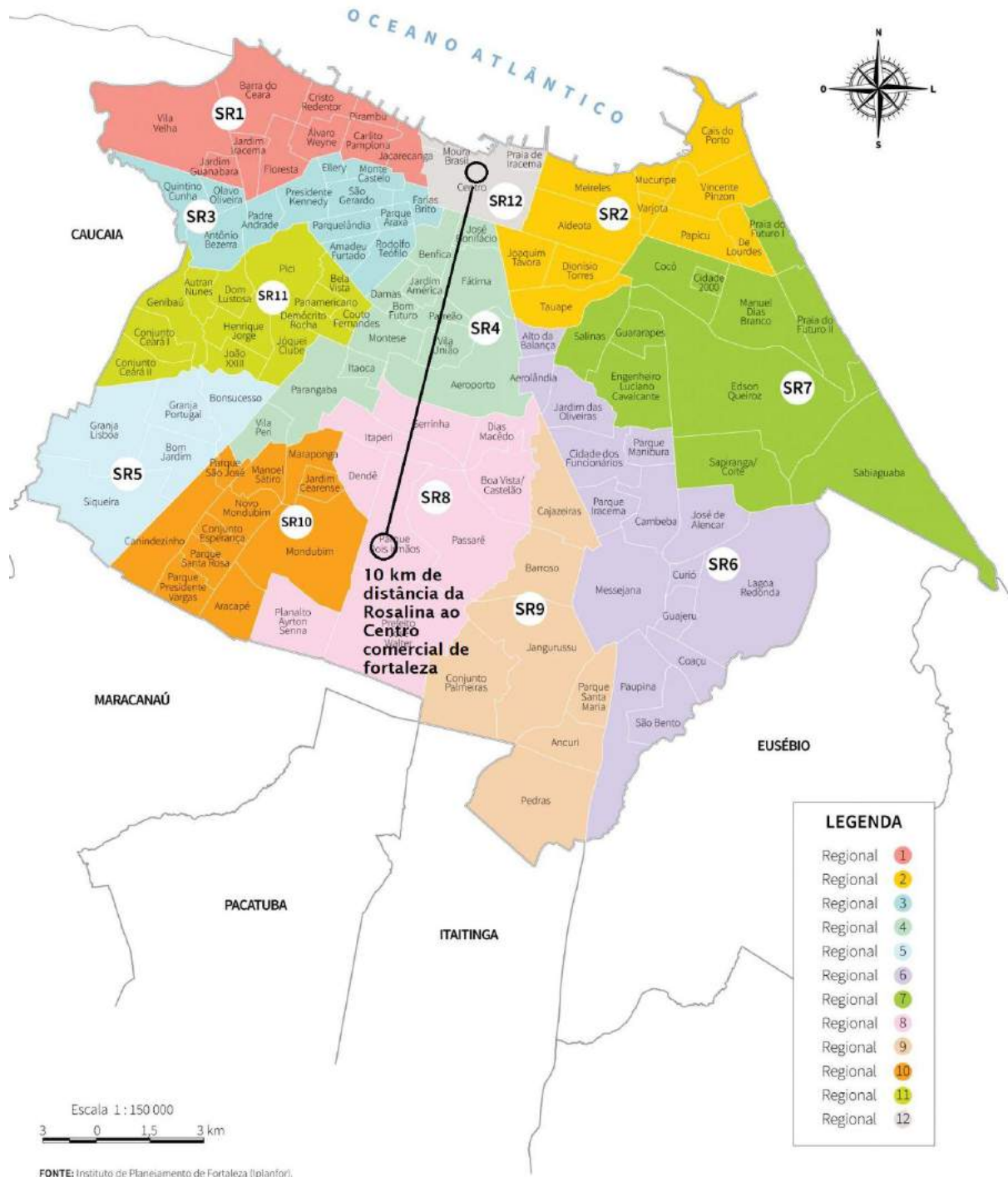


Figura 10: Localização da Comunidade Rosalina e distância até o centro comercial de Fortaleza. Fonte: IPLANFOR.

Acima vemos um mapa que expõe a distância entre a Comunidade Rosalina e o centro comercial. Nota-se também que a comunidade está a 5 km de distância da Universidade Estadual do Ceará, 6 km do Aeroporto Internacional Pinto Martins e a 500 km da Avenida Bernardo Manoel, ponto de ligação entre o bairro José Walter e a região da Parangaba e bairro Serrinha, além de está localizada atrás da Têxtil Bezerra de Menezes. Abaixo vemos um desenho esquemático que mostra a comunidade Rosalina dentro da divisão territorial do bairro Parque Dois Irmãos.

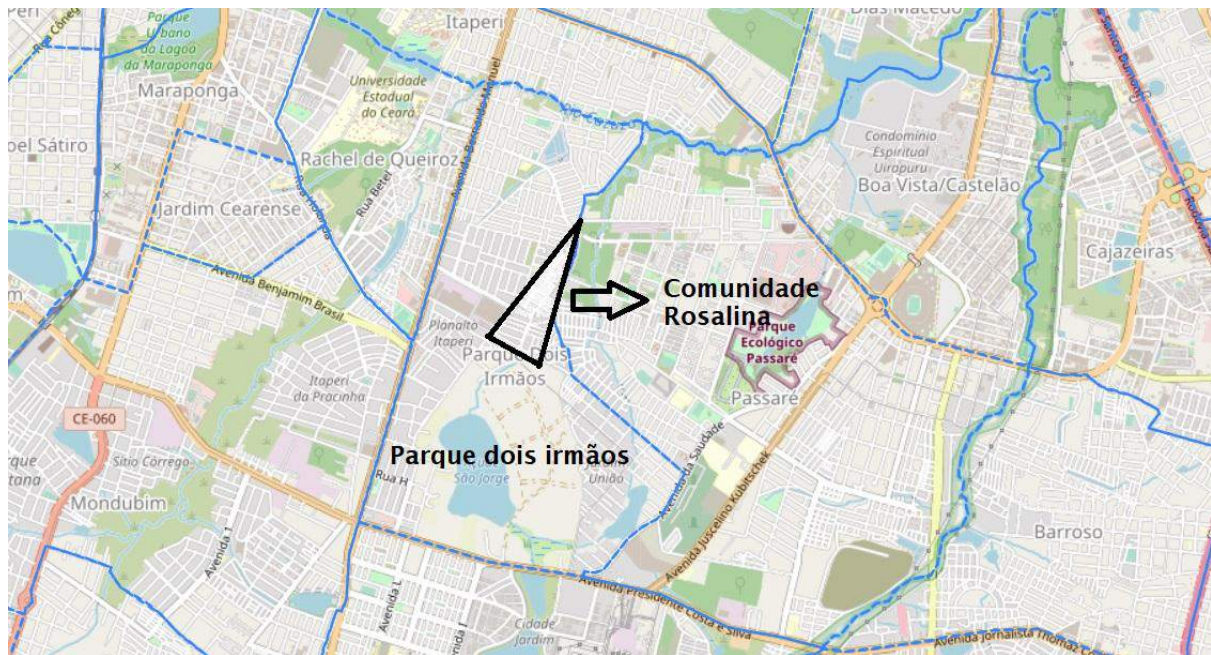


Figura 11: Desenho esquemático da área que compreende a comunidade Rosalina dentro da divisão administrativa do bairro Parque Dois Irmãos. Fonte: Fortaleza em mapas, 03/2022.

Atualmente, no Entorno da comunidade contamos com creche, escola infantil, posto de saúde, pontos de ônibus que ligam a comunidade aos grandes centros comerciais, além de supermercados, padarias, farmácias e bancos. Todos os equipamentos públicos e privados citados acima estão localizados em um raio de até 1km da Comunidade. Nenhum dos equipamentos estão localizados dentro da comunidade.

3.2 O processo de ocupação do território: luta pela garantia fundamental do direito à moradia.

Segundo o intelectual negro Alex Ratts, “a invisibilidade negra (e indígena) no Ceará é um discurso geográfico, político”. (RATTS, 2011, p. 22) É político, pois incide nas políticas elaboradas para atender a população cearense e com isso nunca houve atendimento de qualidade dos serviços públicos à população afrodescendente. Na nossa rua não tem coleta de

lixo, um bem público. É geográfico por entenderem que apenas alguns são *mapeáveis* e étnicos (RATTS, 2011) enquanto outros, não.

O Brasil foi o país que mais importou seres humanos africanos e tem o maior número de registros de quilombos, antigos e atuais (ANJOS, 2009, p. 153) Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado do Ceará detém em sua composição étnica 66,53% da população negra¹ (IBGE, 2010). A cidade de Fortaleza, capital cearense apresenta em sua composição étnica 62,12% de sua população negra.² Essa composição étnica é fundamental para entendermos as condições de moradia de parte da população da capital cearense. A terra sempre foi uma questão cara aos africanos e seus descendentes. Uma vez conquistada, a terra se torna “sinônimo de afetividade, pertencimento e vivências cotidianas, forjado por um conteúdo geo-histórico cuja apreensão pode desvelar a realidade, no intuito de entender como determinado espaço foi construído” (SILVA e CUNHA JR., 2019, p. 212)

3.2.1 A questão da moradia: como se ocupa

Na concepção dos moradores da Rosalina, ocupar um terreno vazio significa materializar o sonho de uma moradia. Essa é a concepção de um dos moradores presente na ocupação de 7 de Julho de 1996 da comunidade, que envolveu cerca de 1.500 famílias. As ocupações transformaram-se em lotes distribuídos entre os ocupantes do movimento de 1996. Nesses lotes construíram-se habitações de 16 m², inicialmente feitas de lona e madeira, para que após alguns meses se transformassem em moradias de madeira ou pau-à-pique.

A comunidade Rosalina é um bairro negro que encontra-se nos limites do bairro Parque Dois irmãos e Passaré. Rosalina faz fronteira com outros bairros, tais como: Tupã-Mirim e Conjunto Itaperi. No mapa abaixo, a região sublinhada nº 03 é apontada por parte de antigos moradores como o local de fundação da comunidade sem terra¹⁷. O ano era 1996. A região nº 04 abrange o terreno de intervenção da Prefeitura para construção do Conjunto Habitacional.

¹⁷ Comunidade Sem Terra era o nome dado à Rosalina até o ano de 1997.



Figura 12: Vista de cima da comunidade Rosalina. Fonte: *Google Earth*, 2020.

Já a região nº 02 refere-se às residências construídas na expansão da comunidade surgida na região nº 01 que encontra-se no entorno do campo do Palito (presente nas narrativas dos moradores mais antigos como campo do Palito, que veio a tornar-se campo de futebol por volta de 1997). A região nº 01 foi ocupada por volta do ano de 1992, sendo construído barracos de madeira¹⁸. Percebemos nas narrativas dos moradores, um distanciamento geográfico e temporal sobre onde e quando aconteceu a primeira ocupação que veio dar origem à comunidade Rosalina. A narrativa que defende o ano de 1996 refere-se a um fato histórico: a chegada de um líder comunitário chamado Carlão, ex-morador do bairro da Serrinha.

Já os moradores que defendem o surgimento da comunidade em 1992¹⁹, apontam serem os responsáveis pela primeira ocupação e que Carlão se estabeleceu anos depois. As ocupações iniciadas em 1992 aconteceram lentamente. As famílias chegavam, dividiam um espaço e construíam suas moradias onde hoje conhecemos como Rua Matadouro. Abaixo, podemos observar uma fotografia da Prefeitura de Fortaleza datada de 1995, onde podemos ver as primeiras moradias no entorno do que futuramente se tornaria o campo do Palito (Fortaleza, 2020).

¹⁸ Ainda hoje é possível encontrarmos na comunidade Rosalina barracos de madeira. Estes são, em sua maioria, antigos e abrigam novos moradores. O preço médio de um barraco de madeira na comunidade é de R\$ 2 mil reais e tem cerca de 16m².

¹⁹ Baiano, é como prefere ser chamado um morador da comunidade Rosalina, que afirma ter levantado seu primeiro barraco nas imediações próximas do campo do Palito (região nº 01), por volta de 1992.



Figura 13: Vista do terreno já ocupado. Data: 1995. Fonte: Prefeitura de Fortaleza.

Observem que as setas apontam para residências na Rua Matadouro já no ano de 1995. Observem também que a maior concentração de moradias está próxima do espaço onde se tornou o campo do Palito. A fotografia endossa relatos de um diálogo com uma doutoranda e ex-moradora da comunidade Riacho Doce que afirma “por volta de 1992 já terem moradores na Rosalina, pois quando ia para o centro da cidade, passava pelo campo e via moradores no seu entorno”²⁰

Em 1996 aconteceu o maior volume de ocupações simultâneas na comunidade. Após 18 meses de reuniões constantes na comunidade, cerca de 1500 famílias, sob a liderança de José Carlos Rodrigues, conhecido como Carlão, ocuparam a Rosalina no dia 07 de Julho de 1996. No local onde aconteceu o maior fluxo de ocupações hoje existe uma rua chamada 7 de Julho. Ali perto, se concentrou o primeiro espaço da Associação Comunitária. Abaixo vemos um serviço de assistentes sociais oferecido à comunidade Rosalina. É possível notar que grande parte do espaço não está habitado por moradias.

²⁰ Diálogo realizado em Abril de 2018, após aula na pós-graduação da UFC com o prof. Henrique Cunha Junior.



Figura 14: Tenda montada pela associação para atendimento de serviço social, s/d. Fonte: Associação Comunitária da Rosalina. Liderança Santos e Isabel.

Encontramos em sua gênese, a construção coletiva e a solidariedade entre os moradores, marcas profundas que estão enraizadas no cotidiano da comunidade. A forma como se ocupa a comunidade Rosalina revela como os afrodescendentes se instalam nos espaços criando bairros distintos dos demais bairros em que a cultura negra não se faz mais presente. Os moradores que fizeram parte da ocupação liderada por Carlão, afirmam ter realizado a divisão coletiva do espaço em lotes de 16 m², construídos com madeira e lona. A alimentação era feita coletivamente. Abaixo vemos o registro de pessoas construindo uma moradia com técnicas de pau-à-pique.



Figura 15: moradores construindo suas moradias coletivamente. Fonte: Arquivo da Associação Comunitária Rosalina, s/d.

Nos primeiros anos do século XXI era comum ver novos²¹ moradores na comunidade. Diariamente novas pessoas adquiriram lotes por meio de compra. O preço médio de uma moradia até Julho de 2003 era de 500 reais para casas na região próxima a rua Matadouro.²² À época, minha família realizou uma pesquisa de preços das moradias para estabelecer o valor de venda da sua própria residência, fato decorrente da separação dos meus pais. Após o ano de 2005, o território passou a ser um espaço de disputa entre os novos moradores e a prefeitura de Fortaleza. Este episódio será desenvolvido no próximo tópico.

3.2.2 A questão da moradia: como se aluga

No Brasil, a participação do valor do aluguel no orçamento das famílias com baixo rendimento é superior em relação às famílias com alto rendimento (KILSZTAJNA, 2009). Isso implica no fato de que o rendimento mensal básico de uma família residente na comunidade Rosalina é de 1 salário mínimo²³ como rendimento bruto e cerca de R\$ 1.050,00 reais como rendimento líquido. O valor médio do aluguel na comunidade Rosalina custa²⁴ cerca de 1/3 da média salarial do morador da comunidade. Isso significa dizer que a alta taxa de aluguel imposta pelos proprietários das residências é proporcional a supervalorização do território do entorno da comunidade. Um aluguel que antes custava 15 por cento do valor médio dos rendimentos de uma família da comunidade, atualmente custa cerca de 25 a 35 por cento.

Com isso, após o pagamento do aluguel resta cerca de 750 reais para subsidiar seus gastos com alimentação, saúde, transporte, vestimenta e lazer. Dando igual importância às áreas apontadas como gastos básicos, um morador da comunidade destinaria cerca de 150 reais para cada área apontada, valor insuficiente para subsidiar a alimentação mensal de um núcleo familiar composto por 3 pessoas, por exemplo.

²¹ Cheguei a ensinar vários novos amigos de sala de aula o caminho da EMEIF Manuel Lima Soares, escola que atendia parte do grupo estudantil da comunidade, localizada no bairro parque Dois Irmãos.

²² Dentro da comunidade Rosalina, tem a região conhecida como “Aldeota da Rosalina” e os esquecidos. A região da “Aldeota da Rosalina” é composta pelas moradias próximas à Rua 101, conhecida como “a parte de cima”. Já os esquecidos são os moradores próximos à rua matadouro, conhecida como “a parte de baixo” da comunidade. O território que abrange a comunidade Rosalina apresenta um declive entre as citadas ruas, que faz escoar todos os resíduos sólidos em dias chuvosos, causando grandes problemas estruturais nas moradias próximas à Rua Matadouro.

²³ O salário mínimo durante a pesquisa era de R\$ 1212,00, referente ao ano de 2022 e R\$ 1.100,00 reais, referente ao ano de 2021. O valor médio é de acordo com a profissão que a grande maioria alegou desempenhar na empresa que trabalha: serviços gerais.

²⁴ As moradias para locação com menor valor custam 300 reais por mês. E com maior valor custam 600 reais por mês.

Os percursos urbanos realizados entre 2021 e 2022, mostraram que não há muitas variações nas formas de aluguel de moradias na comunidade. Em linhas gerais, os contratos de aluguel são elaborados e assinados com a palavra do locatário e locador. Um acordo verbal entre ambas as partes, onde é acordado valor do aluguel, vigência do contrato verbal, data do pagamento. A vigência do contrato de aluguel é por tempo indeterminado e ambas as partes podem quebrar o contrato a qualquer momento sem qualquer ônus. Há também contratos de aluguel com cláusulas e tempo mínimo de 6 meses de vigência de contrato, podendo ser renovado, caso seja de interesse de ambas as partes. Esses, mesmo por escrito, não necessitam de reconhecimento de assinaturas em cartório.

Durante a locação do imóvel, o morador aprende que todos os reparos necessários na residência são de responsabilidade do morador. Por exemplo, o fornecimento de energia elétrica é conhecido como gambiarra, uma estrutura física não regulamentada pelo órgão responsável pelo fornecimento de energia elétrica na cidade. As gambiarras costumam apresentar defeitos sobretudo em períodos de chuva. Os ventos fortes desfazem a estrutura montada cortando o fornecimento de energia para a residência. Desta forma, é necessário fazer o reparo na energia elétrica da moradia alugada. O valor é de responsabilidade do morador. O mesmo vale para o fornecimento de água, caso algum cano venha a romper e o fornecimento de água seja interrompido, o morador junta-se com os demais moradores afetados e faz o reparo.



Figura 16: Morador da comunidade realizando reparo de um cano exposto em frente a sua residência. Data: 02/2022. Fonte: arquivo pessoal.

O fator que mais determina o valor do aluguel, conforme observado nos percursos urbanos é certamente a posição geográfica da moradia²⁵. Quanto mais próximo da rua 101, mais caro é o aluguel. Além deste, alguns outros fatores incidem sobre o preço da locação, tais como: se a construção é de alvenaria, madeira ou pau-à-pique, com dois quartos, se a residência dispõe de banheiro com vaso sanitário, quintal e fornecimento de água e energia gratuita. Nessas condições, os aluguéis custam entre 250 e 400 reais.²⁶ Para os aluguéis de valor entre 400 e 600, é possível encontrar moradias próximas à Rua 101, localizadas no entorno da comunidade. Residências na rua 101, 7 de Julho, Thomaz Coelho e na região conhecida como “casas novas” custam não menos que R\$ 400 reais.²⁷

As mudanças de moradia dentro da comunidade é muito comum aos moradores que necessitam pagar aluguel. Uma das moradoras que encontrei recentemente ao longo dos meus percursos urbanos já havia mudado de moradia cinco vezes somente durante o período da pesquisa, entre 2021 e 2023. É uma forma de diáspora permanente dentro do mesmo território, ao passo que demonstra um alto nível de adaptabilidade. É, em certa medida, uma constante reconstrução da vida a partir de um novo lugar, dentro da própria realidade. Essa

²⁵ A figura 12 da página 59 mostra um mapa que pode ilustrar essas regiões da comunidade.

²⁶ No caso de a residência situar-se na região n° 01 e n° 02, da figura 12.

²⁷ Região n° 03 e n° 04, da figura 12.

característica é reflexo na minha vida, ao passo que percebo que existe um ciclo que se abre e se fecha na minha vida a cada 7 anos.

E esses fatos refletem também nos contratos, que têm tempo médio de 6 meses de duração²⁸, não são respeitados por nenhuma das partes e são elaborados apenas para “formalizar” os termos, ainda que as assinaturas não sejam reconhecidas em cartório. Moradias que solicitam uma série de formalidades para que seja feita a ocupação por um inquilino sentem dificuldades de alugar o imóvel. “O dono dessa casa vizinha sente muita dificuldade de alugar ela, pois quando descobrem o tamanho da burocracia para alugar, o povo desiste,” disse Etiópia, morador da comunidade Rosalina desde 1997. A Associação de Moradores da Comunidade Rosalina tem parceria com advogados que buscam dar apoio jurídico aos moradores, contudo, a presidenta da Associação conta que ainda é um desafio garantir as escrituras de todas as residências.

Os mecanismos burocráticos que asseguram uma série de direitos para o inquilino e o locador previstos na legislação são barreiras que dificultam a locação de imóveis na comunidade Rosalina. Os novos moradores optam por maior flexibilidade e praticidade ao alugar uma moradia. Observamos que famílias que passam a se estabelecer na comunidade por meio de moradias de aluguel, optam pela locação na comunidade devido a dois fatores: preço do aluguel e facilidade na locação.

3.2.3 As políticas habitacionais e a “Rosalina Nova” (2005-2016)

O projeto de “revitalização”²⁹ da comunidade Rosalina é antigo, e data do ano de 1996. (Holanda, 2009, p. 60) A minha família chegou a receber 3 vezes no mesmo ano de 2001 visita de assistentes sociais que a orientaram fazer cadastro no posto de saúde mais próximo para recebimento de benefício residencial. A entrevistada n° 04 conta que realizou 5 cadastros no posto de saúde, entre 2001 e 2002, da comunidade vizinha chamada Riacho Doce e jamais recebeu qualquer tipo de benefício ou contato da Prefeitura.

²⁸ As mudanças de moradia dentro da comunidade é muito comum aos moradores que necessitam pagar aluguel. Uma das moradoras que encontrei recentemente ao longo dos meus percursos urbanos já havia mudado de moradia cinco vezes somente durante o período da pesquisa, entre 2021 e 2023.

²⁹ A palavra revitalização encontra-se entre aspas por se tratar de um termo utilizado pela prefeitura de Fortaleza que configura-se como mais uma tentativa de higienizar o bairro. A intenção, desde o início, foi destruir todas as moradias da comunidade Rosalina, para apagá-la do mapa da cidade, deixando um espaço vazio para outros fins, desconsiderando toda relação afetiva que foi construída pelos moradores naquele espaço que, apesar da precariedade, é nosso.

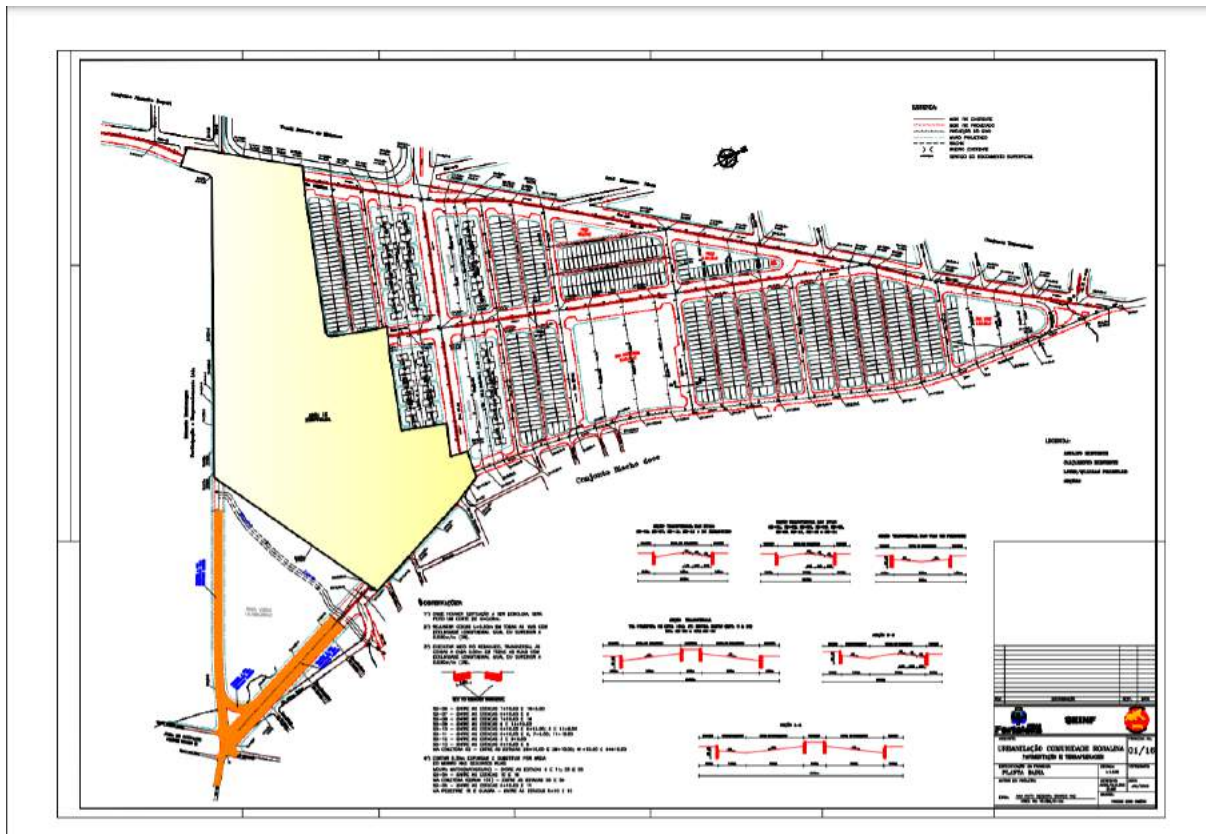


Figura 17: Planta baixa da comunidade Rosalina. Fonte: SEINF. Data: 01/2003

O documento acima refere-se a um estudo da Prefeitura de Fortaleza que tem como assunto Urbanização Comunidade Rosalina: Pavimentação e terraplanagem, datado de 2003, sob autoria da Secretaria Municipal de Infraestrutura (SEINF) de Fortaleza. A Planta mostra a mancha edificada da comunidade, sendo a área em amarelo a zona de construção do Conjunto Habitacional Rosalina. A previsão, segundo o documento, é de demolir a área autoconstruída.

Esse fato pode ser ligado a dois pontos especificamente. O primeiro deles é a inabilidade dos governos em lidar com as comunidades de maioria afrodescendente. O processo de desqualificação social da população afrodescendente no Brasil é um projeto em vigor há mais de cem anos. Um dos resultados é a ideologia da mestiçagem. A política da República pode ser considerada "eurocêntrica e segregacionista" (CUNHA JR., 2016, p. 10).

Essa ideologia aliada a esse processo de desqualificação delinea ações urbanísticas e significa dizer que, a reorganização das cidades aconteceu em capitais brasileiras, é um projeto baseado na ideia de um modernismo sem modernização³⁰ a ser seguido por todos. A respeito dessa política de remoção, Cunha Junior coloca que "a remoção sistemática das

³⁰ Nos termos do pensamento de Néstor Garcia Canclini em sua obra *Culturas Híbridas*, essa expressão refere-se ao que ele chama de contradições latino-americanas, em que tivemos um "modernismo exuberante com uma modernização deficiente" (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 67)

populações afrodescendentes dos centros urbanos se realizou em todas as cidades brasileiras, transferindo estas populações para áreas ermas e difíceis, desprovidas de meios de transporte, saneamento, saúde, sistemas de educação e lazer." (CUNHA JR., 2016, p. 12)

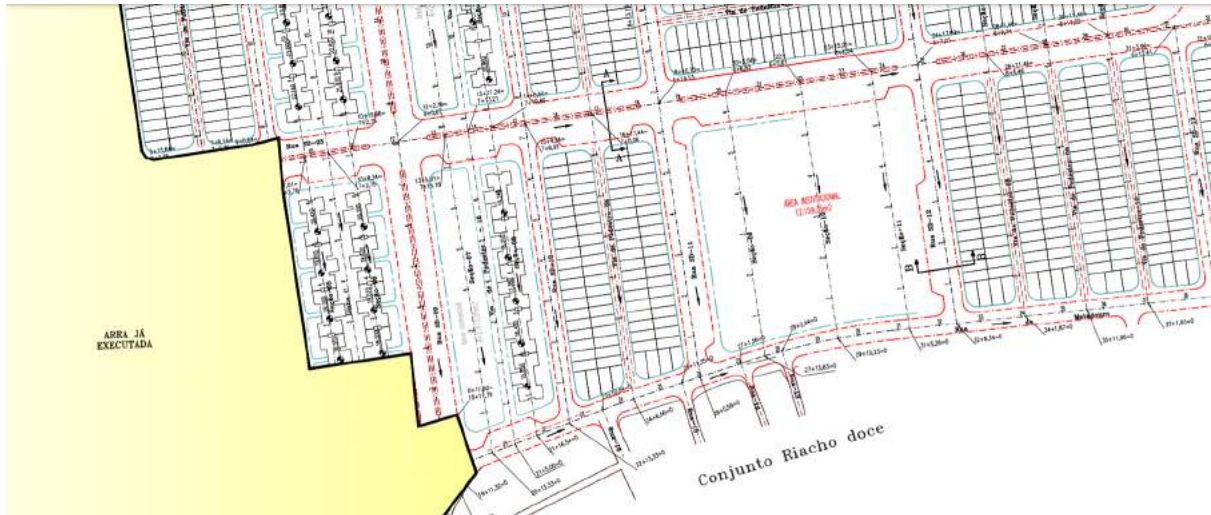


Figura 18: Visão aproximada da Planta baixa da comunidade Rosalina. Fonte: SEINF. Data: 01/2003

Outra observação importante é sobre a região do campo de futebol. A imagem acima é uma aproximação da primeira imagem e mostra a legenda “Área Institucional” na região do campo de futebol. Segundo a Lei nº 6.766, de 19 de Dezembro de 1979, intitulada Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências, define Área Institucional como:

“Art. 4º. Os loteamentos deverão atender, pelo menos, aos seguintes requisitos:

§ I - as áreas destinadas a sistemas de circulação, a implantação de equipamento urbano e comunitário, bem como a espaços livres de uso público, serão proporcionais à densidade de ocupação prevista pelo plano diretor ou aprovada por lei municipal para a zona em que se situem.” (BRASIL, 1979) (grifo meu)

Na citação acima grifamos o trecho que refere-se aos equipamentos urbanos e comunitários que devem ser construídos nas Áreas Institucionais. O Campo do Palito nos dias de hoje é a Areninha do Campo do Palito, inaugurada na gestão de Roberto Cláudio, em 2020, espaço de sociabilidade do qual falaremos posteriormente no capítulo seguinte com mais detalhes.

O ano de 2005 foi marcado por intenso acirramento na luta por terra dentro da comunidade. A prefeitura pretendia construir o Conjunto Habitacional, acima podemos observar o espaço destinado a construção do Conjunto Habitacional. No mesmo ano, esse espaço foi disputado em novas ocupações. (HOLANDA, *Op., cit.*, p. 60) Ainda no mesmo ano, 200 famílias ocuparam espaços dentro da comunidade, o que fez a Prefeitura de

Fortaleza declarar proibido ocupar o espaço destinado, pois nele seria construído o Conjunto Habitacional. Antes da ocupação, a comunidade contava com 1.831 famílias.



Figura 19: Vista da comunidade Rosalina e do local de intervenção. Fonte: Google Earth, 2020

Pouco tempo após a declaração, cerca de 160 famílias tentaram ocupar a comunidade, construindo paredes e alicerce das novas moradias, porém, a Prefeitura, por meio do uso da força policial da Guarda Municipal de Fortaleza e a Polícia Militar do Estado do Ceará, interveio e desocupou o espaço, demolindo as construções. À época, a prefeitura declarou não ter prejudicado nenhuma família visto que os espaços em construção não estavam habitados. (HOLANDA, *Op., cit.*, p. 61)

Em 2005 inicia-se o projeto de “revitalização” da comunidade Rosalina por meio de uma política de Habitação chamada Pró-moradia e Pró-saneamento, que visava construção de um Conjunto Habitacional para a Comunidade, que beneficiaria 1807 famílias com renda de 0 a 3 salários mínimos (HABITAFOR). Essa política pública foi encabeçada pela Gestão de Luizianne Lins, prefeita da cidade de Fortaleza entre 2005 e 2013, que visava “higienizar”³¹ toda a comunidade, deslocando aos poucos os moradores da comunidade para conjuntos habitacionais e destruindo aos poucos as moradias da Comunidade Rosalina.

Esse era o movimento pretendido com a política pública citada. O engenheiro da obra à época, em entrevista a um jornal local, ao ser perguntado sobre as principais mudanças positivas, ele coloca que trata-se de “uma mudança de conceito dentro da cidade [...] é um

³¹ O termo aqui empregado decorre de conclusões das percepções dos movimentos pretendidos com a política pública. A intenção era fazer desaparecer toda a comunidade, transformando-a em conjunto habitacional.

bairro que vai ser criado no lugar de uma favela”³² (FORTALEZA, 2008). As obras se arrastaram por anos, tendo sua primeira parcela entregue apenas em fins de 2008.

Em Setembro de 2009 as obras ficaram paradas por 8 meses, devido o fim do contrato com a construtora, 173 habitações com obras paralisadas foram ocupadas por membros da comunidade. Parte dos ocupantes alegam que esta se deu pelo fato de na última entrega de moradias realizada pela Prefeitura de Fortaleza, famílias não residentes na comunidade foram beneficiadas.

O fato foi coberto pelo jornalismo do Jornal Diário do Nordeste (2009): “Colocaram um povo que veio do Centro aqui, enquanto que gente da comunidade tá passando o maior apertado, morando em abrigo, de aluguel e não tem vez. A gente veio logo antes que perdesse a vez. Tem gente esperando há 15 anos”³³. Em Agosto de 2010 foi entregue nova etapa do Conjunto Habitacional (PMF, 2013)

Em Agosto de 2013 parte das construções paralisadas são ocupadas por moradores da comunidade que são expulsos pela força policial a pedido da Prefeitura de Fortaleza (PMF, 2013) e que alega haver prejuízos econômicos causados pela ocupação. Parte da população que ocupou as obras inacabadas neste mesmo ano foi desabrigada. Atualmente as obras estão ocupadas por moradores da Rosalina nas condições materiais expostas na imagem abaixo.



Figura 20: Vista das habitações abandonadas pela prefeitura e ocupadas em 2012 por moradores da Rosalina.

Fonte: Google *street view*, 05/2013.

³² Frase dita em entrevista o documentário Rosalina, a construção de uma comunidade. Disponível online em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rwC3w-Co-ZY&t=1s>> acesso em 17/05/2020.

³³ A frase foi dita por alguém que participou da ocupação e que foi identificado pela equipe de jornalismo do Diário do Nordeste como “invasor que preferiu não se identificar”. Disponível online em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/invasao-e-furto-na-rosalina-1.429483?page=3> acesso em 20.08.2021.

A “Rosalina Nova” tinha previsão de conclusão da primeira etapa entre 2008 e 2010, porém só foi entregue em 2016. Observo que entre 2008 e 2013 aconteceram diversas ocupações de espaços dentro da Comunidade Rosalina e do Conjunto Habitacional Rosalina.

Os ocupantes desse espaço deixaram suas residências vazias, que foram ocupadas por outros moradores. Muitos destes, com sua moradia condenada pela Prefeitura de Fortaleza. A maioria das residências que tinham esse perfil estavam localizadas na região nº 01 exposto na figura 12 da página 58. Essa região da comunidade é a mais afetada em períodos de chuvas intensas, pois o declive existente no terreno onde está a comunidade aponta uma depressão entre a rua 101 e a rua Matadouro. E como pode ser visto no mapa supracitado, a região nº 01 está localizada na região que é conhecida como “parte de baixo” da Rosalina.

A última ocupação da comunidade Rosalina aconteceu em sua expansão, em 2016. É possível observar os locais habitados no mapa abaixo. Essa região compreende três ruas hoje existentes na Comunidade: Rua Primavera, rua Thomaz Coelho e rua 7 de Julho. Esta última recebeu este nome por homenagem ao dia e mês da ocupação ocorrida ao longo da década de 1990. Na ocasião, devido a entrega da última etapa do Conjunto Habitacional que teve início em 2007. Cerca de 412 famílias foram beneficiadas com as novas habitações. Porém, não foi suficiente para que pudesse diminuir os riscos existentes pela maioria da população que habitava a região nº 01 da comunidade naquele momento. Fato é que o conjunto habitacional criou outros problemas relacionados à moradia na comunidade Rosalina.



Figura 21: Vista do espaço ocupado entre o Conjunto Habitacional e a Comunidade Rosalina em 2016. Fonte: Google Street View, 2020.

Ao desocupar essas moradias, a prefeitura de Fortaleza demoliu todas as residências dos antigos moradores, deixando vazio uma parcela do território. Poucos meses após a demolição das residências e a consequente ausência de decisões da Prefeitura de Fortaleza, moradores residentes na região da Rua Matadouro e adjacentes ocuparam o espaço vazio dos antigos moradores, criando lotes de 6x15m²,³⁴ utilizados para autoconstrução, o que causou uma junção entre a comunidade e o Conjunto Habitacional. É nessa junção, entre a Rosalina velha e a Nova Rosalina que situa minha moradia.

Esse espaço, ainda hoje é dotado de tensão por nós, no sentido de que, por se tratar de uma parcela do território ocupada recentemente, paira entre nós o receio da desocupação, a mando da prefeitura de Fortaleza. Recentemente a ENEL, empresa italiana fornecedora de energia elétrica no Estado do Ceará, mapeou as moradias dessa parcela territorial, numerou e informou que retornaria em breve para acoplar nas residências medidores de consumo de energia.

Essa notícia foi recebida por nós com tristeza e alegria: tristeza por ser mais uma despesa no orçamento financeiro familiar. Alegria pelo fato de compreendermos que uma vez que essa ação de fornecimento legal de energia elétrica acontece, há uma etapa de legalização do território que foi cumprida. Fato este que encaminha as moradias desta parcela do território para o reconhecimento jurídico legal de posse definitiva.

³⁴ Lotes com essa metragem chegaram a custar 2 mil reais à época e ainda há, hoje, lotes à venda com preços de até R\$ 30 mil reais.

4 VIVER EM COMUNIDADE: ESTRATÉGIAS DE VIDA, SOCIABILIDADES E EDUCAÇÃO.

Quando me perguntam onde eu moro, eu falo que moro na Rosalina, uma comunidade entre o Parque Dois irmãos e o Passaré. A pergunta que recebo imediatamente após a resposta é: como é morar lá? Eu sempre respondo que “eu sempre morei lá, desde pequeno. Eu gosto de morar lá, por causa da forma de viver, é diferente dos outros bairros que já vivi.” Considero como uma resposta padrão para as “curiosidades” dos vizinhos de bairro. Porém, essa questão “como é morar lá?”, na verdade, é fundamental ser respondida, pois nela pode estar a solução de uma série de incompreensões relacionadas a educação e políticas de habitação. Essa pergunta será respondida ao longo deste capítulo.

Compreender as especificidades das formas de vida negra em bairros é necessariamente compreender o significado de comunidade na prática, com todas as suas incompreensíveis adversidades cotidianas no mesmo espaço e tempo. No dicionário Houaiss da língua portuguesa comunidade é “1. um conjunto de habitantes de um mesmo local. 2. Conjunto de indivíduos com características comuns. 3. Conjunto de populações que habitam uma mesma área ao mesmo tempo” (HOUAISS, 2004, p. 175). A segunda definição do dicionário me ajuda a compreender as diferenças que o senso comum emprega em relação aos conceitos de favela e comunidade.

Comunidade é vista como conjuntos habitacionais. Construções padronizadas por um engenheiro e arquiteto contratados especificamente para projetar e materializar alguma ação governamental na área habitacional. As comunidades, seguindo essa linha de raciocínio, são dotadas de uma estrutura mínima de habitação, “é algo mais organizado”, como definiu um colega de trabalho em um dia comum de diálogo sobre o meu bairro. Já a favela, continuando nessa mesma linha de raciocínio, são lugares sem padronização e sem estruturas mínimas de construções habitacionais. Favela é algo “menor”, é necessariamente definida pela falta de algo.

Essas definições que chamei de senso comum foram elaboradas a partir de diálogos sobretudo com pessoas que não residem na comunidade. Conversa em que a pauta principal sempre foi iniciada pelo “como é morar lá?”. Ao longo da pesquisa, notei que nos percursos urbanos, havia uma distinção do que é comunidade Rosalina e Favela da Rosalina. O senso comum percebido nos diálogos com pessoas de fora da comunidade também permeiam as definições de alguns moradores de dentro da comunidade. Notei que as pessoas entrevistadas

e que residem nas ruas Thomaz Coelho, 7 de julho e nas imediações da rua 101 referem-se ao seu lugar de moradia como comunidade. Todo o restante é favela.

No esquema desenhado na figura 12 da página 58, as áreas n° 02, n° 03 e n° 04 são definidas pelos próprios moradores como comunidade Rosalina, enquanto a área n° 01 é definida como favela. Esse movimento foi observado ao longo de todo o percurso urbano. Essa é uma das muitas incompreensões existentes dentro da especificidade da vida urbana no bairro negro. Na dinâmica social do dia a dia, todas as áreas são constituídas por afroinscrições, conceito desenvolvido na tese de doutorado da pesquisadora Renata Aquino Silva, que dialoga diretamente com bens de natureza imaterial, ou seja, formas de expressões e práticas da vida social (SILVA, 2018, p. 33).

4.1 Forma negra urbana afrodescendente

Antes de entrar no tema da forma urbana negra, é importante colocar minha concepção de bairro. Compreendo *bairro* como uma divisão administrativa que geralmente é utilizada em cidades para delimitar regiões distintas. Essas distinções podem ter inúmeras dimensões, dentre elas a física (bairros com infraestrutura física específica), econômica (bairros que concentram pessoas com maior poder aquisitivo), etc. Essas dimensões fazem com que cada bairro tenha suas próprias características, que os tornam diferentes uns dos outros. Essas diferenças, *grosso modo*, ditam como as populações vão se referir a cada bairro: bairro de classe alta, bairro de classe média e bairro de classe baixa.

Desta feita, surgem várias formas de designar determinadas áreas da cidade, dentre elas, a ideia de bairros populares. Os bairros populares são parcelas de áreas da cidade que concentram pessoas de baixa renda e que são definidos como lugares de ausência e precarização: ausência de serviços públicos, ausência de infraestrutura, residências precárias. As precarizações e ausências dão aos bairros populares inúmeros conceitos: vilas, cortiços, favelas, etc. A ausência de vida, de felicidade, de infraestrutura são as dimensões dos bairros populares, na concepção geral de estudos feitos em universidades, sobretudo quando estudados sob a ótica do materialismo histórico-dialético.

O espaço é um conjunto de objetos e as relações que são realizadas sobre estes objetos (SANTOS, 1988, p. 71). Neste sentido, o espaço tem dois elementos fundamentais: os objetos que constituem este e a ação humana sobre estes objetos em um dado momento histórico. Essa ação, porém, determinada por fatores culturais, econômicos e sociais determina a

identidade do espaço. Um espaço habitado por uma maioria de afrodescendentes constitui-se de objetos que remetem à cultura e história afrodescendente naquele determinado espaço. A maioria afrodescendente em um dado espaço é responsável pela dinâmica deste e determina uma série de fatores preponderantes para entendermos o desenvolvimento histórico, social, cultural, arquitetônico e econômico.

O bairro negro, na sua concepção histórica, é marcado por diferentes sociabilidades e espacialidades, baseados nas expressões da vida cotidiana da cultura negra. O bairro negro concentra marcas que aqui chamamos de afroinscrições (SILVA, 2018). As autoconstruções. A forma urbana negra está para além do que é visível e materializado (CUNHA JR., 2019, p. 72). Como o espaço é também "orgânico" (existe de fato um espaço dos corpos vivos e dos grupos sociais), a relação espacial suscita a noção, de forma social entendida, segundo Ledrut em sua obra *La forme et le Sens dans la Société*, como "conjuntos feitos de elementos múltiplos (ainda não conceitualizados sob os vocábulos sociológicos de instituição, cultura, estatuto e que aparecem muito concretamente em nossa experiência como um certo estilo de existência)" (LEDROUT, RAYMOND, 1984, p. 46 *apud* SODRÉ, 2002, p. 20).

Os bairros negros são expressões da forma urbana negra. Dialogar sobre territórios de maioria afrodescendente é necessariamente dialogar do longo processo histórico de luta por partilha do solo urbano brasileiro, do processo de desqualificação da população afrodescendente, dos conflitos entre afrodescendentes e eurodescendentes. É, enfim, falar da estreita relação que as populações afrodescendentes criam com seus territórios em uma sociedade orientada pelo capitalismo racista.

A forma urbana negra é desenhada por dimensões da vida cotidiana de afrodescendentes em bairros. As expressões das identidades negras em um território, produz espacialidades negras. As espacialidades negras resultam no bairro negro. O bairro negro é, portanto, uma expressão da forma negra urbana em cidades. Existem alguns fatores que contribuem para que essas expressões produzam o fato materializado: o racismo antinegro, as condições impostas pelas instituições locais, o capitalismo racista e as relações dentro da comunidade e da comunidade com o seu externo. Essas dimensões produzem a espacialidade negra, que resulta no bairro negro.

O bairro negro é real, físico e material. Nele residem sonhos, lutas, conquistas, frustrações e afetos. O ato de sentar-se na porta de casa para tomar café da manhã ou almoçar

diz muito da necessidade de compartilhar com o bairro sua vida. O privado e o público se confundem. Pendurar roupas na porta de casa³⁵ e ter a certeza de que elas estarão ali naquele mesmo lugar reafirma os contratos de convivência em comunidade estabelecidos. Todos esses fatos, são dimensões da forma negra urbana no que se refere às expressões das identidades. Estabelece-se uma lógica de convivência distinta dos demais bairros onde a maioria da população não é afrodescendente. O elemento fundante da forma negra urbana é, portanto, as afrodescendências.

A Rosalina, forma negra urbana, é pensada como possibilidades sociais, econômicas e culturais, que moldam as vidas e o cotidiano da população residente de bairros negros. Na Comunidade, a areninha do palito é o único equipamento cultural existente dentro do território. Esse campo, existente desde o nascimento da Comunidade, viabiliza uma série de atividades. Campeonatos de futebol, com premiação aos times vencedores. Durante os campeonatos, as famílias vão assistir, moradores aproveitam o momento para comercializar algum tipo de comida ou bebida. Além dos campeonatos, alguns dias da semana e aos sábados a noite a areninha fica disponível às crianças que desejam jogar. Então, pais e mães levam seus filhos para brincar dentro do campo. É um momento de alegria.



Figura 22: criança brincando no pula-pula, na esquina da rua Hildebrando Pereira, no entorno da Areninha do campo do Palito, data: 03/2022. Fonte: arquivo pessoal.

³⁵ Ver figura 26.

O campo constitui-se como um espaço de encontros, brincadeiras, confraternização e concentra diversas formas das expressões urbanas das manifestações culturais que ocorrem no bairro negro. As quituteiras, os mercados informais, as feiras, os ambulantes, tais como vendedores de comida, bebidas e pessoas que alugam brinquedos infantis por um preço a hora fracionada³⁶. Essa configuração no entorno do campo se potencializou após a construção do espaço da areninha, “constituindo um conjunto de repertórios culturais que se processam nos territórios afrodescendentes” (RAMOS, CUNHA JR., 2008, p. 81).



Figura 23: Vista do entorno da areninha em dia de jogo de futebol. Data: 07/2021. Fonte: Arquivo pessoal.

Durante o período de flexibilização das regras de isolamento social devido a COVID-19, aos sábados, a partir das 22h, passou a acontecer festas com sons automotivos. Essas festas aconteciam de forma independente. As pessoas se organizavam em torno de um cooler com bebidas alcoólicas e um carro com som. Até o período em que a população passou a reclamar do uso de drogas na frente de crianças, por volta das 19h e 20h. Algumas pessoas queriam começar a festa mais cedo e por isso havia um conflito de horários de uso do espaço.

Então, houve uma determinação interna de que estava proibida festas na Areninha devida a “irresponsabilidade de alguns que não respeitaram as famílias”. Essa frase foi dita por um morador no dia da proibição. Desde então, não houve mais festas com essa configuração. Essa proibição não afetou as sociabilidades da areninha: reunir-se com amigos

³⁶ 10 minutos custa 2 reais para a criança brincar no pula-pula.

para conversar, beber ou jogar futebol continua normalmente. Nas festas de fim de ano, o campo transformava-se em área de som, onde o dono de um bar no entorno ligava seu som no volume mais alto e ali confraternizávamos a chegada do *ano novo*.

A arquitetura da Comunidade possibilita algumas situações de lazer percebidas durante os percursos urbanos realizados. Entre os anos de 1999 e 2003, em muitas situações cotidianas minha família e eu íamos ao Campo do Palito para realizarmos algumas atividades de lazer. Comumente aconteciam jogos de futebol, Verdão da Vila, time de futebol da Rosalina até hoje participa de uma série de campeonatos locais. Com isso, era comum sentarmos ao redor do campo, na frente das casas das outras pessoas e conversar sobre o jogo, sobre a vida, sobre problemas pessoais, angústias, alegrias e tristezas. Nós crianças utilizávamos a lateral do campo para brincar de “pau na lata”³⁷, pião³⁸, bila³⁹ ou mesmo futebol. Os percursos urbanos realizados ao longo da pesquisa revelaram que essas formas de expressões urbanas continuam existindo e sendo parte da dimensão da vida urbana negra no bairro. Enquanto eu escrevo essa dissertação de mestrado, meu primo me chama na porta de casa para ir até a areninha do campo do palito para ver se tem jogo acontecendo. O mesmo convite acontecia quando eu era criança.

As festas de fim de ano, de confraternização, queima de fogos de artifício, aconteciam no campo do palito. Houve um momento em que o *funk* esteve em alta na comunidade. No lançamento do grupo de funk Furacão 2000, um morador da Rosalina tinha um equipamento de som com caixas amplificadoras. Por muito tempo o lazer resumiu-se em ouvir músicas de funk no campo do palito sentado nas calçadas ao redor do campo.

Nesse mesmo lugar, localizam mercados, cabeleireiro, bares, locadoras de vídeo game⁴⁰. A vida acontecia em torno do campo. Havia piqueniques organizados pelo time de futebol amador da Comunidade, no qual meu pai foi jogador por muitos anos. Esse time organizou jogos contra times de outras cidades como Maranguape, Sobral, Pacajus, dentre outras cidades que foram locais que viajamos para prestigiar o confronto entre os times. Um ônibus era alugado pelo clube com apoio de moradores da comunidade. O campo do Palito

³⁷ Brincadeira semelhante ao Beisebol, porém, brincada com um uma bola de tênis, pedaços de madeiras e garrafas *pet*. O objetivo do jogo é arremessar a bola de forma que atinja a garrafa *pet* do adversário.

³⁸ O pião é conhecido como carrapeta, pinhão em outros locais do Brasil e *xindire*, *n'teco mbila* em algumas regiões de Moçambique.

³⁹ Bila é uma variação de peteca e bola de gude, amplamente disseminado no país.

⁴⁰ Locadora de vídeo game é o nome dado a um espaço em que se paga para utilizar o vídeo game por determinada hora e preço. Até 2005, juntamente com o cabeleireiro, era o único estabelecimento a oferecer tais serviços dentro da comunidade.

foi por muito tempo o ponto de encontro, que acontecia às 04 horas da manhã. A alimentação era de responsabilidade de cada família, porém, durante o almoço havia compartilhamento da alimentação entre todos de forma que nenhum participante ficasse sem se alimentar. Por vezes perguntei à minha mãe o porquê de tanta comida nas sacolas e ela respondia que “era para gente comer bem”. Nem sempre era assim.

O Cotidiano atual descentralizou os pontos de lazer, que até 15 anos atrás concentrava-se no Campo do Palito e na casa do dono do time de futebol, localizada na Rua Matadouro, ao lado do campo. O lazer hoje em dia acontece nas vias públicas, nas ruas da Rosalina. A estrutura específica das ruas aproxima as habitações umas das outras. Existe mais sentido a realização do lazer na rua do que em um espaço específico distante e isolado da comunidade, ainda que o campo esteja a 10 minutos de qualquer residência da Rosalina. Até mesmo devido ao compartilhamento do momento com a vizinhança e o suporte das casas para realização do lazer. Algumas dessas expressões só fazem sentido se acontecer na porta das moradias. Neste sentido, as ruas e o campo do palito são de uso constante para o lazer. Maria Estela Rocha Ramos vai dizer que

A rua, como espaço público, era o lugar das vivências cotidianas, das trocas, das festas religiosas e cortejos, enfim, espaço de socialização. Para as elites, no entanto, a rua se tornou terra-de-ninguém, perigosa porque mistura classes, sexos, idades, funções e posições de hierarquia. [...] a superposição de funções e o uso coletivo do espaço, além da estratégia de sobrevivência designam o modo de vida, modos de vida estes que delineiam formas e usos do espaço com suas próprias lógicas, razões e significados que vão muito além da simples precariedade da pobreza ou reflexo da prática da escravidão. (RAMOS, 2007b, p. 109)

Atualmente o campo do palito é um *lugar-comum*⁴¹ a todos da comunidade. Em Dezembro, o último evento do ano de 2017 foi um jogo de futebol amistoso entre torcedores dos times de futebol profissional Fortaleza E.C e Ceará S.C. Ambos os times amadores eram compostos por torcedores e moradores da Comunidade do Riacho Doce⁴² e da Rosalina.

Existem alguns espaços de encontro e sociabilidade que são comuns a todos, inclusive aos recém-chegados na comunidade. O campo do palito, apesar do ocorrido nos últimos

⁴¹ Considero lugar-comum uma parcela do espaço habitado no território em que a comunidade local tem conhecimento e utiliza este espaço para socialização, pontos de encontro, festas e diálogos. Quando saímos em busca de alguém para conversar ou ir em algum lugar, iniciamos essa busca pelo campo do palito: você sabe onde fulano está? - Ele deve estar no campo! No caso da experiência da Rosalina, o lugar-comum é a marca fundante do surgimento da comunidade, que surgiu ao redor do campo do palito.

⁴² Comunidade do Riacho Doce está localizada ao sul da Rosalina, no bairro vizinho chamado Passaré, trata-se de uma comunidade mais antiga que a Rosalina, composta em sua forma inicial por remanescentes do Quilombo Bastiões.

anos,⁴³ continua sendo um espaço comum a todos na comunidade. No dia 24 de Dezembro de 2017 aconteceu, após muitos anos interditado, um fato inédito. Um encontro de torcedores do Ceará e do Fortaleza, que reuniu jogadores do Riacho Doce⁴⁴ e da Rosalina.



Figura 24. Partida de futebol ocorrido no dia 24/12/2017, no campo do Palito, entre torcedores do Ceará e torcedores do Fortaleza.

O jogo aconteceu sem conflito, com vitória da torcida do Fortaleza com o placar de 3x2. O que interessa é a realização de um momento de lazer proporcionado pelas duas comunidades no único equipamento de lazer. O evento acima marca o reinício do uso do campo como espaço de sociabilidade. Esse instante da vida urbana no bairro fortalece a relação com território, estabelece vínculo entre os membros da comunidade porque o evento constitui-se como algo comum a todos no espaço e tempo, dinamiza o espaço e fortalece os vínculos com as comunidades do entorno. Esse momento seria impossível de acontecer há 20 anos atrás. O evento tornou-se tradicional e todo ano, desde 2017, acontece no mesmo local, envolvendo os mesmos times de torcida organizada dos dois bairros.

⁴³ Há alguns anos houve uma série de assassinatos no campo do palito, que o fez ser interditado e posteriormente abandonado, permanecendo o espaço, bem como as traves do campo, porém, encurtando seu tamanho, sendo tomado pelo *matagal*. Essa realidade durou mais de uma década, sendo intensificada nos anos entre 2010 e 2015. O jogo acima marca o reinício do uso do campo de futebol como espaço de sociabilidade da Comunidade.

⁴⁴ O Riacho doce é uma comunidade mais antiga que a Rosalina, localizada no limite entre o bairro Passaré e Parque Dois Irmãos, que é demarcado pela Rua do Matadouro. Existe um histórico de conflitos entre os moradores das duas comunidades em que as torcidas organizadas dos dois clubes consideram “*um caso sério*”.

4.2 Sociabilidades, redes e estratégias de vida.

Sociabilidades, redes e estratégias de vida são perspectivas dimensionadas nesta pesquisa com intuito de tentar traduzir a complexidade da vida urbana dos afrodescendentes na comunidade Rosalina. Inicialmente, irei dimensionar a **forma** e o **conteúdo** do bairro negro Rosalina. Mas, para isso, preciso definir o que é “forma” e “conteúdo” nos estudos sobre a sociabilidade.

Para entender as diferenciações de forma e conteúdo, devemos compreender cada uma em sua singularidade. Na definição do *conteúdo*, Simmel aponta para que é tudo aquilo que existe no indivíduo, tais como: vontades ou sentimentos, no qual o objetivo se delineia em causar efeitos sobre os outros ou mesmo sofrer efeitos dos outros (SIMMEL, 1983, p. 166) No estudo sobre sociabilidade feito por Georg Simmel, matéria e conteúdo é tudo aquilo que está presente no indivíduo e tem potencial para criar ou influenciar outros indivíduos, no ato da *sociação*. Essas “matérias”, segundo Simmel, não são sociais. O amor, a fome, o trabalho, a religiosidade tem potencial agregador de indivíduos isolados e todas essas dimensões são fatores de *sociação*. (SIMMEL, op. cit., p. 166)

Os sentimentos como raiva, tristeza, alegria não geram *interação*, uma vez que elas são características intrínsecas do indivíduo e isso precisa ser exteriorizado de maneira que se torne formas de estar com os outros. É exatamente isso que Simmel chama de *sociação* que, em síntese, é a forma que exteriorizamos os conteúdos. E isso pode acontecer de diversas formas, como conversas, gestos ou expressões faciais.

Simmel faz uma diferenciação entre “sociedade” e “uma sociedade” colocando que o fator preponderante que diferenciam ambas é necessariamente o seu **conteúdo**.

“qualquer sociedade política ou econômica, ou qualquer que seja a descrição de seus objetivos, é uma **“sociedade”**. Mas apenas a sociável é **“uma sociedade”** sem outras qualificações. Esta se ergueu acima de todos os **conteúdos**, tais como aqueles que caracterizam aquelas “sociedades” mais “concretas”. (*Idem, ibidem*, p. 169)

Seguindo esta perspectiva, sociedade é a “interação entre os indivíduos” (Simmel, 1983, p. 165) Interação esta, que obriga “os indivíduos a formarem uma unidade com base nos seus instintos e interesses”. (SIMMEL, op. cit., p. 166)

No entanto, preciso colocar aqui que interação e sociabilidade são termos distintos na concepção de Georg Simmel. Para que haja sociabilidade é necessário que exista “autonomização na interação”, que nada mais é que a libertação de traços da realidade. A interação é, portanto, o conteúdo de cada indivíduo que resulta na união com outro. Isso é definido como interação. Mas, a partir do momento que os dois se relacionam com interesses mútuos de um grupo, passam de uma interação para uma socialização.

“Esse processo funciona também na separação do que chamei de **conteúdo e forma de vida** societária. Aqui, “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os **conteúdos e os interesses materiais ou individuais**. As **formas** nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços.” (SIMMEL, 1983, p. 168)

A socialização, portanto, tem a característica de agrupar indivíduos por meio de “impulsos de sociabilidade” (SIMMEL, 1983, p. 169), que é a “mútua determinação dos elementos da associação” (Idem, ibidem, p. 169). Quando Império Mali afirma “tua mãe era como uma irmã para mim. A gente sempre se ajudava, *armaria*⁴⁵, vivia sempre juntas nós!” Desta forma, percebi que a expressão “era como uma irmã para mim” denota dois pontos importantes da **forma** de associação dentro do bairro: primeiro, existe uma significância reconhecida neste vínculo. Segundo, as vizinhanças se formam, são forjadas em uma perspectiva de *processualidade*. (ANTUNES, 2015, p. 246) A localização geográfica não é suficiente para a criação de redes de vizinhanças baseadas na amizade.

A relação afetiva com o bairro é marca fundante do sentimento dos moradores. A educação que acontece em comunidade socializa as pessoas que nela vivem, a tradição e a memória oral é repassada de geração em geração. As histórias, os ensinamentos e os sentimentos são transmitidos de pai/mãe para filho/a. Assim, as famílias que continuam a viver na comunidade têm seus filhos criados sob a mesma realidade que viveram.

⁴⁵ *Armaria* é uma expressão derivada da interjeição *Ave maria!* surgida inicialmente como uma prática de devoção. Hoje pode ser vista também entre os jovens como a expressão: Aff!, que é uma abreviação de *armaria*, que por sua vez é uma abreviação de *Ave Maria!*



Figura 25: Vista de cima da Rua Edson Alves. Fonte: Google Street View.

Na Rua Edson Alves, residem a moradora Gana e seu filho, uma família que está na Rosalina desde sua fundação. Em uma conversa realizada em um dos percursos urbanos realizados, percebi que existe um orgulho deles por estarem morando ali há mais de 25 anos. É evidente também que Gana, que mora há 24 anos na Rosalina, detém um respeito imenso por todos que conheci ali durante os percursos urbanos após eu retornar como morador. Estávamos sentados ao redor de uma mesa. E todos que estavam ali contavam com orgulho o tempo que residem aqui.

Esse tempo de moradia determina uma série de questões: é fundamental para a garantia de respeito pela comunidade. Quanto mais tempo reside aqui, mais respeito recebe dos demais, sobretudo dos mais novos. Existe, portanto, uma hierarquia que tem a ver com o tempo de vínculo que cada um tem com o bairro. O tempo de relação com o território permite o acesso a espaços (ruas e vielas) então privados aos mais novos. Aqui nenhum de nós somos impedidos de circular dentro da própria comunidade. Contudo, a Rosalina vem crescendo cada dia mais e pessoas mais jovens vem chegando para morar aqui à medida que outras pessoas vão saindo da comunidade para morar em outro bairro.

Quando eu ando pelas ruas da comunidade seguindo meu percurso urbano e paro para conversar com alguém que pouco conheço, minha credencial é o nome da rua onde moro.

Esta, precisa necessariamente ser dentro da comunidade. A segunda credencial é à família que pertença. Preciso falar o nome das minhas tias e primos para que saibam que não sou um “desconhecido”. A partir desse momento, percebo em todos os entrevistados, um certo alívio na postura do corpo, que dali em diante fica relaxado e demonstra algum tipo de confiança em estabelecer um diálogo sobre a própria comunidade.

A ancestralidade e a comunidade são os dois valores sociais africanos que nos servem aqui neste percurso. O gesto de bater no peito com orgulho levantando a voz afirmando “eu moro aqui desde que ela (a Rosalina) nasceu”⁴⁶ (Gana, durante percursos urbanos) é representativo do acúmulo repetitivo da experiência humana, que está ancorada na ancestralidade. As narrativas orais contribuem para que possamos identificar a força das relações que as pessoas têm com a comunidade. “Eu não pretendo sair daqui. Eu cresci aqui, meus filhos cresceram aqui e meus netos também vão crescer aqui.” (Gana, durante percurso urbano)

O tempo e o espaço na ancestralidade explica o fato de as famílias mais antigas da Rosalina serem respeitadas pelos mais novos. Os mais velhos são representantes da primeira geração daquele espaço no tempo presente. São detentores da narrativa de todos os espaços e dos tempos da Rosalina. “Quando ela (a Rosalina) nasceu, só tinha mato e nós trabalhou pra construir os barracos pra gente morar. Só tinha quatro casas, e hoje está aí, nós estamos crescendo e melhorando sem ajuda de ninguém (do Poder Público)”. (sic) (Entrevistado n° 02)

Os bairros negros foram pauta do Movimento Negro com a Frente Negra Brasileira. “Uma das ações concretas dos membros da Frente em São Paulo foi comprar terrenos em loteamentos recém-abertos nas periferias da cidade e fundar núcleos negros formados por casas próprias.” (Rolnik, 2009, p. 84) Famílias afrodescendentes começaram a imprimir suas marcas no território e dinamizar a cultura local. As marcas identificáveis nas autoconstruções, nas estratégias de driblar o empobrecimento por meio do desemprego, criando oportunidades de trabalho, estratégias muitas vezes de contar metade da verdade sobre o local de residência para não ser excluído do processo seletivo de emprego.

⁴⁶ Todos os entrevistados tiveram seus nomes substituídos por nomes de reinos e impérios africanos. No caso da entrevista com o reino do Mali, seus filhos participaram do momento e foram referenciados por nomes de países africanos. No caso de citação do nome de outros moradores, estes também serão referenciados por nomes de países africanos.

Zimbabwe é um dos moradores mais antigos da comunidade Rosalina e tem um dos comércios mais antigos e ativos da comunidade. É conhecido por muitos devido sua trajetória dentro da comunidade. Homem negro, paulista, chegou na Rosalina em 1998. Durante o percurso urbano, tive a oportunidade de conversar com ele e esse momento aconteceu em frente ao seu comércio, um dos mais antigos e ativos da comunidade. Para que a conversa pudesse acontecer, tive que me apresentar, para que ele pudesse lembrar quem era minha família. Após alguns minutos se apresentando, fui convidado a sentar para conversar com ele ali mesmo, na calçada, em uma cadeira. Enquanto as pessoas transitavam, Zimbabwe me falou um pouco da sua relação com meu pai e o quanto ele gostava de vê-lo jogar bola. Ficou triste após eu falar da atual condição de vida do meu pai. E então, ele me perguntou o que eu queria conversar com ele, e eu disse que queria ouvir a história dele.

Zimbabwe nesse momento parou e olhou para o tempo, como se quem tivesse parado naquele minuto no meio de uma longa estrada e olhando para trás e ver o longo caminho percorrido. Então ele me disse: “Quando nós chegamos aqui foi muito difícil”. E então, após me contar que, por causa de um familiar da esposa dele que já residia em Fortaleza, tinha sido o primeiro da família a sair de São Paulo para vim morar aqui, começou a me descrever como havia tido sua primeira conquista dentro da comunidade:

“Nós chegamos aqui em 1998 e não tava nem com um ano que tinham fundado essa favela. E aí a gente chegou e não tinha água. Juntamos um pessoal antigo. Uns que moram lá pra dentro, uns que já morreu e começamos a cavar daquela padaria de cima, descendo naquela rua pra chegar na minha rua e entrar no rumo de lá com os canos. Aí quando a gente cavou o pessoal começou a puxar [a água] para suas ruas. Em frente a padaria ali, ela tem uma tubulação de água que morre ali. É aquele cano grosso que vai lá embaixo. Os caras cavavam uma fundura medonha de frente a padaria aí colocaram uma peças pra poder puxar a água e jogar para o cano de 25 polegadas. Foi um trabalho medonho, trabalho grande.

E aí depois as brigas, porque o pessoal queria deixar a negrada usar. Porque muitas pessoas não quis ajudar. Depois que a gente puxou naquela rua descendo, pra chegar onde eu morava. Aí todo mundo puxou para suas casas, né?!

A energia, não tinha os postes. Era aqueles pau de carnaúba com os fios e os gatos (gambiarra) enganchado. Aí depois foi colocado energia, né? O sofrimento foi grande, a casa de taípa, toda aleijada caindo. Quando eu comprei de lá pra cá eu não sabia que era assim, né? (ZIMBABWE, durante percurso urbano em 12/2022)”

As trajetórias de vida se entrelaçam com o bairro. Quando chegou na comunidade, Zimbabwe tinha um dinheiro que havia recebido após ser demitido de uma empresa em São Paulo. Com esse dinheiro, comprou uma casa na Rosalina e montou um bar para garantir o

sustento da família. Porém, após emprestar 800 reais para duas clientes do bar que o enganou, Zimbabwe pensou em vender sua casa e voltar para São Paulo, segundo ele, desgostoso pelo que havia acontecido. Mas antes disso, desabafou com um amigo, que o aconselhou e o ajudou a seguir em frente:

Na época, a avó da minha esposa veio embora pra cá e não se deu aqui. Aí começou a ligar pra lá. E minha esposa em São Paulo, apesar de ser nascida na Liberdade e gostar do centro, ela só vivia com doença. Para Resumir a história, eu tava há 7 anos na empresa e pejei para o cara me mandar embora e o cara sem querer mandar. Aí eu naquela loucura e eu peguei e vim, sem conhecer nada aqui, tu acredita? Sem conhecer nada. Aí depois desse calote que eu levei dessa mulher com o negócio do bar, aí tinha um amigo meu que se chamava Índio e que morava aqui embaixo. Fui lá e falei: vou embora! Aí ele falou assim, você vai embora? Quando eu cheguei aqui fiz amizade com ele e ele era muito meu amigo. Aí ele falou assim: mas tu vai embora por que? Aí eu disse: porque aconteceu isso, isso e isso. Aí ele: você tem dinheiro? e eu disse que tenho. Aí ele disse: homem, acaba com esse bar e coloca uma merceariazinha pra tú. Aí eu: cara, mas não conheço a Ceasa, não sei como fazer Ceasa. E ele disse: eu lhe levo! vou te mostrar como é que compra. Aí foi onde veio a pior coisa. Eu ir pra Ceasa numa [bicicleta] cargueira, de lá pra cá. Vim de lá pra cá com 4 caixas, duas na frente e duas atrás. Eu vinha ali por dentro do pantanal, Arvoredo ali, pra chegar na Perimetral. Cara, eu chegava ali e já vinha [esgotado]. Eu cheguei a pedir água a uma mulher. Aí as coisas foi dando uma clareada e o zé da banana fazia frete [inaudível] para a Ceasa. Eu conversei com ele e ele passava aqui. 3h da manhã eu ia lá pra padaria com as caixas e me levava. Aí depois não começou mais a querer levar porque disse que tinha muito buraco e realmente tinha mesmo. Tinha muito buraco dentro da favela e podia quebrar o carro. (ZIMBABWE, durante percurso urbano em 12/2022)

Índio era um morador da comunidade conhecido pela sua frutaria na entrada da comunidade. Tinha um grande comércio conhecido por todos, foi um dos pioneiros a instalar um comércio dentro da comunidade.

Dentre os vizinhos, Índio detinha um prestígio por ter habilidades reconhecidas pelos demais em relação ao comércio. Conhecedor dos caminhos da CEASA, tornou-se referência e colaborou para que, dentre outros moradores assim como Zimbabwe, pudesse iniciar seu comércio. Índio foi amigo da minha família, padrinho de uma das minhas primas, sempre que eu ia na frutaria dele ganhava alguma fruta, ou quando comprava algo, ele colocava um pouco a mais na sacola.⁴⁷ Infelizmente já não se encontra em vida, tendo sofrido um atentado contra sua própria vida 17 anos atrás.

⁴⁷ Se eu chegava para comprar 1kg de bananas e isso representa 10 bananas, ele colocava 2 bananas a mais dentro da sacola após pesar a fruta na balança, sem cobrar algum valor extra por isso.

A prática de vender miudezas⁴⁸ é uma das estratégias de vida presente tanto na vida de quem precisa comprar para viver quanto de quem precisa vender para viver:

“Por isso que hoje eu vendo [pacotes] de meio quilo. Por que muitas pessoas compram de meio quilo.

Eu já cheguei a dar banda de frango para as pessoas, um 1 quilo de arroz, verdura. É melhor tu chegar e me pedir do que me pedir pra comprar e não pagar. Não é verdade? Se tu chegar e dizer: rapaz, to com fome, meus filhos estão passando necessidade. Eu não vou te pedir pra comprar, porque eu não tenho como te pagar. O que tu tem pra me dar pra eu dar para os meus filhos? Tá aqui, pode levar para os teus filhos.

Eu já cheguei a fazer isso. Por exemplo, chega um menino aí e diz: tio me dê uma banana. Eu pego uma palma de banana, boto dentro da sacola e digo: tome e leve para vocês comer.

Eu já passei fome cara, eu sei como funciona.

Eu tenho mais uma coisa pra você. Outro dia eu conversando com uma mulher aqui. Talvez seja o único comerciante que não mente para o cliente aqui. Por que, se a mercadoria prestar eu lhe digo que é boa, se for ruim só leva se quiser, mas não é bom. Eu só compro se for no último caso. Eu gosto de trabalhar com uma mercadoria para você comprar e você chegar em casa e você comer e você voltar e dizer: Zimbabwe, é 10! Porque eu não sou daquele cara que compra coisa que não presta, porque eu quero te vender eu vou dizer que é bom. Tu come e não presta aí vai: pô, você me enganou, aí aqui tu não pisa mais.” (ZIMBABWE, durante percurso urbano em 12/2022)

Existe uma relação mútua entre o comerciante e o cliente. A relação de compra e venda é mediada pela realidade compartilhada.



Figura 26: Comércio de Zimbabwe localizado na Rua do Matadouro. Data: jan/2023. Fonte: Arquivo pessoal.

⁴⁸ Miudeza é uma forma de se referir a venda de produtos fracionados: meio quilo de arroz, meio quilo de açúcar.

Zimbabwe só vende meio quilo de arroz porque o grupo de pessoas na qual são seus clientes dão a ele essa condição. Essa situação ultrapassa a questão da mercadologia, dos estudos de base econômica que visam aprimorar o desempenho de empresas em territórios-alvo. Existem fatores da realidade que estão presentes nas comunidades de maioria afrodescendente, que aproximam realidades vividas e desenham uma linha indivisível que transforma em unidade as especificidades da vida da população negra em bairros.

4.3 Topografia do patrimônio cultural negro

“Só quem é de lá sabe o que acontece”
(Pânico na Zona Sul - Racionais mc's,
1990)

A autorrepresentação tem a ver com o ato de representar-se, ser autor da sua própria representação, projetar-se em algo físico e material cuja origem remete à história e cultura do seu próprio criador. Torna-se um ato político a preservação do patrimônio cultural bairro negro porque são vistos como paisagens que mancham a cidade, quase sempre atacados, sob a justificativa de que é um ambiente inóspito, que deveria ser transformado em uma praça da juventude, ou memorial ou mesmo um conjunto habitacional.

Todos esses espaços públicos, as ruas, as quitandas, o campo, são locais onde a vida na Rosalina acontece. Pois “a vida se realiza num tempo e espaço coletivo, no qual as pessoas que participam das práticas sociais e culturais vão atribuindo sentidos às dinâmicas que se concretizam em um dado lugar-instante” (DAMIÃO, 2007, p. 47) “Pelo modo de morar, de se instalar no espaço, as sociedades - sejam “arcaicas” ou “históricas” - singularizam-se, mostrando, assim, o seu real.” (SODRÉ, 2002, p. 17.) Para Sodré, o “real” é “o existente enquanto singular, único, incomparável.” (*idem*, 1988, p. 11) Cada morador confraterniza, cria e dinamiza a cultura no local. Produzem conhecimento e estabelecem formas de sobreviver à realidade imposta por um grupo de pessoas de origens distintas dos moradores da Rosalina.



Figura 27: Vista da rua Edson Brasil, na Comunidade Rosalina. Data: 10/2022. Fonte: Arquivo pessoal.

Os becos, as ruas e os cantos da Rosalina são transformações urbanas que representam a vida vivida em coletivo na comunidade. Neste sentido, Maria Estela Ramos aponta que “a casa e a rua não são opostas e sim, complementares” (RAMOS; CUNHA JR., 2007, p. 12) Essa estrutura aproxima-se do que Sommer vai chamar de *kraal* africano (SOMMER, 2005). O *kraal* é uma estrutura tradicionalmente usada por culturas africanas, essa estrutura delineia-se por um espaço de convivência e colaboração entre os membros da comunidade. O *kraal*, portanto, na realidade africana, traduz formas de vida em comunidade.

O patrimônio cultural negro constitui-se como uma lacuna nos estudos acerca dos bairros negros nas cidades brasileiras. Tal lacuna se dá talvez pelo fato de que os patrimônios constituídos socialmente pela maioria da população nacional representam símbolos de interesse à história oficial do país e escrita por grupos dominantes. Por conseguinte, o mesmo grupo social que elege tais patrimônios, desconsidera os valores culturais, históricos e identitários dos bairros negros, seu conjunto patrimonial, dado pelos afrodescendentes que vivem neles. Para Videira, o patrimônio cultural “é que nos insere na nossa própria história, naquilo que aprendemos e cultuamos como valor social” (VIDEIRA, 2010, p. 242).

As nossas moradias são nossos patrimônios. Neles residem trajetórias de vida afrodescendente materializadas na conquista, no orgulho de ter uma moradia. O afeto, a relação afetiva com o bairro negro, a sensação de estar em casa começa nas imediações do bairro. Por mais que minha casa seja a última da última rua do bairro, basta eu chegar na primeira rua do bairro que eu já me sinto em casa. Isso explica nossa relação com as ruas, que são extensões da nossa moradia não apenas geograficamente, mas afetivamente: estou em casa, mesmo estando na rua.



Figura 28: Vista da rua Thomaz Coelho, trecho em construção, habitado em 2016. Acervo pessoal. Agosto de 2021.

O patrimônio cultural, portanto, para ser oficial, necessita não somente da aprovação da população local que mantém uma relação direta com o mesmo. É necessário a aprovação de órgãos oficiais. O não reconhecimento dos valores dados aos bairros negros provocam um campo de disputa protagonizado pela elite dominantes detentora da outorga dos patrimônio versus os despossuídos de tais outorgas. Os despossuídos da outorga são possuidores dos valores atribuídos aos seus patrimônios em preservação.

A comunidade Rosalina é um patrimônio cultural negro não reconhecido oficialmente. Porém, se mantém em constante preservação pela sua própria população que, capazes de atribuir valor aos espaços de sociabilidade e dinâmica cotidiana do bairro, orgulham-se de fazer parte da história da Rosalina que os une em comunidade e forma as identidades coletivas e individuais. A comunidade Rosalina está, portanto, para a população afrodescendente assim como está o monumento às bandeiras⁴⁹ para os eurodescendentes.

Abaixo, podemos ver um espaço dotado de valor simbólico cultural. Trata-se da Associação comunitária: espaço de convivência, realização de cursos, esportes e brincadeiras/comemorações em datas festivas. A Associação é uma conquista da Comunidade e teve seu registro realizado, bem como sua fundação no ano seguinte após a grande ocupação ocorrida em 7 de Julho de 1996.



Figura 29: Clube da leitura com crianças da Comunidade, iniciativa da Associação Comunitária Rosalina. Fonte: Arquivo particular da Associação. Ano: 2022.

⁴⁹ Monumento localizado na Praça Armando de Sales Oliveira, no bairro Vila Mariana, nas imediações do Parque Ibirapuera, em São Paulo, capital.

Os espaços são constituídos de valores e estes são ensinados aos mais novos, que aprendem, com os mais velhos, a história do local, bem como os valores patrimoniais da comunidade. Essa é “a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações.” (MUNANGA, 2009, p. 13) O campo do palito, a casa do dono do time de futebol, a Associação, a casa do mestre de capoeira conferem espaços de valor para a população negra residente na comunidade e formam, assim como os demais espaços aqui não apontados, e os costumes, as vivências e os processos culturais, educativos e de sociabilidades acontecidos no bairro o patrimônio cultural da população negra da Comunidade Rosalina.

As relações de compadrio e vizinhança, nesse sentido, atuam em um sistema de ajuda mútua e compartilhamento de bens materiais. Os meios de transportes particulares, o cuidar das crianças do bairro, o compartilhamento de comida e panelas entre as redes são estratégias que delineiam uma forma de vida em comunidade.

Ao longo dos percursos urbanos, tive a oportunidade de dialogar com moradores e ex-moradores da comunidade Rosalina. A primeira ex-moradora a contribuir com as memórias e as histórias da comunidade tem 56 anos, é dona de casa e reside atualmente no bairro Serrinha e será aqui chamada de Império Mali. Viveu por 9 anos na comunidade Rosalina. Tem 4 filhos, sendo que 2 deles compartilharam o cotidiano na Rosalina comigo e estiveram presentes no momento de socialização das memórias. O primeiro deles é homem, tem 30 anos, está desempregado e residiu na comunidade por 9 anos e será chamado de Angola. Já a outra, é uma mulher de 32 anos, dona de casa e residiu na comunidade por 10 anos e aqui será chamada de Somália.

Para que o momento acontecesse, me coloquei à disposição da chefe de família, que me pediu para ir na casa dela em um domingo às 09h da manhã, pois nesse momento, segundo ela, é mais tranquilo para ela. E assim o fiz. Fui recebido em sua casa, que fica em cima de outra casa térrea. A casa de baixo é a casa da mãe dela. Lembro-me das datas comemorativas e das festas que aconteciam lá. Minha mãe sempre foi convidada.

No momento da reunião, que aconteceu na sala da casa, havia 9 pessoas: Império Mali com seus 4 filhos, o marido de uma das filhas vendo TV e 5 netos brincando no mesmo espaço. Alguns momentos da conversa ficaram inaudíveis, devido a quantidade de pessoas e sons ao mesmo tempo. Naquele momento, percebi que não seria possível dialogar apenas com a chefe de família, pois todos da família estavam me esperando para contar suas

histórias, além disso, o único espaço disponível na moradia era aquela sala, além dos 2 quartos e da cozinha onde estava sendo preparado o almoço daquele dia.

Comecei a conversa perguntando por que ela havia saído da comunidade para morar em outro bairro. Ela afirmou que todas as chefes de família que ela tinha algum tipo de relação estavam saindo da comunidade para morar em outros bairros. A primeira delas a sair tinha sido minha mãe e isso causou nela um desgosto por viver ali:

“Pq eu desgostei de lá. Desgostei do lugar, todo mundo saindo e indo embora e lá era uma [inaudível] todo mundo só e eu tava com medo de morar ali sozinha. Aí tive briga com o pai deles, a gente se separou, aí aumentou mais ainda o desgosto de ficar lá. Aí era confusão e eu peguei e vim embora (para a casa da minha mãe na Serrinha).” (IMPÉRIO MALI, durante percurso urbano, em 11/2021)

Os laços de compadrio e sua rede estavam sendo desfeita com a saída dessas mulheres, o que tornou mais frágil sua relação com a comunidade. Apesar de outras famílias viverem na comunidade, o “medo de morar sozinha” não se refere ao esvaziamento da comunidade como um todo, mas sim ao seu círculo afetivo construído no dia a dia com a vizinhança que foi se desfazendo devido às dinâmicas das vidas dessas pessoas que por outros motivos tiveram que sair dali.

Abaixo um registro fotográfico de amigos e colegas de infância do exato lugar onde morei. A data é cerca de 2005, eu já não vivia mais na comunidade nesse período e parte dessas pessoas conviveram com Império Mali e seus filhos. Alguns infelizmente já se foram e outros continuam vivendo no mesmo lugar de antes.



Figura 30: Amigos e colegas de infância em um dia comum na Comunidade Rosalina. Data: c. 2005.
Fonte: arquivo pessoal.

Os nomes citados por ela referem-se ao nome de 5 mulheres chefes de família que residiam na vizinhança. Dessas, 4 tiveram que voltar para as casas das suas famílias (geralmente casa de mãe ou irmã fora da comunidade, como é o caso da minha mãe) e 1 foi presa e após cumprir pena voltou para a casa de sua mãe em outro bairro. Quando relembra da vizinhança, Império Mali evidencia uma das formas que essas estratégias tomava:

“A tua mãe e eu sempre dividia as comida [...] a gente era muito unida, ninguém brigava com ninguém ali. Quando ela [a minha mãe] tava sem nada ela vinha e me pedia alguma coisa e eu dava mesmo. Ajudava ela. Quando ela recebia o dinheiro dela, ela me ajudava [...] era só entre nós duas mesmo, não pedia a outras pessoas não, por causa da vergonha, ne?!” (IMPÉRIO MALI, durante percurso urbano, em 11/2021)

Em minha pesquisa realizada no âmbito do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, investiguei em perspectiva histórica as condições de vida da população negra residente na comunidade Rosalina e, dentre as conclusões, eu aponto que nós não queremos sair da comunidade, não queremos abandonar a Rosalina e ir morar em outro bairro, queremos que a comunidade se desenvolva e nós possamos morar com dignidade na moradia que conquistamos.

No percurso urbano realizado com os ex-moradores da comunidade, registrei momentos em que o afeto pela moradia conquistada era evidente. Império Mali, ao ver imagens antigas do seu quintal no álbum de fotos disse: “Olha o meu quintal, Tiago, era bem verdinho! Tinha pé de acerola, tinha tudo. Meu quintal era bonito, eu gostava tanto do meu pé de acerola”. Sua fala evidencia o carinho que tinha com suas plantas, com seu quintal ao mesmo tempo que se estabelece uma tristeza no olhar da ex-moradora ao lembrar daqueles momentos, ao passo que ela se permite ficar por alguns minutos olhando cada detalhe da fotografia, um registro de sua memória afetiva pelo bairro.

Sua filha, Somália, na mesma situação, vendo imagens da situação atual da areninha do campo do Palito fala do seu arrependimento por ter saído da comunidade após perceber as mudanças positivas na estrutura do campo de futebol disse: “Olha ai mãe, não era pra senhora ter vendido a casa. Se eu soubesse que ia melhorar assim eu não tinha nem vindo embora de lá.” Nossa relação afetiva com o bairro torna-o nosso patrimônio, aquilo que é coletivo, de construção e conquista coletiva.

Durante o diálogo me chamou atenção essas saídas das chefes de família da comunidade. A explicação para este fato perpassa por um dado histórico da comunidade que é a instalação de quadros de energia realizado pela empresa estatal de fornecimento de energia elétrica COELCE em residências da comunidade, ao longo dos anos de 2004 e 2005: “O que acabou com a Rosalina foi só aqueles postes, sabia? Aqueles postes de luz [...] Antes de botar os postes era tudo iluminado e tal, mas aí quando botaram os postes acabou tudo. Aquela rua onde a gente morava, escuridão total.” Conta Angola, filho da chefe de família Império Mali, enquanto que sua irmã, Somália, continua a conversa contando os altos valores das primeiras contas de energia que receberam: “A primeira vez veio R\$180 reais, aí no outro mês já veio R \$300 reais. A da vizinha, veio R \$500 reais.” (Somália)

É nítido que o descompasso dos valores cobrados pelo fornecimento de energia contribuiu para os avanços das dificuldades daquela população negra no bairro:

“As contas vinham alta, os comerciantes diziam assim: armaria, as contas vem mais alta [inaudível] nem vendendo o bar dá pra pagar umas contas dessa. Aí como o povo num pagou, tavam cortando. Aí quando começou a cortar a gente colocou os gatos (gambiarra) de novo [...] “quem tinha filho pequeno para dar de comer e ia pagar conta alta? A gente quis [que instalassem a energia] pensando que vinha numa boa pra gente [...] Só colocando os postes e aí a gente achou bom, vai ter energia! Quando veio as contas é que vimos [o quanto foi ruim essa mudança].” (IMPÉRIO MALI, durante percurso urbano, em 11/2021)

Não somente os moradores, mas também os comerciantes de dentro da comunidade passaram a sentir dificuldades financeiras tendo que recorrer novamente a outras estratégias para garantir o fornecimento de energia:

“Eles cortaram lá em cima E não botaram mais energia. Ai o que o pessoal fizeram, ficaram puxando do poste original mesmo, lá de cima. Porque o pessoal não pagava né. Ai puxaram, e foi dando um para o outro, um para o outro, até chegar na nossa casa e a gente ter energia de novo. Era tanto fio, meu Deus do céu! Ninguém tinha condições de pagar. Naquela época o bujão era 30 reais e a conta de energia vinha 170. Era um salário mínimo.” (Somália)

Ao conversar com Zimbabwe, outro morador antigo da comunidade e dono de um comércio, ele conta sobre o mesmo período:

“Cara, melhorou assim, né?! Por que a energia não faltou mais. Não teve mais queda de energia. Mas em compensação, no início os papel [da conta de energia] veio muito alto. [...] Por isso que hoje aí dentro 90% é no gato. 90% ai dentro da Rosalina hoje é gato. [...] Por exemplo, não pagava, né? porque era gato. Ai depois que colocaram os postes e começou a vim muito alto e as pessoas não tinham condições de pagar, bixo! As casas tudo de taipa, casa caindo, de papelão, de tudo quanto era jeito e aí hoje é do jeito que é. (ZIMBABWE, durante percurso urbano em 12/2022)”

Noto que esse fato cruza as histórias de vida de pessoas da comunidade Rosalina. Em meio a muitas histórias de sua vida dentro da comunidade, tocou no assunto da energia elétrica e como foi se desenvolvendo o fornecimento de energia dentro do bairro. Nesse momento perguntei a ele se havia melhorado após a chegada da empresa na comunidade. Observei que em sua resposta, existem muitas semelhanças com a resposta dada durante o percurso urbano com Império Mali, em relação ao mesmo tema e período. Outras pessoas como Axum e Songhai, moradores antigos da comunidade também inseriram em suas histórias de vida esse fato.

4.4 A espacialidade negra da educação

Aprendi muito cedo que a educação poderia me levar a um lugar que eu mesmo naquele momento não conseguia imaginar como seria. Eu ouvia minha mãe falando que eu tinha que estudar para “alguém na vida”. Cresci com essa frase, eu sabia que eu tinha que ir à escola para ser alguém, eu não queria não-ser, eu queria ser. Então, sempre enfrentei a ideia de ir à escola como rotina, como escovar os dentes, ou tomar banho. Todos os dias eu tinha que fazê-la. A visão da minha mãe em relação a educação era diferente da visão que meu pai tinha, morei na mesma casa com os dois até os 12 anos de idade, a partir daí, meus pais se separaram e ele saiu de casa e nunca mais voltou.

Meu pai nunca deu minha importância para a escola. Se eu chegasse a faltar ou me atrasar, para ele não parecia ser muito problema. Meu pai nunca foi à escola. Minha mãe conta que ele “apanhava do pai dele se pedisse para ir para escola”. Meu avô paterno foi criado e se desenvolveu no roçado, trabalho na roça. E o seu único filho homem assim também o fez. Meu pai viveu trabalhando em roçados do Maranhão e depois do Piauí durante toda sua infância, adolescência e início da vida adulta, até conhecer minha mãe. Já minha mãe sempre trabalhou na feira. Minha avó tinha uma banca de venda de bananas na feira da cidade e sempre levava os filhos e filhas mais novos que ela tinha. Minha mãe era uma delas. Já meu avô paterno era policial, soldado. Mas ele também nunca foi à escola. Minha avó materna sabia ler, cresci vendo ela ler a bíblia.

Minha mãe estudou até a antiga quinta série (hoje sexto ano) e evadiu devido a gravidez e por ser expulsa da casa de seus pais. Ela precisou trabalhar e se mudou para a casa da sua sogra. Foi então, aos 19 anos de idade, que minha mãe começou a ser empregada doméstica. Ela ainda tentou estudar novamente quando eu tinha 8 anos de idade, mas a rotina de ser mãe de dois filhos, trabalhar por 12 horas diárias dificultou e ela também naquela ocasião desistiu. Minha mãe sabe ler e escrever, meu pai não.

As relações entre trabalho e educação têm uma intermediação da família. Neste, a compreensão ou visão que a família tem da educação sofre uma composição tanto com o sistema educacional como com as oportunidades de trabalho (passadas, presentes e futuras), determinando o nosso patamar de inserção na modernidade industrial brasileira. Dentro deste conjunto, ficam, pelas formas determinadas tanto na educação formal como informal, excluídas as questões de nosso acesso ao poder. (CUNHA JR., 1992, p. 113)

Percebo como a visão dos meus pais em relação à educação é diferente. Meu pai acredita no trabalho duro, pesado, de sol a sol e que a educação escolar é somente uma etapa que pouco ou nada influencia no futuro profissional de quem “não tem medo de trabalho”. Já minha mãe crê num futuro melhor através da educação. Ela sempre falava que eu tinha que estudar para virar engenheiro ou policial. Ela queria que eu fosse engenheiro. Em 2012 eu tinha sido aprovado e iniciado meu curso de História na UNIFESP, então minha mãe me ligou falando que tinha contado para uma amiga dela a novidade, que eu tinha sido aprovado no curso de engenharia em São Paulo. A última vez que falei sobre educação com meu pai foi em 2016. Fui visitar ele, para contar que eu tinha concluído meu curso de graduação em São Paulo e tinha sido aprovado recentemente em um curso de especialização em uma conceituada Universidade Federal. Antes de eu dar a notícia meu pai perguntou: “tu já terminou a escola?”. Eu tinha 24 anos de idade.

Aos sete anos de idade consegui meu primeiro trabalho remunerado, vendendo alface, coentro e cebolinha dentro da Rosalina. A dona do negócio e moradora do Parque Dois Irmãos necessitava atender mais clientes, porém vender seus produtos dentro da Rosalina, para ela, seria um risco à própria vida. Daí surgiu a ideia de ofertar trabalho a algum morador que aceitasse vender sua mercadoria cinco horas diárias, das 07 horas às 12 horas, por um valor de dois reais e cinquenta centavos o dia de trabalho. Sob essas condições, meu primo de 11 anos e eu, que tinha 07 anos, iniciamos, em um dia qualquer, as vendas das hortaliças dentro da Rosalina.

Durante minha formação escolar inicial, passei por momentos muito conturbados em casa. Meu pai, por ser dependente químico, tornava-se violento aos fins de semana e então, nesses períodos, eu tinha que arrumar alguma forma de manter a integridade física de minha mãe nas madrugadas de sexta, sábado e domingo. Nesse período da minha infância eu tive que assumir um papel apaziguador, mediador. Eu não podia atacar meu pai de forma violenta, e não podia deixá-lo atacar minha mãe de forma violenta. Então, eu procurava adotar uma postura mediadora naquelas situações.

O ambiente escolar também foi um ambiente de conflitos, em proporções menores e com outras características. E na escola, eu adotei uma postura também de mediação. Eu não podia deixar transbordar o sentimento de raiva e decepção que sentia, então buscava tornar “leve” o ambiente da sala de aula. Eu era bom em contar piadas, fazer brincadeiras. Fiz muitos amigos assim. Me tornei popular e fui aceito pelos mais diversos grupos sociais da escola.

O viver no bairro, o cotidiano, os processos de sociabilidades produzem conhecimento, esse conhecimento é fruto de uma educação, que aqui chamaremos de educação informal, por não ser elaborada e transmitida por uma instituição oficial, mas sim pelo bairro, pela família, pelos amigos, enfim, pela sociabilidade. “O ser humano se constitui dentro de um contexto plural de histórias, culturas e modos de vida ao longo de sua existência e de seus antepassados, ou seja, com suas vivências e memória-histórico-ancestral (VIDEIRA, 2009, p. 232)”

Os jovens estudantes vivem em bairros que tem em sua composição étnica maioria de pretos e pardos, que podemos chamar de negros. A realidade vivida em bairros negros, difere socialmente, economicamente e estruturalmente da realidade vivida por estudantes que vivem

nos centros urbanos das cidades, em bairros de maioria eurodescendente. Seguindo nessa linha, Cunha Jr afirma que,

"Desta forma, a educação precisa ser pensada tendo como base a realidade de base africana destes bairros negros e das suas relações sociais com o conjunto da sociedade. Pensar estes bairros desde as suas identidades, as suas possíveis afirmações e transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. No âmbito da sua história, que não apenas econômica e nem apenas material. Esta é uma tarefa difícil devido aos obstáculos mentais, conceituais e práticos aos quais estamos ancorados no conjunto da educação brasileira." (CUNHA JR., 2017, p. 9)

Um dos problemas aqui apresentados é o fato de a escola e seus educadores não considerarem o conjunto de informações processados pelo cotidiano como parte fundamental no processo de formação humana e fortalecimento identitário. Ora, "é preciso ter lucidez na percepção de que a educação formal não produz todos os conhecimentos, ela apenas valida ou invalida os conhecimentos que se adequam ou não a lógica e prática do que temos como educação hoje." (SOUZA, 2010, p. 98) Segundo Henrique Cunha, "o processo formador do indivíduo está situado na consciência de si, do seu entorno, da sua localidade" (CUNHA JR., 2001)

Tem-se ainda enraizada a ideia de educação como reprodutora do conhecimento já produzido pelos grandes cientistas da história. Os detentores dessa visão, também concluem que os jovens estudantes não são capazes de produzir ciência. Os conhecimentos adquiridos e produzidos a partir da realidade vivida no bairro não são validados pelas escolas. Durante os percursos urbanos, pude conversar com crianças negras⁵⁰ da comunidade e realizei duas perguntas para eles:

- i. Como é sua vida na escola, seus amigos e professoras?
- ii. Como é sua vida em casa, com seus pais e irmãos?

A maioria delas responderam a primeira pergunta como "é legal!" e a segunda pergunta: "como assim?". Por serem crianças, tive que complementar as perguntas com outras perguntas, de forma que compreendessem que deveriam detalhar o seu dia a dia tanto em casa, como na escola. E então, elas começaram a detalhar o seu cotidiano. Nairóbi conta

⁵⁰ As crianças que participaram desse momento tinham entre 7 e 11 anos de idade e todas são moradoras da comunidade Rosalina desde que nasceram. Todos estudam na mesma escola. Nenhuma delas serão identificadas aqui na pesquisa e serão referenciadas pelo nome de capitais de países africanos. As crianças que terão suas respostas expostas são: Nairóbi de 6 anos, Maputo de 7 anos e Porto Novo de 10 anos. Suas idades são referentes a Novembro de 2022, quando aconteceu o momento. Foi preservada a forma de falar das crianças, ou seja, a transcrição é fiel a suas formas de falar.

que não gosta de ficar em casa com seus pais, prefere sua tia, pois em casa a mãe dele vive brigando:

Eu gosto da casa da minha tia. Ela gosta de mim. Minha mãe briga muito comigo e fala muito alto. [...] A minha professora disse que falar alto é falta de respeito e é proibido na escola. [...] A minha professora é muito legal comigo. Eu tenho dois amigos na escola. A gente brinca de bola no recreio. (NAIROBI, novembro de 2022)

Nairóbi está vivendo grande parte da sua vida com sua tia, desde que nasceu. Pois sua mãe trabalha em período integral e não pode deixá-lo sozinho em casa. Sua mãe tem 3 filhos e ele é o segundo. A mãe de Nairóbi tem outro filho do recente relacionamento e está separada do pai biológico de Nairóbi desde que ele tinha 3 anos de idade. A mãe dele não concluiu o ensino médio. Pelo que Nairóbi conta, a mãe dele não vive uma boa relação com o atual companheiro e então se estressa e acaba por descarregar a raiva nos filhos. Outro ponto de interesse a ser percebido nessa fala é o fato de Nairóbi ter aprendido que gritar é proibido, ao mesmo tempo que sua professora é legal com ele.

Outra criança que participou do momento foi Maputo. Maputo vive com seus 2 irmãos e seus pais. Maputo é o mais velho dos 3 filhos do casal e estuda na escola mais próxima do bairro, além de viver na comunidade desde que nasceu. Maputo respondeu às duas perguntas da seguinte forma:

[A escola] é muito ruim. Eu não gosto de ir pra lá. Tem uns meninos que ficam arengando comigo. Eu falo pra professora e ela briga comigo. Na minha casa nunca tem ninguém, então eu gosto de assistir tv ou brincar de bola com os meus amigos da rua. Na minha casa é tranquilo, só a minha mãe que às vezes não deixa eu brincar na rua de noite. (MAPUTO, novembro de 2022)

Diferente de Nairóbi, Maputo vive em uma família menos conturbada em termos de conflitos no ambiente familiar. Porém, na escola sofre o que ele denominou como *bullying*. Ele não entrou em detalhes, mas disse que os colegas de sala “ficam xingando” ele. A relação estabelecida entre Maputo e a escola é estruturada nos corredores da escola, no que acontece no recreio e em sala de aula. Situações de xingamento, desprezo, menosprezo e rejeição afastam a criança da escola. Em se tratando de criança negra, essa situação potencializa-se, neste sentido “a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os afrodescendentes, continuamente em favor do eurodescendente, suas práticas e seus valores” (CAVALLEIRO, 2008, p. 19).

Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola (CUNHA JR. 2008) traduz os efeitos dos xingamentos no ambiente escolar. A convivência da escola está assentada nos “componentes ideológicos inculcados no raciocínio dos professores, principalmente primários, [que] relegam as crianças negras e pobres à condição de problema” (LUIZ, SALVADOR, CUNHA JR., 1979, p. 71). A escola adota um papel de manutenção da presença de crianças brancas ao passo que imprime um processo de exclusão das crianças negras. Não acredito que as escolas façam sistemáticas reuniões pedagógicas específicas para falar desta situação nestes termos abertamente, mas é como se fosse.

Porto Novo tem 11 anos de idade e vive parte de sua vida com sua mãe e padrasto e parte de sua vida com seu pai. Ele conta que tem o sonho de ser jogador de futebol. Por causa da sua idade, noto que ele já tem uma noção mais apurada do seu cotidiano. Então, as perguntas foram respondidas com maior detalhamento de suas percepções.

Eu não vejo a hora de terminar a escola. Eu não gosto muito de ir, só nas aulas de educação física. Eu sou disputado, todo mundo quer jogar no meu time. As minhas professoras são legais comigo, eu só não gosto quando os outros meninos ficam mexendo comigo. [...] Eles ficam falando dos meus dentes e do meu nariz, eu não gosto. [...] o que eu faço? eu meto a porrada neles se eles falar isso perto de mim. Eles correm! [...] na minha casa, eu quase não vejo muito minha mãe quando to na casa dela. Ela trabalha muito e quando tá em casa, parece que tá com raiva. Às vezes eu tenho medo de ela me bater. [...] O meu pai é muito legal comigo, só não quando ele tá perto da mulher dele, aí ele fica querendo agradar ela e nem joga bola comigo. Mas quando tem jogo do Ceará ele me dá dinheiro pra eu ir pro Castelão. (PORTO NOVO, novembro de 2022)

É interessante observar a relação das crianças com as professoras. Todas elas apontam uma boa relação. Contudo, ao passo que essa boa relação é dita, o depoimento é acompanhado de algum tipo de violência à cultura negra presente na sala de aula. “Na escola, essas agressões são insuportáveis, sobretudo, porque os indivíduos vêm esperando da escola, um terreno de igualdade e justiça. Eles têm a escola como o campo do saber no qual esperavam não ser incomodados com as ignorâncias sociais dos racismos” (CUNHA JR., 2008, p. 233) Porto Novo é aceito no ambiente escolar em uma única situação: quando suas aptidões físicas ou futebolísticas são colocadas à prova. Outro ponto interessante é a forma como ele lida com os insultos e os racismos que ele chama de *bullying*.

A todas as crianças, perguntei como é brincar na comunidade. Todos exaltados, queriam dar seu depoimento ao ouvir a pergunta e disseram que gostam de brincar com os amigos. É impressionante como eles apresentaram um conhecimento geográfico do bairro.

Estávamos nas imediações da rua 7 de Julho⁵¹ e todos eles me explicaram como podemos chegar mais rápido na areninha, quais ruas entrar e os riscos que devemos tomar no trajeto. Eles sabem o cronograma de funcionamento da areninha, quem coordena, quais times jogam o campeonato do bairro.

Eles têm uma lógica própria de organização das brincadeiras. Geralmente o menino mais velho é o responsável por organizar e fazer a mediação entre o grupo de crianças e o dono do brinquedo (geralmente uma bola). Não é permitido conflitos entre o dono do brinquedo e os demais jogadores. O mais velho precisa assegurar essa “paz”. Caso isso não aconteça, o dono do brinquedo leva para casa e a brincadeira acaba. Se a brincadeira acabar, apresenta-se duas possibilidades: inventar outra brincadeira ou ir para casa. Ir para casa é sempre a segunda opção.

Percebo que a variedade de brincadeiras entre essas crianças observadas são inferiores ao período em que eu era criança e estava no lugar deles. Porém, percebo que o escopo de atuação das brincadeiras é maior do que quando eu era criança. As crianças observadas percebem o bairro em sua totalidade, quando eles me explicaram os múltiplos caminhos até a areninha do campo do palito, bem como detalhes no trajeto percebo um conhecimento mais apurado da sua realidade geográfica. Algo que Axum revelou não existir nos momentos em que era criança:

Quando a gente era pivete, nós brincava só aqui, nesse quadrado. Era sempre aqui nesse mesmo lugar. A gente num saía para ir pra longe, só quando era pra catar latinha, aí era trabalho. Mas naquela época era só nós aqui nesse mesmo quadrado, não passava disso. Quando eu lembro assim, dá saudade. Eu pensava que a favela era só aquilo. Uma vez tu te lembra? nós foi pros prado, lá no Riacho Doce. Morrendo de medo de não conseguir voltar pra casa. Era vida loka. [...] Naquela época, ali, saca? a gente brincava de tudo: cobra no mato, passarinho no ninho, esconde esconde, pega pega, polícia e ladrão, a gente fazia umas máscaras de bandido e armas de policial, lembra? a gente brincava de dubets, bila, arraia, pião. Era muita coisa. Minha infância foi boa. (AXUM, percurso urbano em 01/2023).

Axum tem 29 anos de idade e 3 filhos de um relacionamento que dura 14 anos, vive na mesma moradia desde 1997, quando chegou para morar no bairro com sua mãe, seu pai e irmãos na Rosalina. Conviveu sua infância com Somália e Angola (Filhos de Império Mali). Durante o momento de diálogo elencou uma série de brincadeiras que fazíamos quando criança.

⁵¹ Região referente ao espaço ocupado em 2016 figura 18, p. 70.

Todas essas codificações da realidade cotidiana feita pelas crianças no ato de brincar revelam conhecimentos não codificados pelas escolas que pertencem. Essa consciência espacial das crianças observadas é expressada pelo afeto à localidade onde mora. A educação territorializada no bairro negro tem necessariamente como base o cotidiano histórico. Nessa perspectiva, educação é tudo aquilo que aprendemos no dia a dia ao morar no bairro. É no “saber viver” que reside as formas de vida urbana negra.

O espaço escolar causa estranhamento, é pouco acolhedor e comumente repulsivo. O sentimento de “sentir-se em casa” ao chegar no bairro, é uma das formas de compreender que a realidade do bairro é mais atrativa e promove mais possibilidades de articulação de seus conhecimentos que a realidade experienciada na escola. As escolas ainda não codificaram a realidade dos bairros negros, que por sua vez não produzem conhecimentos que embasam documentos e materiais que deveriam estar presentes em reuniões e formações pedagógicas das escolas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o texto dissertativo foi construído em primeira pessoa do singular. Ele expõe toda uma trajetória de análises e inquietudes desde 2017, que envolvem minha realidade como afrodescendente, passando pela especialização em História e chegando até aqui, na conclusão da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Esta conclusão não podia ser escrita em primeira pessoa. Todo o processo de pesquisa é coletivo, porém, a escrita é, necessariamente, um ato solitário. Porém, é necessário aqui exprimir o sentimento de coletividade que transborda em mim, sobretudo após chegar até aqui.

Com isso, a conclusão deste trabalho foi escrita no plural, na primeira pessoa, para dar o devido caráter coletivo que este resultado de pesquisa tem. Todos os momentos de percursos urbanos foram encarados como via de mão dupla no que tange o caráter formativo dos instantes vividos. Ao passo que aprendi também ensinei e discuti. E assim, houve uma troca. Nós somos curiosos, queremos saber de onde veio tudo isso. E nessa, contei o que sabia, ao passo que me contaram o que sabiam.

Entendemos que a comunidade Rosalina faz parte de um longo processo histórico de crescimento populacional, urbanístico e econômico acontecido na cidade de Fortaleza, desde a primeira metade do século XX. A partir dos anos 1970, com a impulsão do crescimento desordenado dos conjuntos habitacionais foi uma política pública encampada pelas elites econômicas da cidade insatisfeitas por dividir o mesmo espaço com as classes menos favorecidas, atrelada ao incentivo do poder público de se alinhar aos grandes centros urbanos do país.

As decisões das elites econômicas, sobretudo na segunda metade do século XX, aliada aos investimentos do poder público produziram uma segregação espacial e étnica na cidade de Fortaleza, criando conjuntos habitacionais distantes dos centros urbanos. Ao mesmo tempo que os bairros nobres se esvaziam com a transferência compulsória da população afrodescendente para os bairros mais afastados, cresce o déficit habitacional de Fortaleza. Este é o produto principal de uma política pública elaborada para segregação étnica e espacial da cidade. Rosalina é produto dessas políticas públicas da segunda metade do século XX.

A autobiografia tem um potencial científico enorme, no que se refere à compreensão da especificidade das realidades de grande parte da população brasileira. Em perspectiva

histórica, explica o longo desenvolvimento histórico da luta da população negra por direitos fundamentais. O recorte territorial que foi realizado buscou compreender as dinâmicas da vida urbana negra em bairros. Partindo da ideia de que os africanos colonizaram o Brasil (Querino, 1918), as afroinscrições presentes na comunidade Rosalina conferem a ela um fato materializado nos processamentos das expressões culturais afrodescendentes em parcela do bairro.

Os lugares de memória nas comunidades conferem espaços de valor para a população negra residente na comunidade e formam, assim como os demais espaços aqui não apontados, os costumes, as vivências e os processos culturais, educativos e de sociabilidades acontecidos no bairro. As memórias de infância afrodescendente do pesquisador-sujeito-pesquisado residem nesses espaços, nessas vivências, nessas sociabilidades. A força da memória de infância nos torna pertencentes ao território, de forma afetiva, sobretudo pelas conquistas adquiridas em luta por condições básicas de vida. Isso faz com que permaneçamos vivendo nos bairros.

As memórias relatadas neste trabalho, são os registro de nossas memórias e a convivência com os mais velhos que passam seus saberes adquiridos nas vivências práticas da luta e na organização comunitária, as discriminações sofridas nos levaram a se posicionar na sociedade como um corpo que questiona, todas as violações e segregação imposto pelo racismo. Por sermos forjados nas lutas comunitárias desde cedo, nos ajudou a compreender a importância patrimonial do nosso bairro desde cedo.

Após percorrer essa longa trajetória, esses momentos de luta no bairro me ajudou a construir minha identidade e assim poder chegar a universidade entendendo que sou negro, de bairro negro e que carrego a responsabilidade de promover o coletivo e de aprender e trazer para comunidade o conhecimento e contribuir para as transformações possíveis dentro do bairro. O objetivo é sempre interferir positivamente na vida das pessoas da comunidade.

Hoje paira na comunidade um fantasma criado a partir de uma história que começou a surgir em 2022. A história contada por corretores imobiliários é de que a têxtil Bezerra de Menezes foi comprada por um grupo dono de uma rede de *Shopping centers* de Fortaleza, o grupo RioMar. Essa história fez surgir os preços dos terrenos na comunidade, ao passo que aumentou o medo de sermos expropriados. Fato é que a Comunidade Rosalina vive sufocada pelo crescimento vertiginoso de Condomínios na região entre o Passaré e o Parque Dois Irmãos.

Atualmente, a comunidade conta com mais de 9 mil moradores, em sua maioria afrodescendentes. As conquistas adquiridas ao longo do processo de luta caminham a passos curtos. A tentativa de extirpar do mapa da cidade a comunidade com a construção de um Conjunto habitacional anexado à Rosalina falhou. Em seu processo, as moradias do conjunto habitacional foram entregues aos menos desfavorecidos da comunidade.

Ainda houve, segundo a Associação Comunitária e relatos de uma parcela considerável de moradores da comunidade, a destinação de imóveis por parte de moradores do bairro Parque Dois Irmãos. O poder público ainda não compreendeu a especificidade dos bairros negros e as relações afetivas existentes e desenvolvidas a partir das dinâmicas e relações profundas estabelecidas ao longo do tempo entre os afrodescendentes e o seu patrimônio, o bairro.

É comum associarem a moradia no bairro somente à condição econômica de vida, em uma equação na qual: morar nos bairros + ser afrodescendente = viver uma vida miserável em suas múltiplas dimensões ou ser desempregado ou ligado à alguma prática ilícita. Quando na realidade, o elo existente entre nós afrodescendentes e a Rosalina não é a condição econômica de vida. É bem verdade que muitos de nós moradores das comunidades vivemos no limite da vida e em muitos momentos flertamos com a fome, porém, é preciso entendermos que estamos sendo empobrecidos.

Os espaços de lazer são distantes e custam caro e ainda que seja gratuita a entrada, para chegarmos a algum equipamento público e gratuito de lazer, uma família com quatro membros precisaria ter pelo menos R\$31,20 reais, em um total de 8 passagens de ônibus municipal em Fortaleza e o equipamento cultural/de lazer deve necessariamente ter ponto de ônibus em suas imediações. Além dessa condicionante, precisamos conviver com o fato de que se nós não investirmos o nosso dinheiro nas vias públicas das moradias em nosso bairro, realizando reparos de encanamento, comprando cimento para fazer piso em vias públicas destruídas pelo período de chuvas ou construir rede de esgoto, o poder público não o fará.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Territórios étnicos: espaço dos quilombos no Brasil. *In*: SANTOS, Renato Emerson dos (org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O negro na Geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009 (Coleção Cultura Negra e Identidade), 2. ed. 203 p.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Geografia, cartografia e o Brasil africano: algumas representações. **Revista do Departamento de Geografia**, v. esp., p. 332-335, 2014.
- ANTONIO, Carlindo Fausto. (2005) **Cadernos Negros: esboço de análise**. (Tese de doutorado em Teorias Literárias) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- ANTUNES, Camila Sissa. **Lugares, redes e socialidades: estudo etnográfico na periferia de Chapecó (SC)**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Estudos históricos: arquivos pessoais, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. *In*: **História Geral da África**. KI.ZERBO (org.). São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.
- BRASIL. **Lei nº 6.766, de 19 de Dezembro de 1979**. Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras providências. Disponível online em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16766.htm. Acesso em: 28 setembro 2021.
- BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cidades. Brasília: 2010. Consulta online em: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/sinopse/index.php?dados=0&uf=23> Acesso em: 21 janeiro 2022.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CUNHA Jr., Henrique. Africanidades, Afrodescendência e Educação. **Revista Educação em Debate**, Ano 23, V. 2 - nº. 42, Fortaleza: FAGED/UFC, 2001. p. 05-15.
- CUNHA Jr., Henrique. Espaço Urbano e Afrodescendência. *In*: CUNHA Jr., Henrique e RAMOS Maria Estela Rocha. (org.) **Espaço Urbano e afrodescendência: Estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas**. Fortaleza: UFC Edições, 2007.
- CUNHA Jr., Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola. *In*: GOMES, Ana Beatriz Souza; CUNHA JUNIOR, Henrique (org.). **Educação e afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: EdUFC, 2008. p. 229 – 240.

CUNHA Jr., Henrique. **Textos para o Movimento Negro**. São Paulo: EDICON, 1a ed., 1992

CUNHA Jr., Henrique. **Texto de trabalho na disciplina de Etnia e gênero e educação na perspectiva dos Afrodescendentes**, 2006. (Mimeo).

CUNHA Jr., Henrique. Memórias, histórias e identidades afrodescendentes: as autobiografias na pesquisa científica. *In*: VASCONCELOS, José Geraldo *et al.* **Cultura, Educação, Espaço e Tempo**. Fortaleza: Edições UFC, 2011, 753 p.

CUNHA Jr., Henrique. Bairros negros: A forma urbana das populações negras no Brasil. *In*: **Revista da ABPN**, v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: *Raça Negra e Educação 30 anos depois*: e agora, do que mais precisamos falar? Abril de 2019a, p.65-86.

CUNHA Jr., Henrique. A espacialidade urbana das populações negras: conceitos para o patrimônio cultural. *In*: SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique (org.) **Afro patrimônio cultural** [recurso eletrônico] / Marlene Pereira dos Santos; Henrique Cunha Junior -- Fortaleza, CE: Editora Via Dourada, 2019b. 331 p.

CUNHA Jr., Henrique. Lugar Fora da Idéias Urbanísticas: População negra, Bairros Negros e a produção das cidades. *In*: **III Simpósio Nacional Sobre Democracia e Desigualdades - DEMODE**, 2016. (Simpósio).

DAMIÃO, Flávia de Jesus. **Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do Retiro**. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FAUSTO, Boris. **O Crime do Restaurante Chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FORTALEZA. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza - HABITAFOR**, 2008. Disponível online em: <https://habitacao.fortaleza.ce.gov.br/> Acesso em: 18 maio 2022.

FORTALEZA. **Notícias**: Prefeito Roberto Cláudio visita obras do Conjunto Rosalina. 2013. Disponível online em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeito-roberto-claudio-visita-obras-do-conjunto-rosalina> Acesso em: 18 maio 2022.

FORTALEZA. **Urbanismo e Meio Ambiente**: cartografias. 2020. Disponível online em: <https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/infocidade/498-cartografias> acesso em: 19 maio 2021.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2005.

GOBINEAU, Joseph-Arthur de. **Essai sur l'Inégalité des Races Humaines**. Online, disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/gobineau/essai_inegalite_races/essai_inegalite_races_1.pdf acesso em 12 novembro 2021.

HOLANDA, R. P. **Saneamento e habitação no diagnóstico participativo: estudo de caso da agenda 21 do conjunto habitacional Rosalina em Fortaleza – Ceará**. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil: Saneamento Ambiental)-Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

HOUAISS. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2a ed. rev. e aum., 2004. 976 p.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. 10ª edição. São Paulo: Ática, 2014.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Fortaleza na visão dos idosos: onde o público e o privado se entrecruzam**. O Público e o Privado, Fortaleza, v. 1, p. 7-21, 2002.

KILSZTAJNA, Samuel *et al.* **Aluguel e rendimento domiciliar no Brasil**. *Rev. econ. contemp.* [online]. 2009, vol.13, n.1, pp.113-134. ISSN 1980-5527.

LUIZ, Maria do Carmo. *et al.* A criança (negra) e a educação. **Cadernos de pesquisas, Fundação Carlos Chagas**, nº 31, 1979, pp. 69-72.

MATIAS, Emanuela Ferreira. **Deus Criou o Mundo e Nós Construimos o Conjunto Palmeiras: Quilombismo Urbano de Populações Afrodescendentes em Fortaleza- Ceará**. 2019. 127f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza(CE), 2019.

MUNANGA, Kabengele; SILVA, Ana Celia. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. 2005. *In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na Escola*. 2. ed. rev. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele; Território e territorialidade como fatores constitutivos das identidades comunitárias no Brasil: caso das comunidades quilombolas. *In: NOGUEIRA, João Carlos; NASCIMENTO, Tânia Tomázia do (org.). Patrimônio Cultural: Territórios e identidades*. Florianópolis: Atilênde, 2012, p. 15-21.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 18, p. 28-47, 2012.

PARENTE, Karlos Markes Nunes. **Espaços Públicos e Privados de lazer e turismo na orla oeste de Fortaleza: Embates políticos e contradições socioespaciais**. 2012. Dissertação [Mestrado] - Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-graduação em Geografia, Fortaleza(CE), 2012.

PETIT, Sandra Haydee. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores - Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03.** Fortaleza: EdUECE, 2015. 261 p.

QUERINO, Manuel. O colono preto como fator da civilização brasileira. **CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA**, 6º, 1918, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro, 1918.

ROLNIK, Raquel. Moradia é mais que um objeto físico de quatro paredes. São Paulo. (Entrevista). **Revista E-metropolis**, nº 05, ano 2, junho de 2011.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Território afrodescendente: Leitura de cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia).** 186 p., Mestrado (dissertação) – Universidade Federal da Bahia, Fac. de Arquitetura, 2007.

RAMOS, Maria Estela Rocha. Território de Maioria Afrodescendente: Segregação urbana, cultura e produção da pobreza da população negra nas cidades brasileiras. **Revista Desenvolvimento Social**, nº 02, dez/2008, pp. 77-85.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros: Uma lacuna nos estudos urbanísticos** - Um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia). Tese (Doutorado), Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 2013.

RATTS, Alex. O negro no Ceará (ou o Ceará negro). *In: JÚNIOR, Henrique Cunha, SILVA, Joselina da. NUNES, Cicera. (org.). Artefatos da cultura negra no Ceará.* Fortaleza: Edições UFC, 2011.

RACIONAIS, MCS. Pânico na zona sul. **Holocausto Urbano.** São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

RACIONAIS, MCS. **Nada como um dia após o outro dia.** São Paulo: Boogie Naípe, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço.** Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo: Nobel, 2. ed. 1993.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. **GEOgraphia**, 1(1), pp. 7-13, 1999
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13360>.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Rio de Janeiro: Imago ed. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002. (Bahia: prosa e poesia), 184 p.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. *In: SIMMEL, G. Georg Simmel: Sociologia.* Organização de Evaristo de Moraes Filho. Coordenação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA, Tiago.; CUNHA JUNIOR, H. Comunidade Rosalina: um território de maioria afrodescendente na cidade de Fortaleza - CE. *In*: CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira; et al (org.). **Bairros negros cidades negras**. 1ed. Fortaleza: Via Dourada, 2019, v. 1, p. 137-166.

SOUZA, Juliana de. **Memórias e Histórias da População Negra de Carapicuíba-SP: uma abordagem para a educação escolar**. 2010. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2010.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. “**Catirina, minha nêga, tão querendo te vendê...**”: escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850-1881). 1.ed,. Fortaleza: SECULT/CE, 2011, v. 1, 332p.

SILVA, Meryelle Macedo da.; CUNHA JÚNIOR, Henrique. Percursos urbanos como forma de pesquisar o patrimônio afrocratense. **GeoTextos**, vol. 15, n. 2, dezembro 2019. M. Silva, H. Junior. 199-215.

SILVA, Renata Aquino da. **Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades**. 2018. 155f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Africanidades: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. *In*: **Revista do Professor**. Porto Alegre, v. 19, nº 73 / março 2003. p. 26-30.

SMDH. Sociedade Maranhense de Direitos Humanos. **Projeto Vida de Negro**. São Luís: Negro Cosme, 1º ed., 2005.

UEMURA, M. M. ; KOHARA, L. ; FERRO, M. C. T. **Projeto Moradia é Central - lutas, desafios e estratégias**. São Paulo: Centro Gaspar Garcia, 2012 (Material para Formação de Movimentos de Moradia). Instituto Polis.

VERDES MARES. **Jornal Diário do Nordeste: Invasão e furto na Rosalina**. 2009. Disponível online em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/invasao-e-furto-na-rosalina-1.429483?page=1> Acesso em: 19 maio 2021.

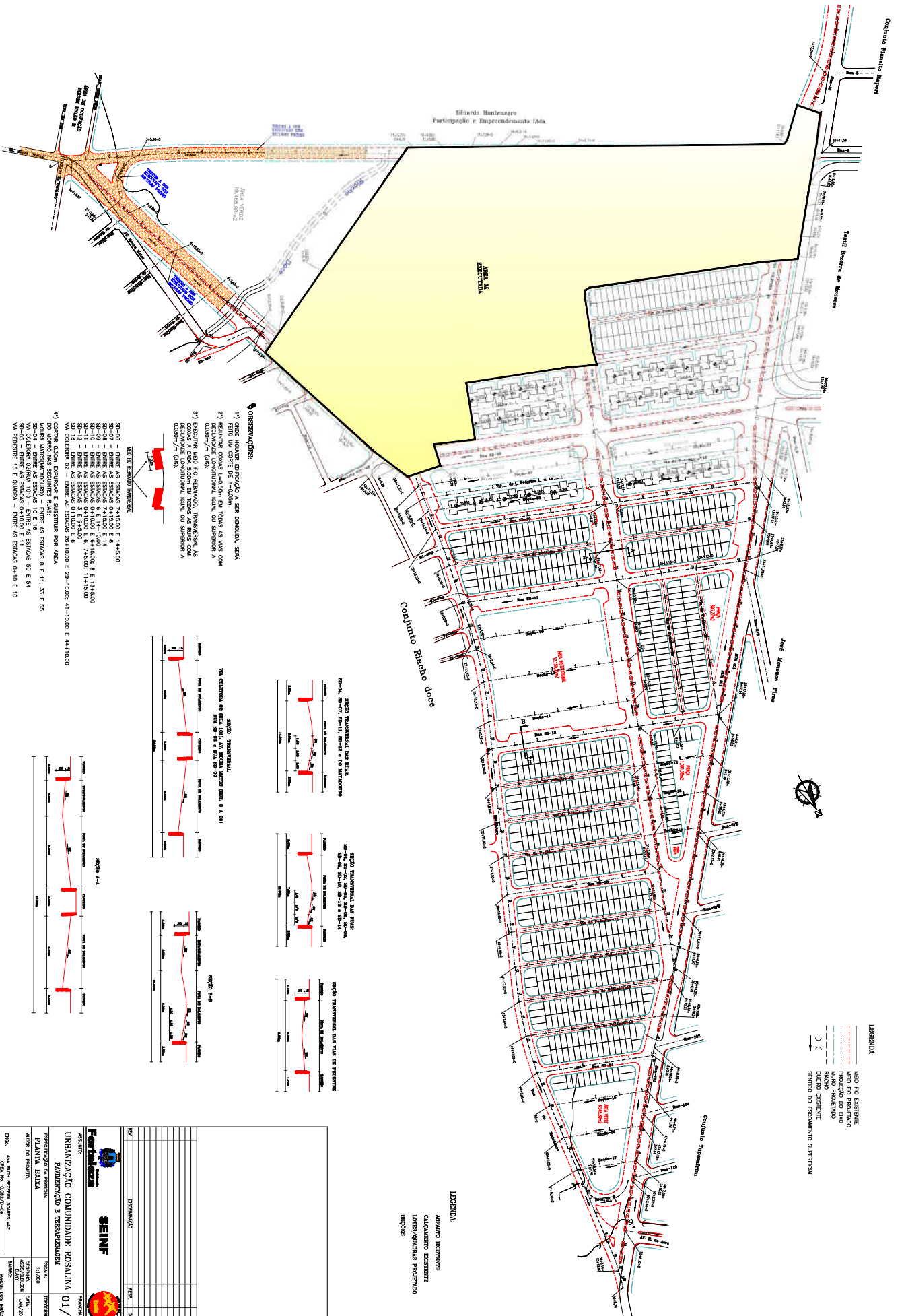
VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques e ladainha: a cultura do quilombo do Cria-u em Macapá e sua educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

ROSALINA: a construção de uma comunidade parte 01. Canal Sofhié Guerin. 1 vídeo (10 min). Fortaleza: [s. n.], 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rwC3w-Co-ZY&t=1s>. Acesso em: 18 maio 2020.

ANEXO - ESTUDOS DO SOLO REALIZADO PELA SEINF NA COMUNIDADE ROSALINA, 2003.

Os anexos a seguir referem-se a estudos realizados pela SEINF no ano de 2003 no terreno que hoje compreendemos a Comunidade Rosalina. Os estudos foram realizados durante o processo de construção da política pública que se propunha realizar uma “revitalização” da comunidade Rosalina por meio de uma política de Habitação chamada Pró-moradia e Pró-saneamento, que previa a construção de um conjunto habitacional da Comunidade Rosalina, dentre outras ações, de que tratamos no capítulo 2 desta dissertação.



LEGENDA:

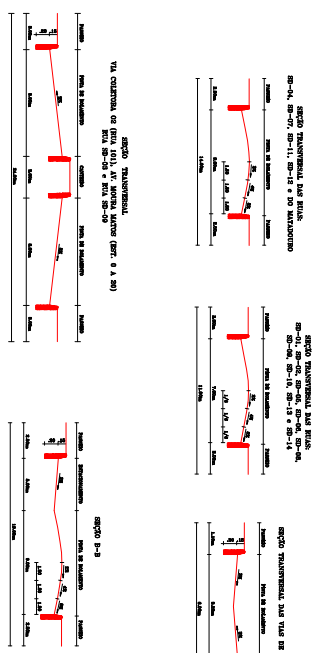
- MEO NO EXISTENTE
- MEO NO PROJETADO
- RACHO PROJETADO
- RACHO EXISTENTE
- SENIDO DO ESCOAMENTO SUPERFICIAL

LEGENDA:

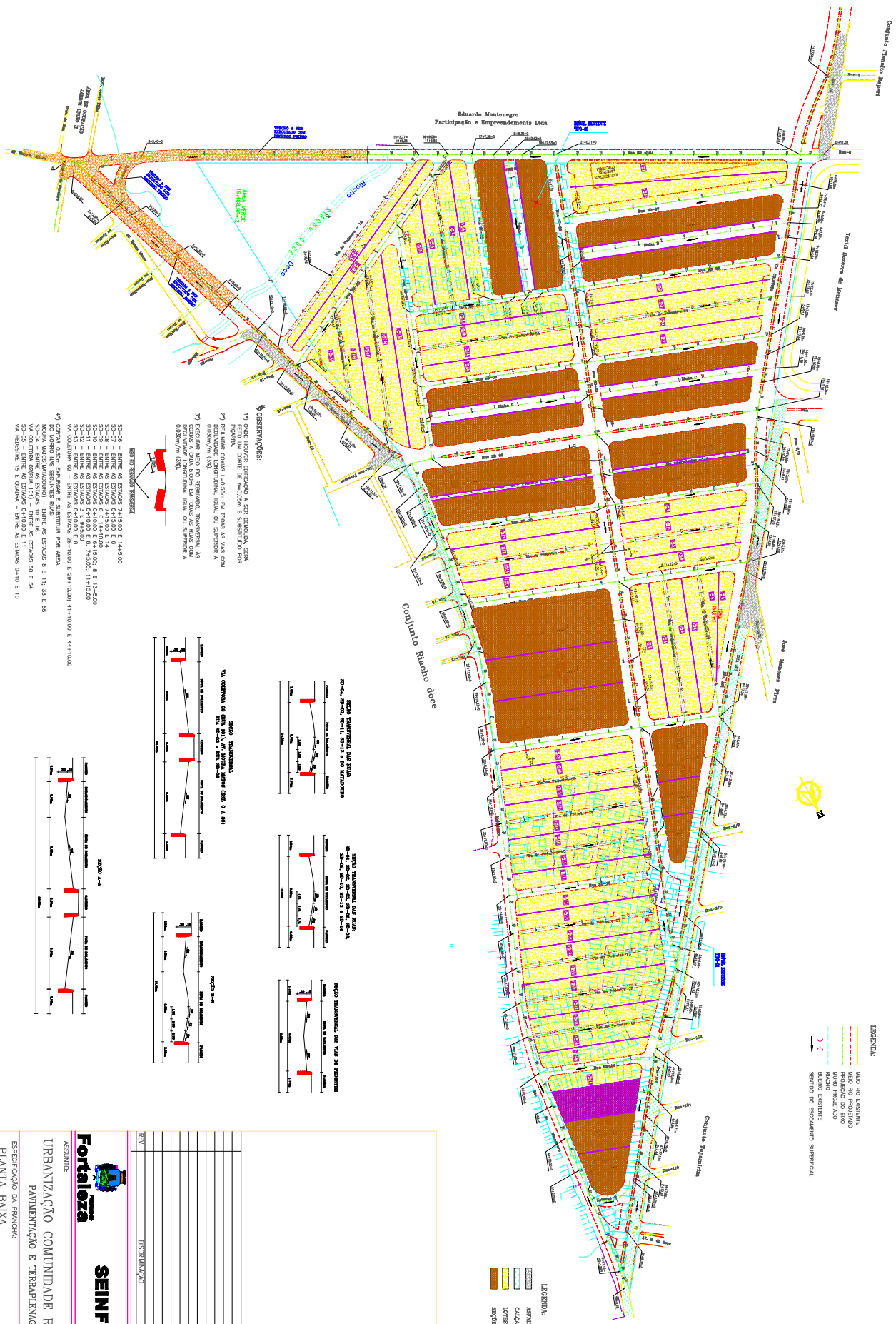
- ABRILHO EXISTENTE
- COLUÁRIO EXISTENTE
- LOTE/GUARDA PROJETADO
- SPC/S

OBSERVAÇÕES:

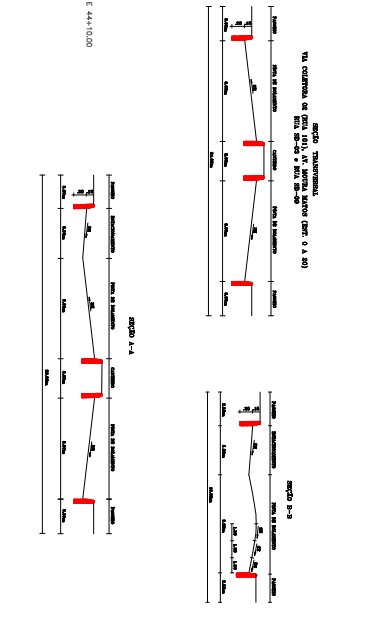
- 1) ONCE HOUVER EMPENHO A SER DEMONSTRADO, SERÁ
 - 2) RESERVA CONTRA O RISCO DE VARS COM OCOSSIM/IN (3%)
 - 3) EXECUTAR MEO DO ESCOAMENTO, TRANSMISSÃO E DECORVADE CONDUÇÃO, GAIAL OU SUPERIOR A OCOSSIM/IN (3%)
- NOTAS DE DIMENSÃO:**
- SP-06 - ENTRE AS ESTACAS 7+15,00 E 1+4+5,00
 - SP-07 - ENTRE AS ESTACAS 0+15,00 E 1+4
 - SP-08 - ENTRE AS ESTACAS 1+4+0,00 E 1+4
 - SP-09 - ENTRE AS ESTACAS 6 E 7+4+0,00
 - SP-10 - ENTRE AS ESTACAS 6 E 7+4+0,00 E 7+15,00
 - SP-11 - ENTRE AS ESTACAS 0+10,00 E 6, 7+5,00, 11+15,00
 - SP-12 - ENTRE AS ESTACAS 0+10,00 E 6
 - SP-13 - ENTRE AS ESTACAS 0+10,00 E 6
 - SP-14 - ENTRE AS ESTACAS 26+10,00 E 28+10,00; 41+10,00 E 44+10,00
 - SP-04 - ENTRE AS ESTACAS 10 E 16
 - SP-05 - ENTRE AS ESTACAS 8 E 11; 33 E 56
 - SP-06 - ENTRE AS ESTACAS 0+10,00 E 11
 - VA FERRETE 13 E 0+000 - ENTRE AS ESTACAS 0+10 E 10



URBANIZAÇÃO COMUNITARIE ROSALINA 01/16		PROJETO Nº. 1038/27-5	
PAVIMENTAÇÃO E REBRASAMENTO		ESCALA:	
PLANILHA Nº. 01		DATA:	
DATA DO PROJETO:		DATA DE EXECUÇÃO:	
PROJETO Nº. 1038/27-5		DATA:	
PROJETO Nº. 1038/27-5		DATA:	
PROJETO Nº. 1038/27-5		DATA:	



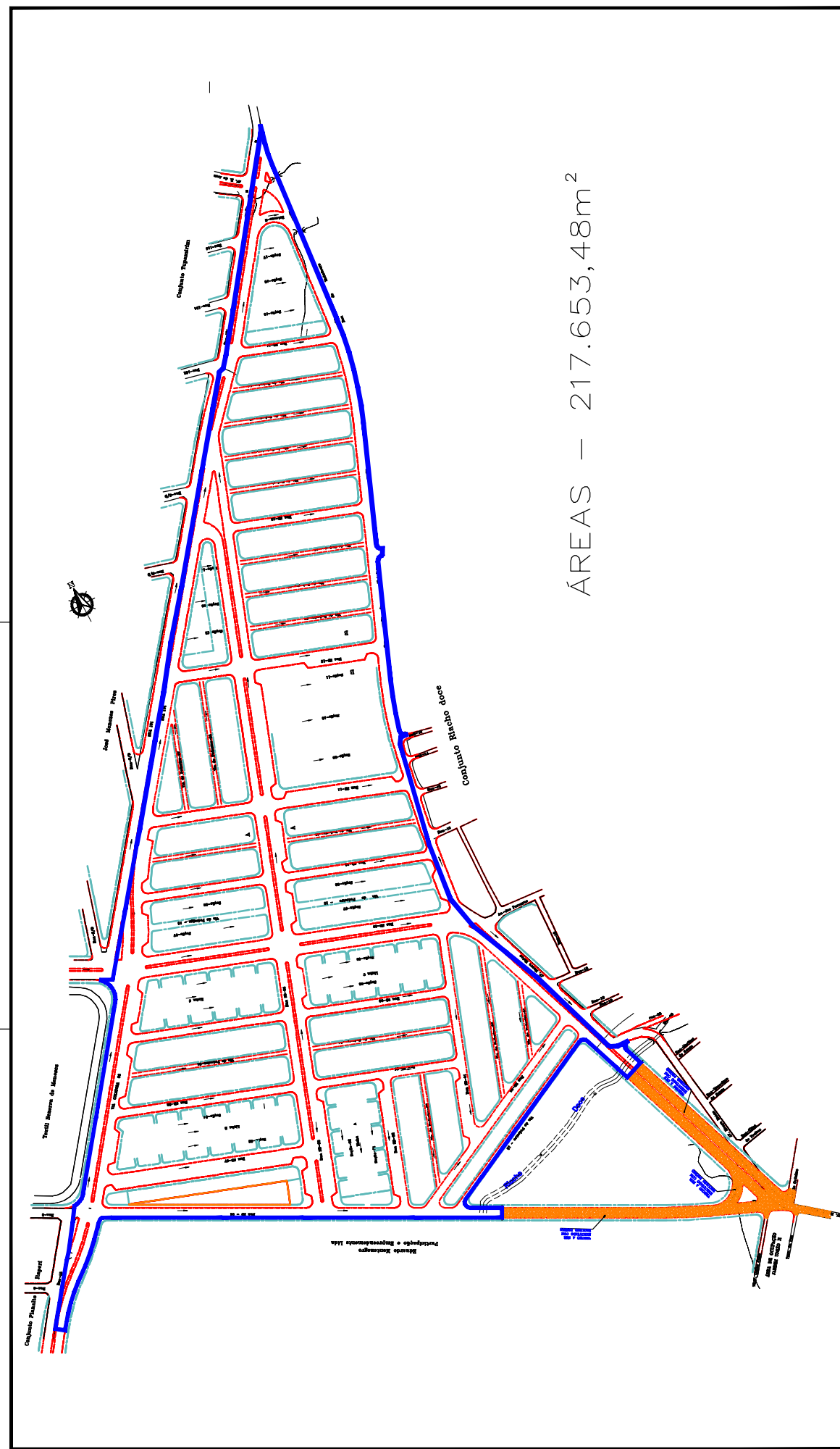
- 1) OBRAS A SER EXECUTADAS A SER REALIZADA, SEM PRECISAR DE LICENÇA DE INTERVENÇÃO EM OBRAS DE INTERESSE PÚBLICO.**
- 2) REALIZAR COMAS LINDOZAS EM TODAS AS VIAS COM 0,20m/m² (CSP).**
- 3) EXECUTAR MURO DE REBORDADO, TRANSMISSÃO, AS CONDIÇÕES DE DRENAGEM E SUSTENTABILIDADE DO TERRENO, COM 0,20m/m² (CSP).**
- 4) CORTAR O LITO, PROTEGER E SUSTENTAR POR MEIO DE MANTIMENTO DAS SEQUÊNCIAS RUAIS:**
- SEC-06 - ENTRE AS ESTACÕES 7+15,00 E 14+5,00
 - SEC-06 - ENTRE AS ESTACÕES 7+15,00 E 14
 - SEC-06 - ENTRE AS ESTACÕES 7+15,00 E 14
 - SEC-10 - ENTRE AS ESTACÕES 8+10,00 E 13+5,00
 - SEC-10 - ENTRE AS ESTACÕES 8+10,00 E 13+5,00
 - SEC-10 - ENTRE AS ESTACÕES 8+10,00 E 13+5,00
 - SEC-15 - ENTRE AS ESTACÕES 9+10,00 E 10+0,00
 - SEC-15 - ENTRE AS ESTACÕES 9+10,00 E 10+0,00
 - SEC-15 - ENTRE AS ESTACÕES 9+10,00 E 10+0,00
- 5) CORTAR O LITO, PROTEGER E SUSTENTAR POR MEIO DE MANTIMENTO DAS SEQUÊNCIAS RUAIS:**
- VA COLUNA CENTRAL (01) - ENTRE AS ESTACÕES 50 E 54
 - VA PERIFÉRICA (15) - ENTRE AS ESTACÕES 0+10 E 10



- LEGENDA:**
- MUR DE EXISTENTE
 - PROJEÇÃO DO MUR
 - MUR PROPOSTO
 - MUR DE EXISTENTE
 - SENSO DO ESCORRIMENTO SUPERFICIAL

- LEGENDA:**
- ÁREAS EXISTENTES
 - CÁLCULO EXISTENTE
 - LOTES/QUILAS PROPOSTOS
 - SPÓTIOS

<p>Fortaleza</p>			
<p>ASSUNTO: URBANIZAÇÃO COMUNITARIE ROSALINA</p>			
<p>PAVIMENTAÇÃO E TERRAPLENAGEM</p>			
<p>PLANTA BAIXA</p>		<p>PRONCHIA No. 15/16</p>	
<p>AUTOR DO PROJETO: ANA RUTH BEZERRA SOARES VAZ</p>		<p>ESCALA: 1:1.500</p>	
<p>ENQA. CREA No. T0882/D-06</p>		<p>DATA: JUN/2003</p>	
<p>BARRO: PARQUE DOS IRMÃOS</p>		<p>TOPOGRAFIC:</p>	
<p>REVISÃO:</p>		<p>RESP. DATA:</p>	
<p>DESENHADOR:</p>		<p>DATA:</p>	



ÁREAS - 217.653,48m²


LEGENDA

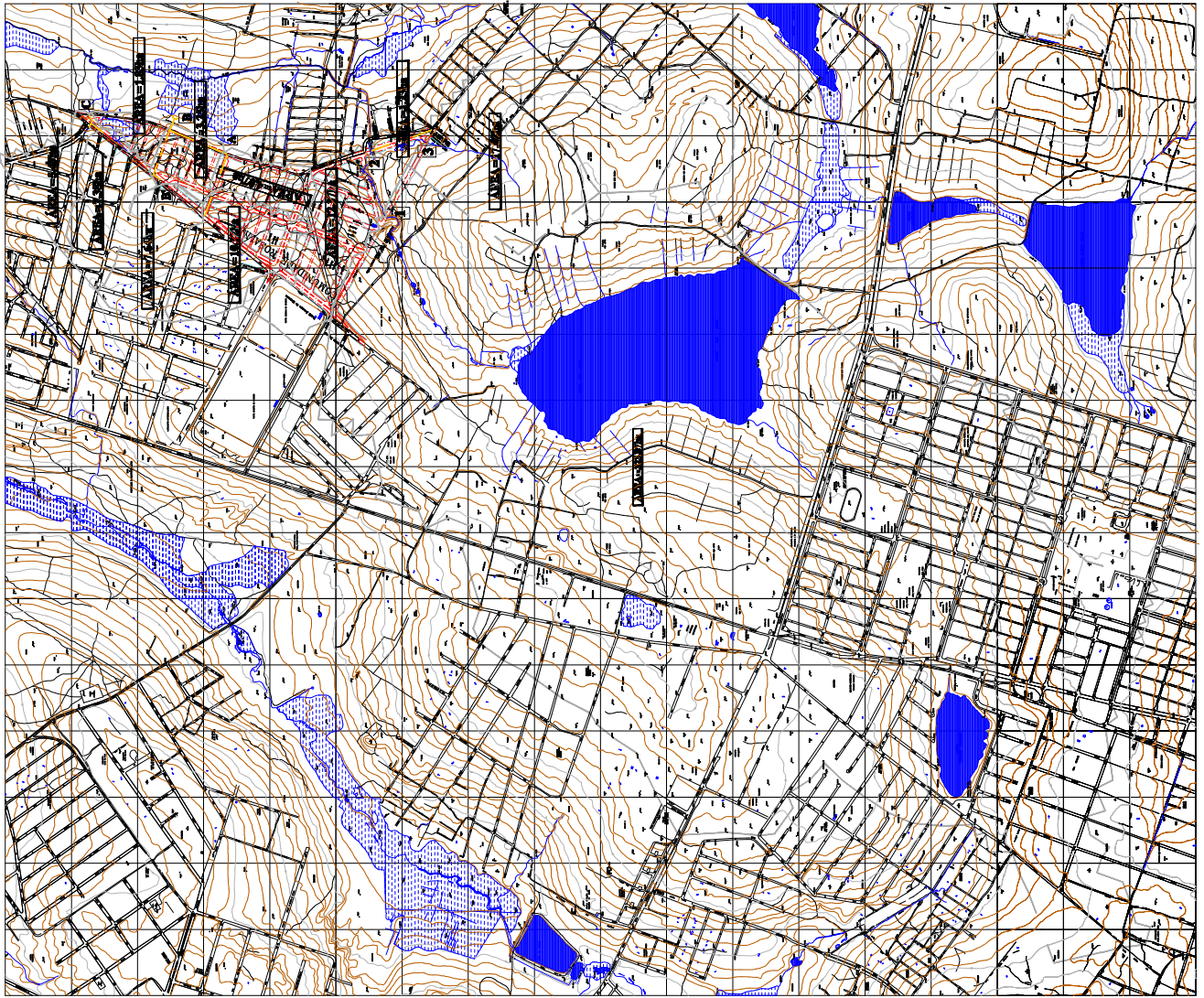
- MEIO FIO EXISTENTE
- - - MEIO FIO PROJETADO
- MEIO PROJETADO
- ROTEIRIZAÇÃO
- ▭ PROJECÇÃO EIXO/ESTABELECIMENTO

ESCALAS

Horizontal 1:3.500






 PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA - PIB GOVERNADOR: MARCELO CRUZ DE ARAUJO SECRETÁRIO DE URBANISMO E INFRAESTRUTURA - SEMUP	BARRIO PARQUE DOS IRMÃOS	FOLHA 16/16
	ASSUNTO URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA ÁREAS DO LOTEAMENTO	DESENHO -
PROJETA ENG. ANA RUTH BEZERRA SOARES VAZ CREA-CE 10.082-D/CE	SENY -	ANO - 2002



- LEGENDA
- ARRUIAMENTO
 - CURVA DE NIVEL
 - LIMITE DA BACIA
 - GALERIA PROJETADA

REV.	DISCIPLINA	ESP.	DATA

PRONCHIA Nº: 14/16

ASSUNTO: URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA (DRENAGEM)

ESCALA: 1:5.000

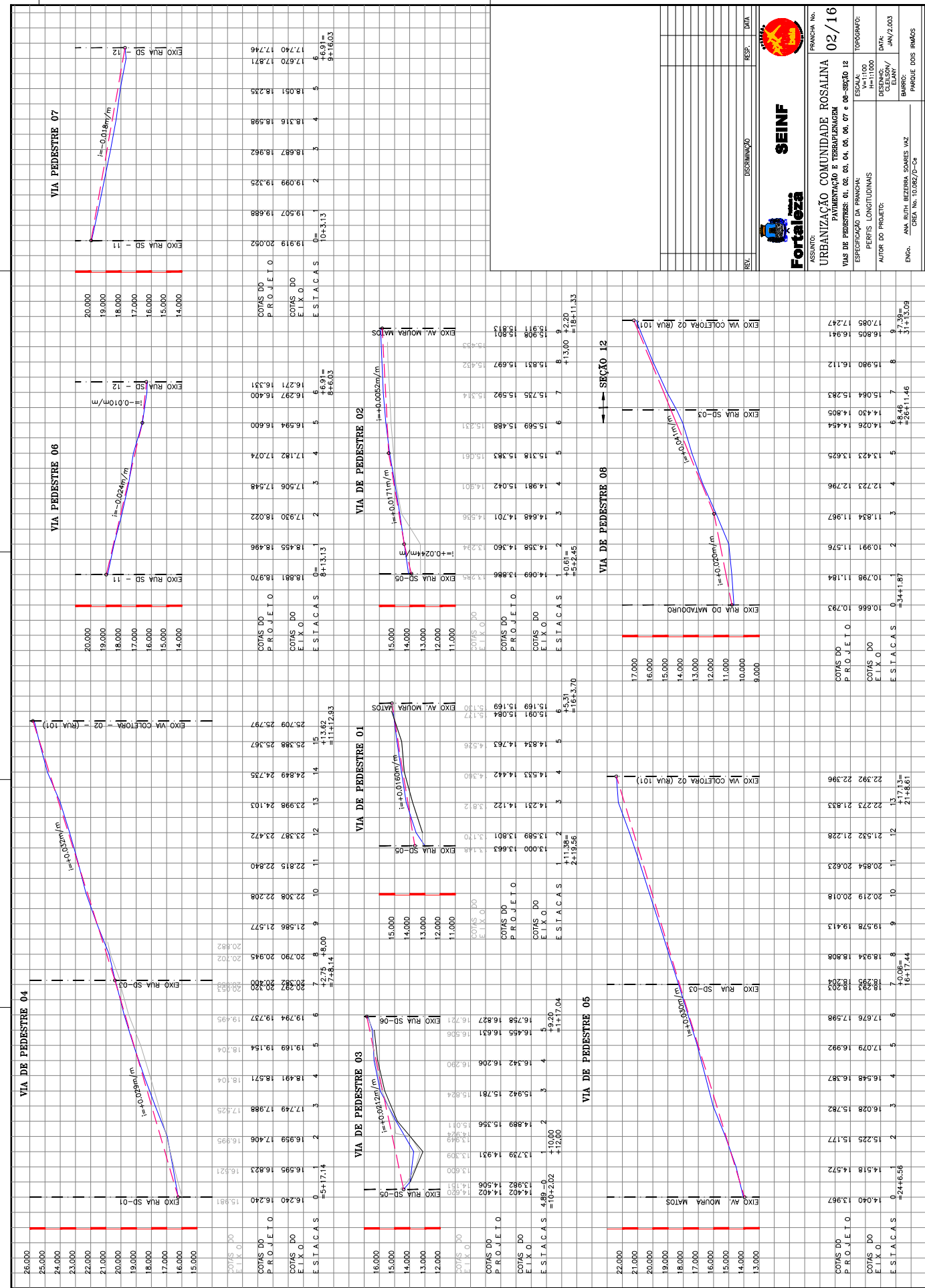
DESENHO: BACIA DE CONTRIBUIÇÃO

AUTOR DO PROJETO: ANA RUTHIE BEZERRA SOARES VAZ

DATA: JUN/2003

PROJETO: DRENAGEM

FUNDO: PAVILÃO DOS BARRIOS



Fortaleza

SEINF

ASSUNTO: URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA
 PAVIMENTAÇÃO E TERRAPLENAGEM
 VIAS DE PEDESTRES: 01, 02, 03, 04, 06, 07 e 08 - SEÇÃO 12

ESCALA: 1:500
 TOPOGRAFIA: 1:1000

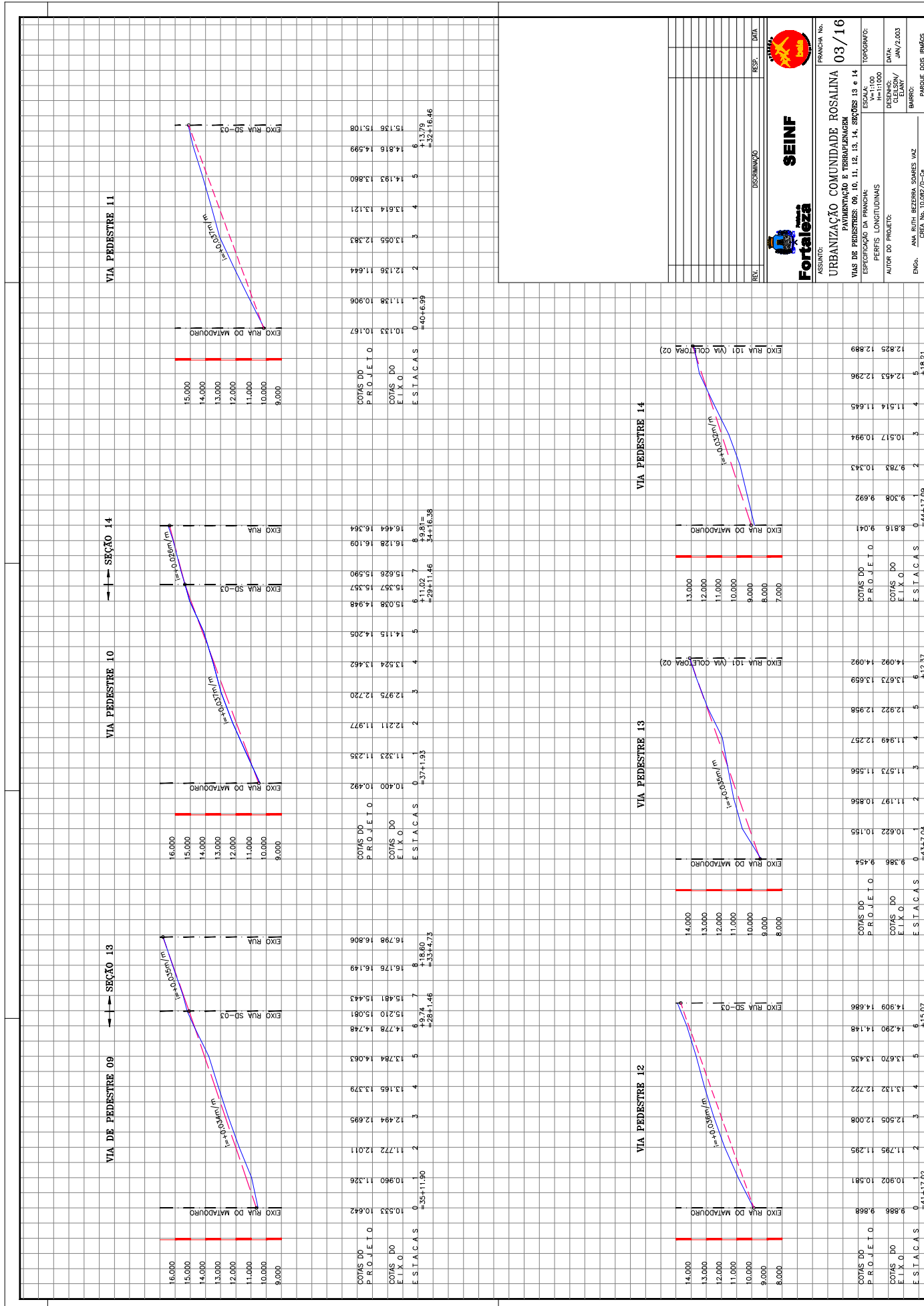
DESENHO: CLEISON / 02/03
 DATA: JUN/2003

AUTOR DO PROJETO: PARQUE DOS RAMOS
 ENG. ANA RUIZ BEZERRA GOMES VAZ
 CREA N.º. 10.082/P-05

FRANCHA N.º: 02/16

REVISÃO: DATA: RESP: DATA:

DESCRIÇÃO: DATA: RESP: DATA:



VIA DE PEDESTRE 09

SEÇÃO 13

VIA PEDESTRE 10

SEÇÃO 14

VIA PEDESTRE 11

16.000	15.000	14.000	13.000	12.000	11.000	10.000	9.000
EIXO RUA DO MATADOURO							
EIXO RUA SD-03							
EIXO RUA							
$i = +0,05\%/m$							
$i = +0,05\%/m$							

10.533	10.533	10.642	10.960	11.266	11.772	12.011	12.694	13.379	13.784	14.063	14.778	15.210	15.481	16.176	16.496	16.798	16.806
E.S.T.A.C.A.S																	
=35+11,90																	
=28+1,46																	
=33+4,75																	

16.000	15.000	14.000	13.000	12.000	11.000	10.000	9.000
EIXO RUA DO MATADOURO							
EIXO RUA SD-03							
EIXO RUA							
$i = +0,05\%/m$							
$i = +0,05\%/m$							

14.115	14.205	15.038	15.357	15.626	16.128	16.464	16.564
E.S.T.A.C.A.S							
=29+11,46							
=34+16,38							
=39,81							

15.000	14.000	13.000	12.000	11.000	10.000	9.000
EIXO RUA DO MATADOURO						
EIXO RUA SD-03						
EIXO RUA						
$i = +0,05\%/m$						
$i = +0,05\%/m$						

10.157	10.153	10.833	11.338	12.136	13.056	13.614	14.193	14.816	15.108
E.S.T.A.C.A.S									
=40+16,09									
=32+16,46									
=13,79									

VIA PEDESTRE 12

VIA PEDESTRE 13

VIA PEDESTRE 14

14.000	13.000	12.000	11.000	10.000	9.000	8.000
EIXO RUA DO MATADOURO						
EIXO RUA SD-03						
EIXO RUA						
$i = +0,05\%/m$						
$i = +0,05\%/m$						

9.866	9.868	10.902	10.581	12.505	12.008	13.132	12.722	13.670	13.435	14.290	14.148	14.909	14.686
E.S.T.A.C.A.S													
=41+17,02													
=34+16,46													

14.000	13.000	12.000	11.000	10.000	9.000	8.000
EIXO RUA DO MATADOURO						
EIXO RUA SD-03						
EIXO RUA						
$i = +0,05\%/m$						
$i = +0,05\%/m$						

9.386	9.454	10.622	10.155	11.197	10.856	11.973	11.556	11.949	12.257	12.922	12.958	13.673	13.659	14.092	14.092
E.S.T.A.C.A.S															
=43+7,04															
=41+18,40															

13.000	12.000	11.000	10.000	9.000	8.000	7.000
EIXO RUA DO MATADOURO						
EIXO RUA SD-03						
EIXO RUA						
$i = +0,05\%/m$						
$i = +0,05\%/m$						

8.816	9.041	9.308	9.692	9.783	10.343	10.517	10.994	11.514	11.645	12.453	12.296	12.825	12.889
E.S.T.A.C.A.S													
=44+17,89													
=43+10,95													

FRANCHA No.
03/16

ASSUNTO:
**URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA
PATIMANTAÇÃO E TERRAPLENAGEM**

VIAS DE PEDESTRES: 09, 10, 11, 12, 13, 14, SEÇÕES 13 e 14

ESCALA: 1:1000

DESENHO: CLEISON/

AUTOR DO PROJETO: CLEISON/

DATA: JAN/2003

BARRO: PARQUE DOS IRMÃOS

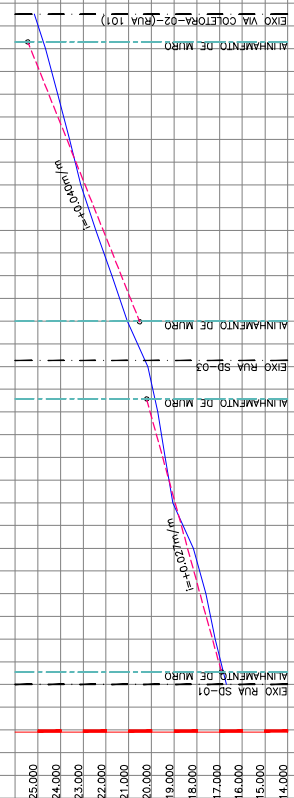
REV.	DESCRIÇÃO	RES.	DATA

VIA DE PEDESTRE - 16



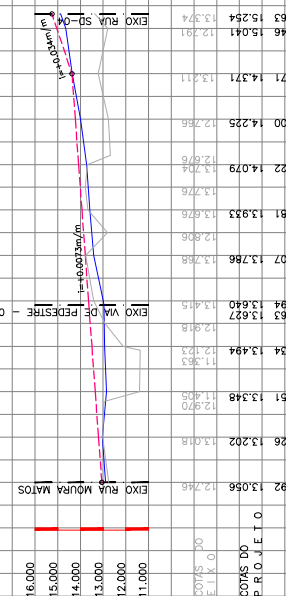
COBAS DO P.R.O.J.E.T.O	23.706	23.770	23.800	23.984
COBAS DO E.L.I.X.O	19.612	19.587	19.911	19.783
E.S.T.A.C.A.S.	0+0	7+132.1	8	14+6.41

VIA DE PEDESTRE - 15



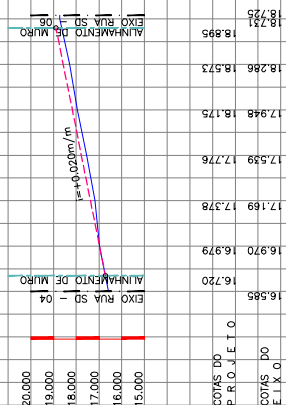
COBAS DO P.R.O.J.E.T.O	12.746	13.056	12.892	13.066	12.746
COBAS DO E.L.I.X.O	12.870	13.348	12.851	13.494	11.983
E.S.T.A.C.A.S.	0+0	1+18.9	1+5.50	2+18.8	3+7.0

VIA DE PEDESTRE - 14



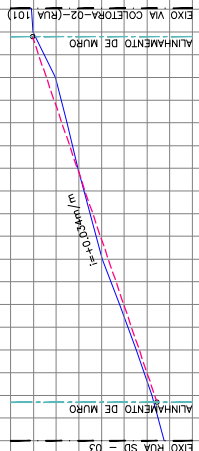
COBAS DO P.R.O.J.E.T.O	14.863	15.041	14.646	15.041	14.863	15.254	13.374
COBAS DO E.L.I.X.O	12.806	13.786	14.407	13.786	14.371	14.371	13.211
E.S.T.A.C.A.S.	0+0	1+18.9	1+5.50	2+18.8	3+7.0	4+16.19	5+3.00

VIA DE PEDESTRE - 13



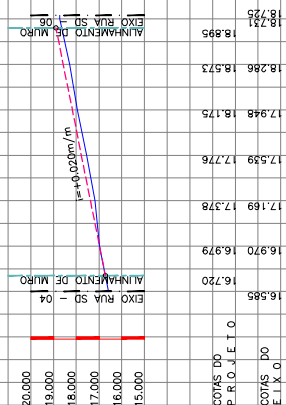
COBAS DO P.R.O.J.E.T.O	19.584	19.584	19.922	19.584
COBAS DO E.L.I.X.O	14.922	15.058	14.922	15.283
E.S.T.A.C.A.S.	0+0	21+5.00	1	21+5.00

LINHA B



COBAS DO P.R.O.J.E.T.O	19.584	19.584	19.922	19.584
COBAS DO E.L.I.X.O	14.922	15.058	14.922	15.283
E.S.T.A.C.A.S.	0+0	21+5.00	1	21+5.00

LINHA A



COBAS DO P.R.O.J.E.T.O	16.720	16.720	16.970	16.720
COBAS DO E.L.I.X.O	16.585	17.189	17.378	16.585
E.S.T.A.C.A.S.	0+0	19+0.03	1	19+0.03

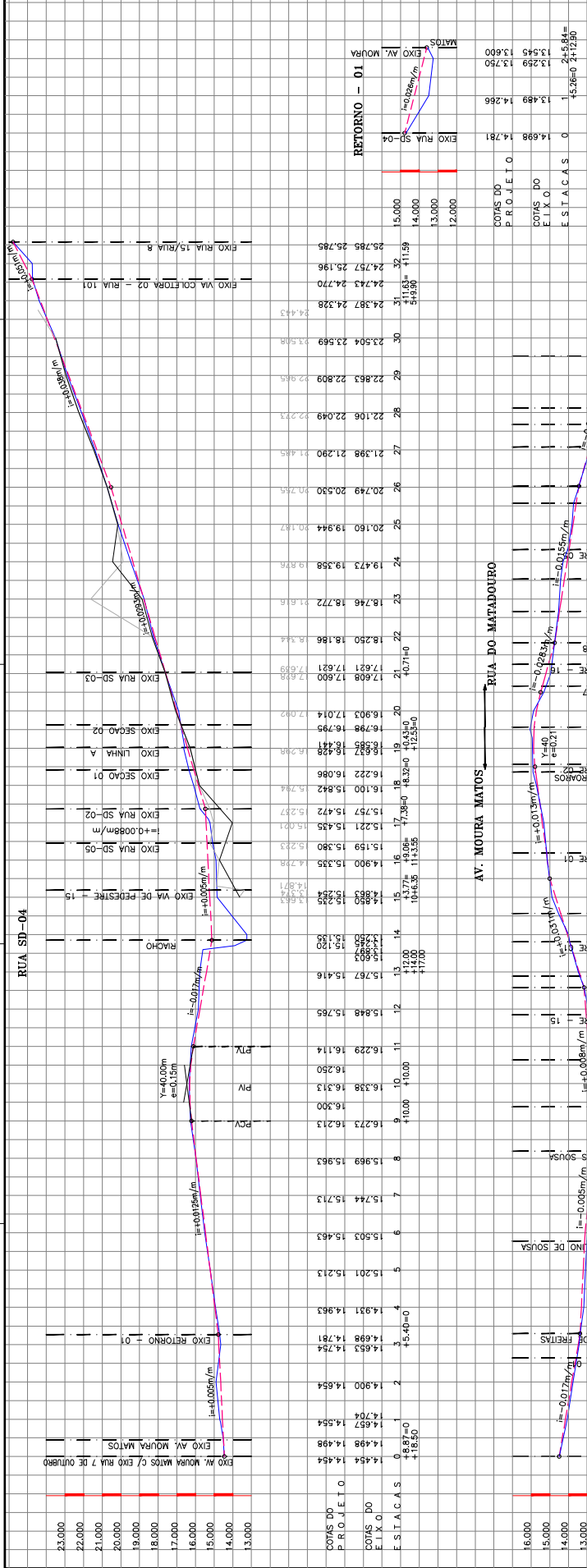
FRANCHA No. 04/16
ASSUNTO: URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA
PAVIMENTAÇÃO E TERRAPLENAGEM
LINHAS: A, B e C. VIA DE PEDESTRE 15 e 16
ESCALA: H=1:1000
TOPOGRAFIA: CELSONY
DESENHO: CELSONY
DATA: JAN/2.003
AUTOR DO PROJETO: ANA RUIZ BEZERRA, GONDES VAZ
ENGA. CREA Nos. 10.082/P-C-5
PARQUE DOS IRMÃOS

REV.	DESCRIÇÃO	RESP.	DATA

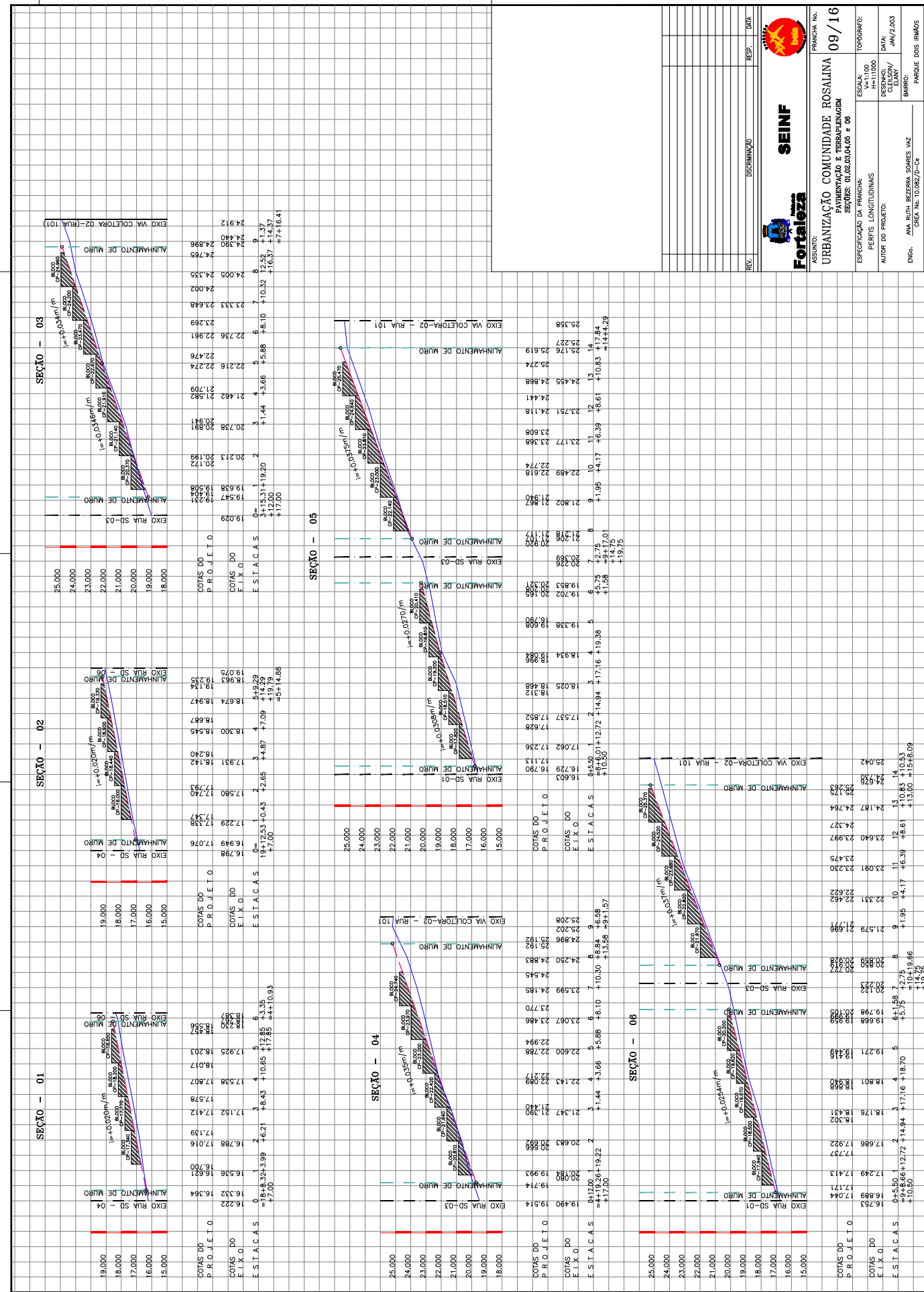


FRANCHA No. 07/16
 ASSUNTO: URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSAINA
 PAYMENTAÇÃO E TERRAPLENAGEM
 RUA 30-04, AV. MOURA MATOS/RUA DO MATADOURO e RETORNO 01
 ESPECIFICAÇÃO DA FRANCHA:
 ESCALA: 1:500
 n=10.000
 DESENHO: CELSONY/
 DATA: JAN/2003
 PERFILS LONGITUDINAIS
 AUTOPROJETO:
 ENGA. ANA RUIZ BEZERRA SOARES VIZ
 CREA No. 10.082/P-05 PARQUE DOS IRMÃOS

REV.	DESCRIÇÃO	RESP.	DATA



ESTACIAÇÃO	ALTIMETRIA	ESTACIAÇÃO	ALTIMETRIA	ESTACIAÇÃO	ALTIMETRIA	ESTACIAÇÃO	ALTIMETRIA	ESTACIAÇÃO	ALTIMETRIA
0+00	14.554	10+00	16.273	20+00	18.933	30+00	21.593	40+00	24.253
1+00	14.554	11+00	16.273	21+00	18.933	31+00	21.593	41+00	24.253
2+00	14.554	12+00	16.273	22+00	18.933	32+00	21.593	42+00	24.253
3+00	14.554	13+00	16.273	23+00	18.933	33+00	21.593	43+00	24.253
4+00	14.554	14+00	16.273	24+00	18.933	34+00	21.593	44+00	24.253
5+00	14.554	15+00	16.273	25+00	18.933	35+00	21.593	45+00	24.253
6+00	14.554	16+00	16.273	26+00	18.933	36+00	21.593	46+00	24.253
7+00	14.554	17+00	16.273	27+00	18.933	37+00	21.593	47+00	24.253
8+00	14.554	18+00	16.273	28+00	18.933	38+00	21.593	48+00	24.253
9+00	14.554	19+00	16.273	29+00	18.933	39+00	21.593	49+00	24.253
10+00	14.554	20+00	16.273	30+00	18.933	40+00	21.593	50+00	24.253
11+00	14.554	21+00	16.273	31+00	18.933	41+00	21.593	51+00	24.253
12+00	14.554	22+00	16.273	32+00	18.933	42+00	21.593	52+00	24.253
13+00	14.554	23+00	16.273	33+00	18.933	43+00	21.593	53+00	24.253
14+00	14.554	24+00	16.273	34+00	18.933	44+00	21.593	54+00	24.253
15+00	14.554	25+00	16.273	35+00	18.933	45+00	21.593	55+00	24.253
16+00	14.554	26+00	16.273	36+00	18.933	46+00	21.593	56+00	24.253
17+00	14.554	27+00	16.273	37+00	18.933	47+00	21.593	57+00	24.253
18+00	14.554	28+00	16.273	38+00	18.933	48+00	21.593	58+00	24.253
19+00	14.554	29+00	16.273	39+00	18.933	49+00	21.593	59+00	24.253
20+00	14.554	30+00	16.273	40+00	18.933	50+00	21.593	60+00	24.253



REV.	DESCRIÇÃO	RESP.	DATA

Fortaleza **SEINF**

FRANCHA No. **09/16**

ASSUNTO: **URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA PAVIMENTAÇÃO E TERRAPLENAGEM**

ESCALA: m 1:1000

TOPOGRAFIA: m 1:1000

DATA: JAN/2.003

DESENHO: CELSONY/

AUTOR DO PROJETO: PERIS LONGITUDINAIS

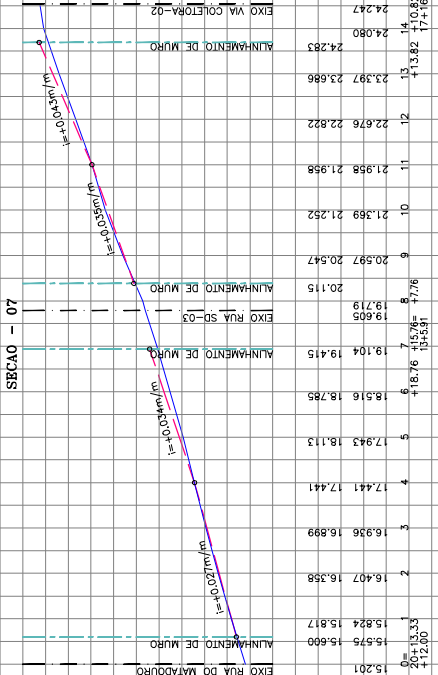
BARRO: PARQUE DOS IRMÃOS

ENGA. ANA RUBY BEZERRA SOARES VAZ

CREA No. 10.082/2-CE

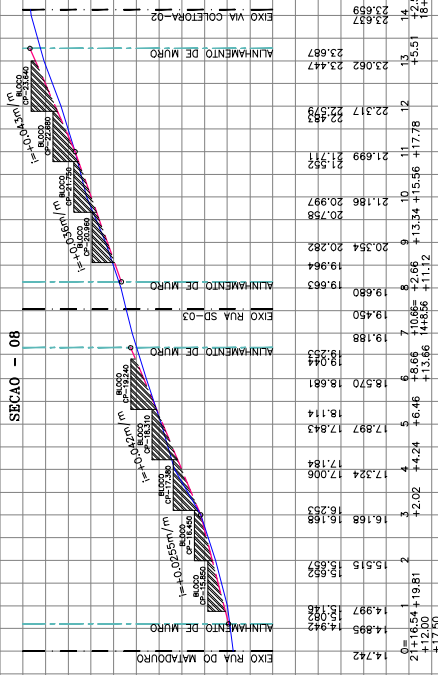
ESPECIFICAÇÃO DA FRANCHA: PERIS LONGITUDINAIS

SECAO - 07



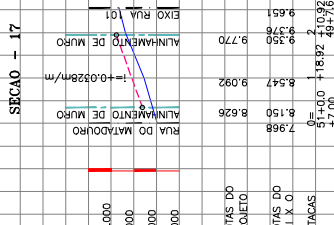
ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE	ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE
0	14.000	15.201	10	21.369	21.252
1	15.000	15.600	11	21.958	21.958
2	16.000	15.765	12	22.676	22.822
3	17.000	15.201	13	23.397	23.686
4	18.000	15.575	14	24.080	24.247
5	19.000	15.201	15		
6	20.000	15.201	16		
7	21.000	15.201	17		
8	22.000	15.201	18		
9	23.000	15.201	19		
10	24.000	15.201	20		

SECAO - 08



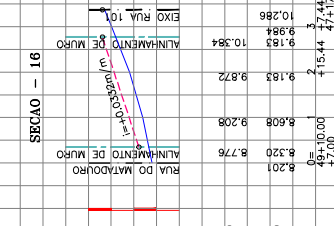
ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE	ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE
0	13.000	14.742	10	20.997	20.997
1	14.000	14.895	11	21.699	21.711
2	15.000	15.155	12	22.317	22.553
3	16.000	16.168	13	23.062	23.447
4	17.000	17.324	14	23.837	24.247
5	18.000	17.897	15		
6	19.000	18.114	16		
7	20.000	18.570	17		
8	21.000	19.064	18		
9	22.000	19.653	19		
10	23.000	20.354	20		

SECAO - 17



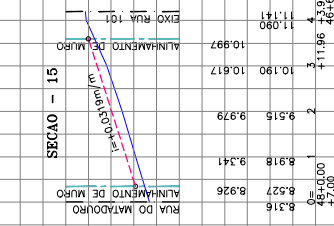
ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE
0	7.000	7.968
1	8.000	8.547
2	9.000	9.092
3	10.000	9.376
4	11.000	9.651

SECAO - 16



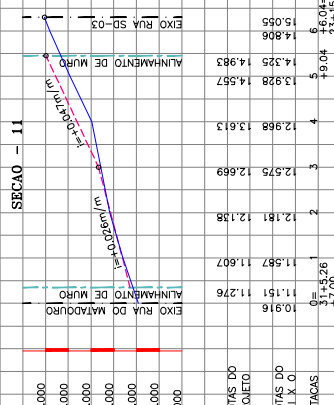
ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE
0	7.000	8.201
1	8.000	8.608
2	9.000	9.183
3	10.000	9.984
4	11.000	10.286

SECAO - 15



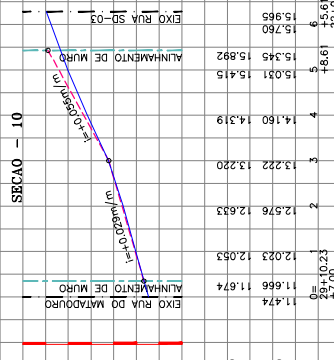
ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE
0	7.000	8.316
1	8.000	8.927
2	9.000	9.515
3	10.000	10.190
4	11.000	11.090

SECAO - 11



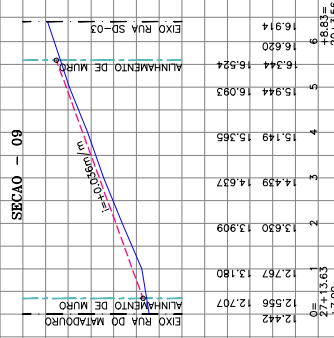
ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE
0	9.000	10.916
1	10.000	11.511
2	11.000	11.587
3	12.000	12.699
4	13.000	13.613
5	14.000	14.571
6	15.000	14.983

SECAO - 10




ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE
0	10.000	11.474
1	11.000	11.666
2	12.000	12.023
3	13.000	12.633
4	14.000	13.220
5	15.000	14.319
6	16.000	15.415
7	17.000	15.892
8	18.000	15.965


SECAO - 09



ESTACAS	COTAS DO PROJETO	COTAS DO EXISTENTE
0	11.000	12.442
1	12.000	12.556
2	13.000	12.767
3	14.000	13.180
4	15.000	13.909
5	16.000	14.637
6	17.000	15.365
7	18.000	16.093
8	19.000	16.824
9	20.000	16.914



Fortaleza



SEINF

FRANCHA No. **10/16**

ASSUNTO: **URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA PAVIMENTAÇÃO E TERRAPLENAGEM**

SEÇÕES: 07, 08, 09, 10, 11, 15, 16 e 17

ESCALA: 1:500

TOPOGRAFIA: 1:1000

DESENHO: CELSON/

DATA: JUN/2003


AUTOR DO PROJETO:

ENGA. ANA RUTH BEZERRA SOARES VAZ


CREA No. 10.082/P-C5

PARQUE DOS IRMÃOS

REV.	DESCRIÇÃO	RESP.	DATA



Fortaleza



SEINF

FRANCHA No: **13/16**

ASSUNTO: **URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA DRENAGEM**

ESCALA: **1:1000**

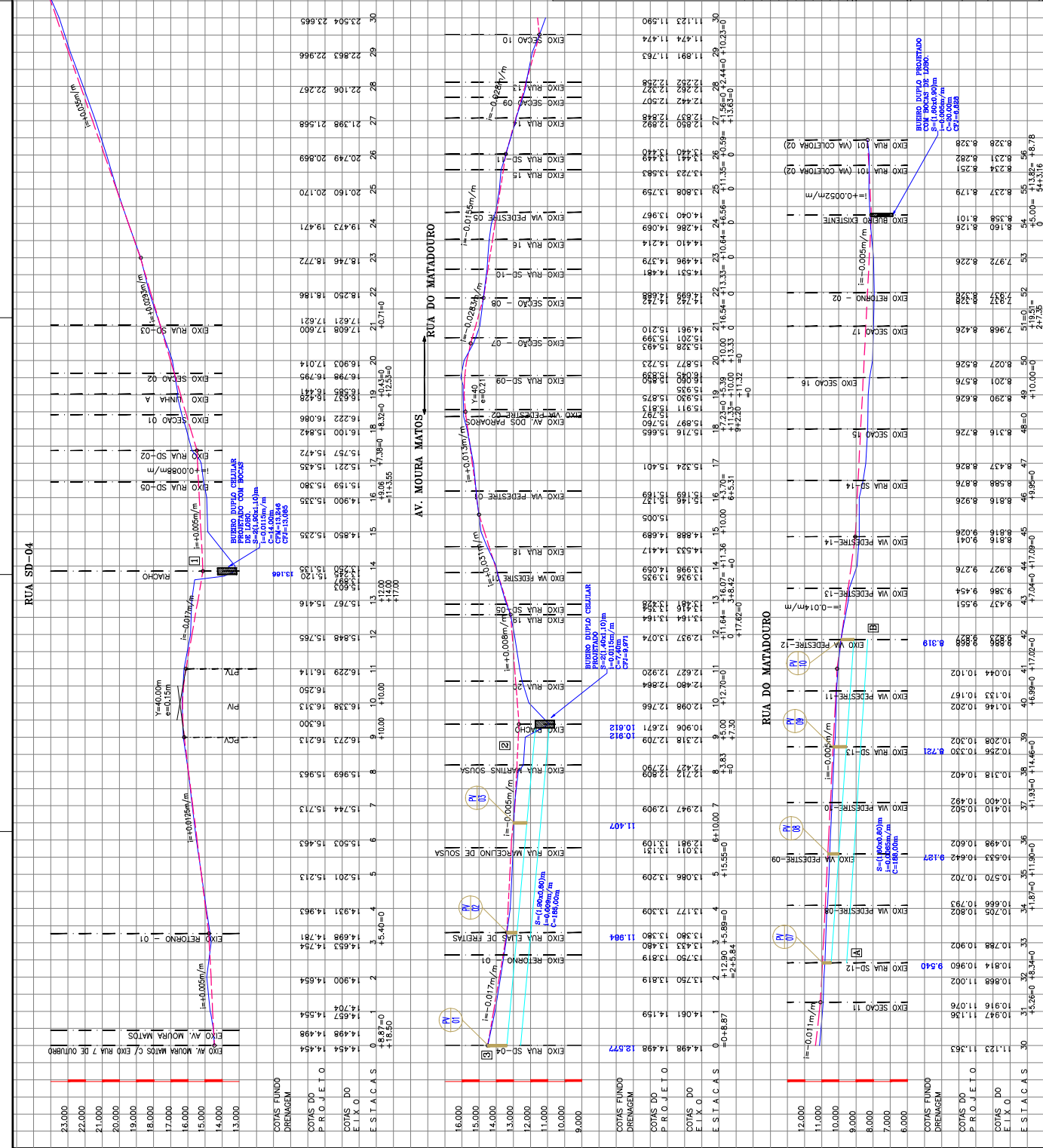
DESENHO: **PERFIS LONGITUDINAIS**

DATA: **JAN/2003**

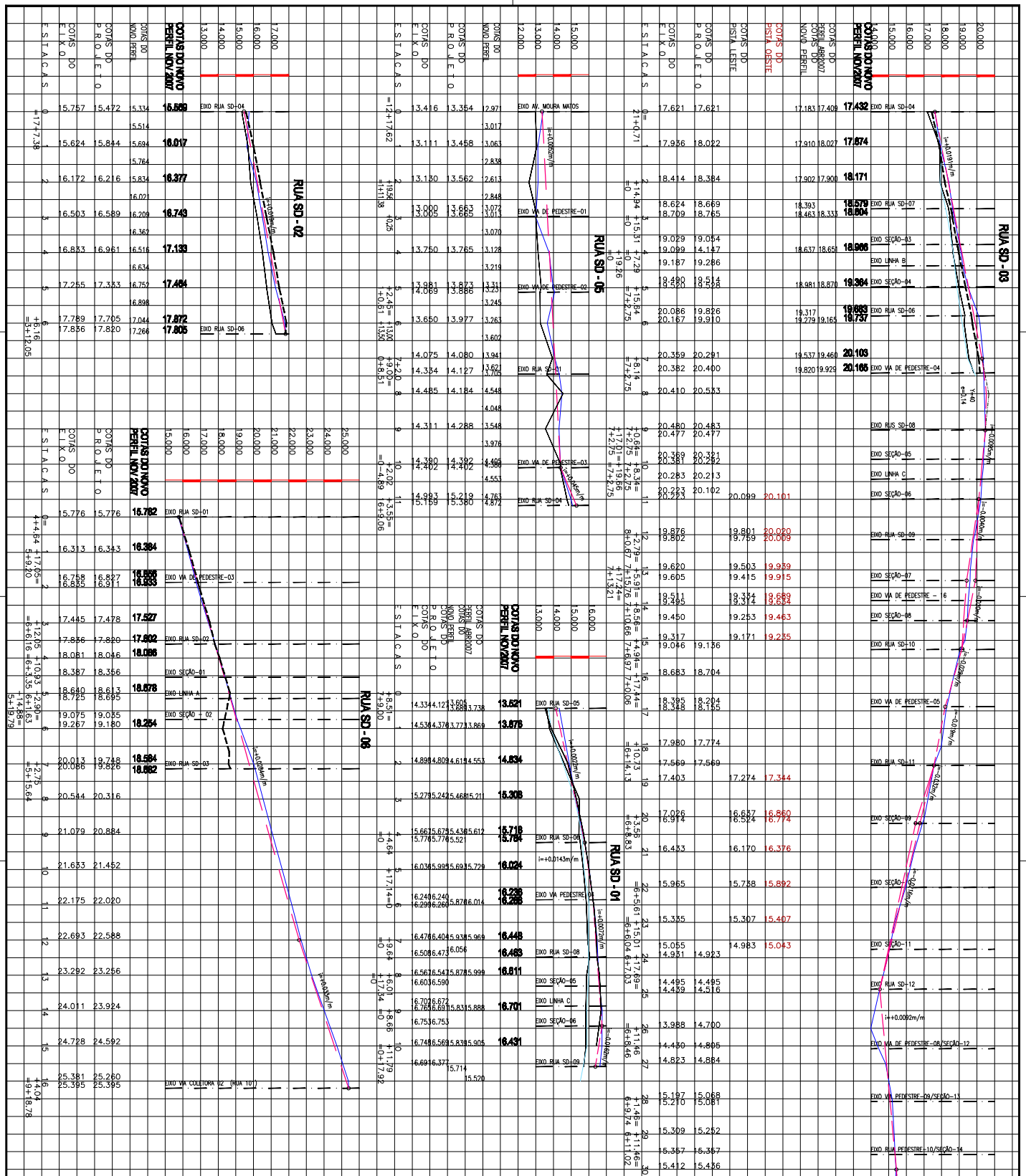
AUTOR DO PROJETO: **ENGR. ANA RUIZ BEZERRA SOARES VIZ**


BARRO: **CREA Ns. 10.082/P-05**

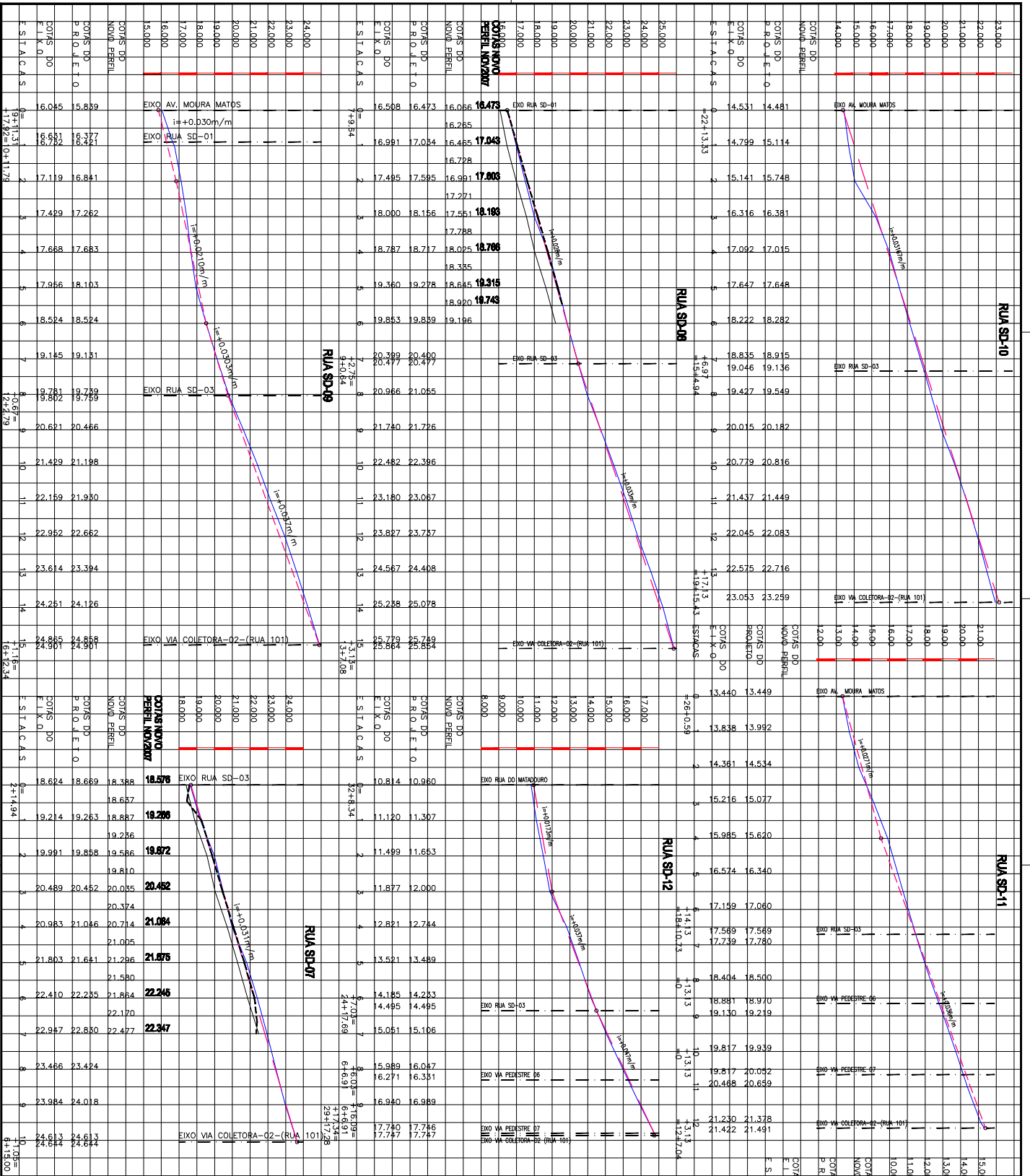
PARQUE DOS IMAGS




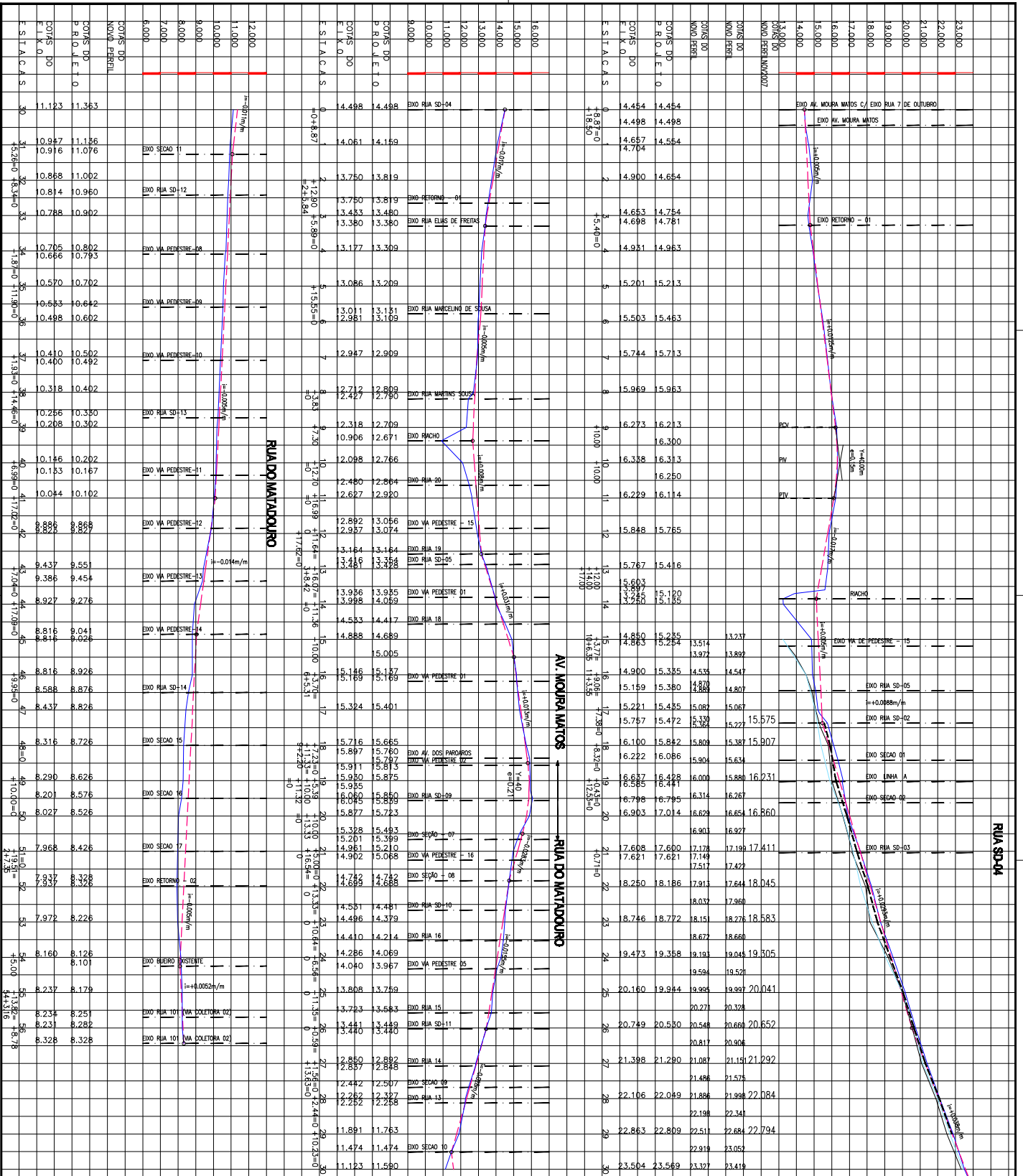
ESTACAO	ELEVACAO (m)	TIPO DE PAVIMENTO	INCLINACAO (%)
0+00	14.498	ASPH	0.00
0+10	14.544	ASPH	0.32
0+20	14.654	ASPH	0.75
0+30	14.754	ASPH	0.68
0+40	14.831	ASPH	0.52
0+50	15.213	ASPH	2.55
0+60	15.503	ASPH	1.90
0+70	15.744	ASPH	1.54
0+80	15.969	ASPH	1.40
0+90	16.273	ASPH	1.91
0+100	16.500	ASPH	1.39
0+110	16.338	ASPH	-1.17
0+120	16.229	ASPH	-0.67
0+130	15.848	ASPH	-2.34
0+140	15.767	ASPH	-0.51
0+150	15.350	ASPH	-2.63
0+160	14.900	ASPH	-3.59
0+170	15.221	ASPH	2.35
0+180	15.757	ASPH	3.54
0+190	16.100	ASPH	2.15
0+200	16.222	ASPH	0.74
0+210	16.587	ASPH	2.26
0+220	16.930	ASPH	2.07
0+230	17.600	ASPH	3.95
0+240	17.821	ASPH	1.26
0+250	18.250	ASPH	2.41
0+260	18.746	ASPH	2.73
0+270	19.473	ASPH	3.88
0+280	20.160	ASPH	3.51
0+290	20.749	ASPH	2.91
0+300	21.568	ASPH	3.94
0+310	22.267	ASPH	3.24
0+320	22.863	ASPH	2.67
0+330	23.665	ASPH	3.48
0+340	24.364	ASPH	2.95
0+350	24.770	ASPH	1.66
0+360	25.196	ASPH	1.70
0+370	25.785	ASPH	2.34




		ASSINTO: URBANIZAÇÃO COMUNITARIE ROSALINA 05/16	
ESTAB.: H=1:1000 TOPOGRÁFICO		FRANCHIA No.	
PROJETO: PERIS LONJIDINAIS		DATA: JAN/2003	
AUTOR DO PROJETO: ANA RUIZ, BEZERRA SOARES VAZ		BARRIO: PARQUE DOS IRMÃOS	
REVISÃO:	DISTRIBUIÇÃO:	RESP.:	DATA:

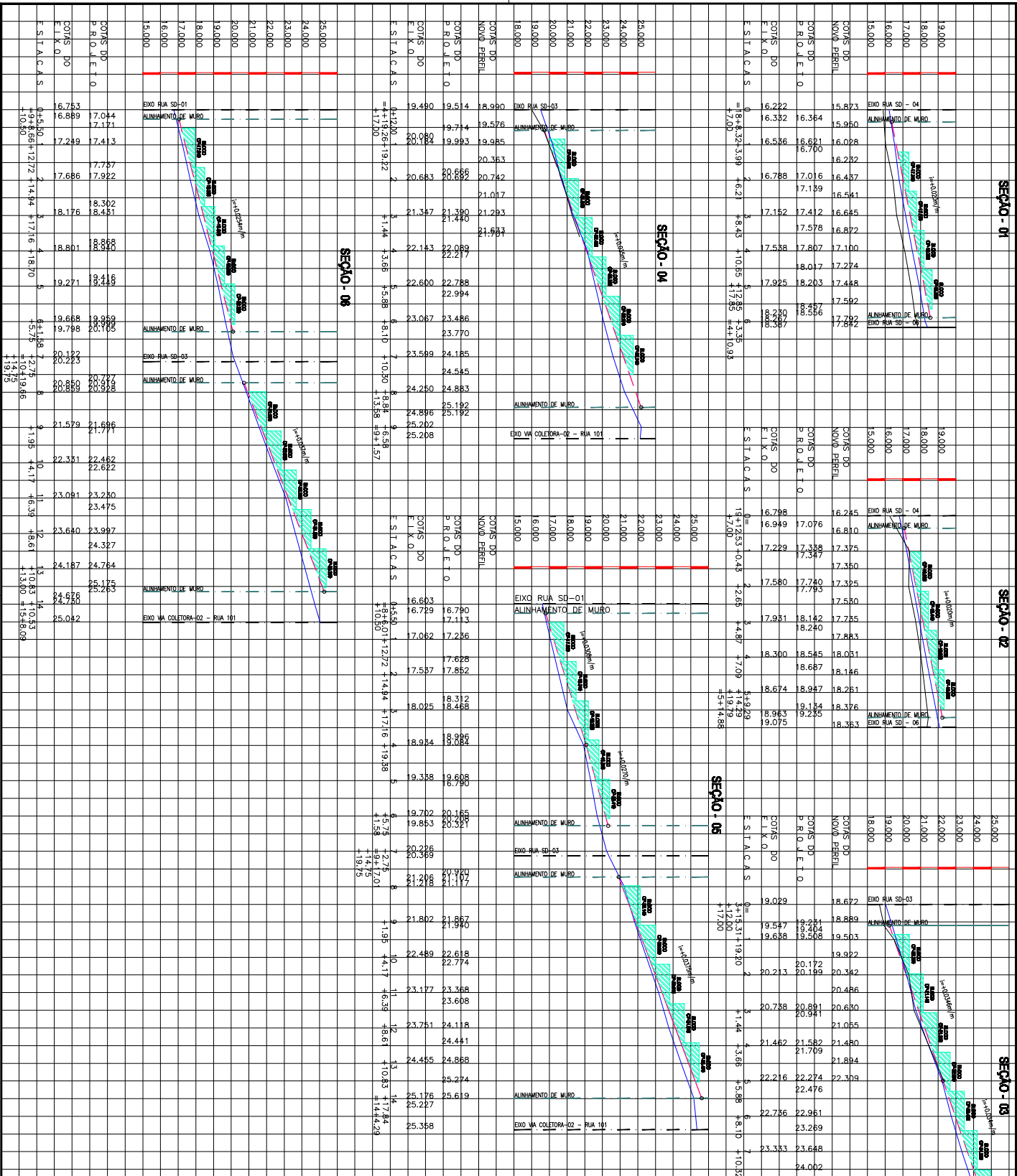




		ASSINTE: URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA ACOMPANHAMENTO OBRAS RUA SDBS 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13 E 14 PERIS LONDELIDIANAS AUTOR DO PROJETO: DESENHO/CL/ELEV/PAV/2003 DATA: JAN/2003	
ENCLAVAMENTO RUA RUIPIREZA SOARES VAZ CREA Nº. 10282/D-CG		FRANCHIA Nº. 06/16 TERCERÃO: H=1:100 DATA:	
REL.		DISCRIMINAÇÃO	
RESP.		DATA	



		ASSINTO: URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA ACOMPANHAMENTO DE OBRAS 07/16	
RUA SP-04, AV. MOURA MATOS/RUA DO MATADOURO - RETORNO 01		FRANCHIA Nº:	
ESEFEIÇÃO DA FRANCHIA: PERNIL LONJIDUINAIS		ESCALA: H=1:100 TORSORADO:	
AUTOR DO PROJETO: DESENHO/ CLEISSON/ DATA: JAN/2003		BARRIO: PARQUE DOS IRMÃOS	
ENCL.: ANA RUIZ BERTERA SOARES VAZ CREA Nº: 10282/D-CE		DISCRIMINAÇÃO RESP. DEMA	





			
ASSINTO: URBANIZAÇÃO COMUNIDADE ROSALINA			
ACOMPANHAMENTO DE OBRA SEÇÕES 01, 02, 03, 04, 05 e 06			
ESPECIFICAÇÃO DA FRANCHA: PÊRIS LONGITUDINAIS		ESCALA: H=1:1000	
AUTOR DO PROJETO: ANA RUIZ BEZERRA SOARES VAZ		TOPOGRAFIA: 09/16	
ENCO: FRANCA Nº. 10282/D-C		DESENHO/CLASSE/ELABORADO: DATA: JAN/2003	
BARREI: PARQUE DONS RAMOS		FRANCHA Nº.	